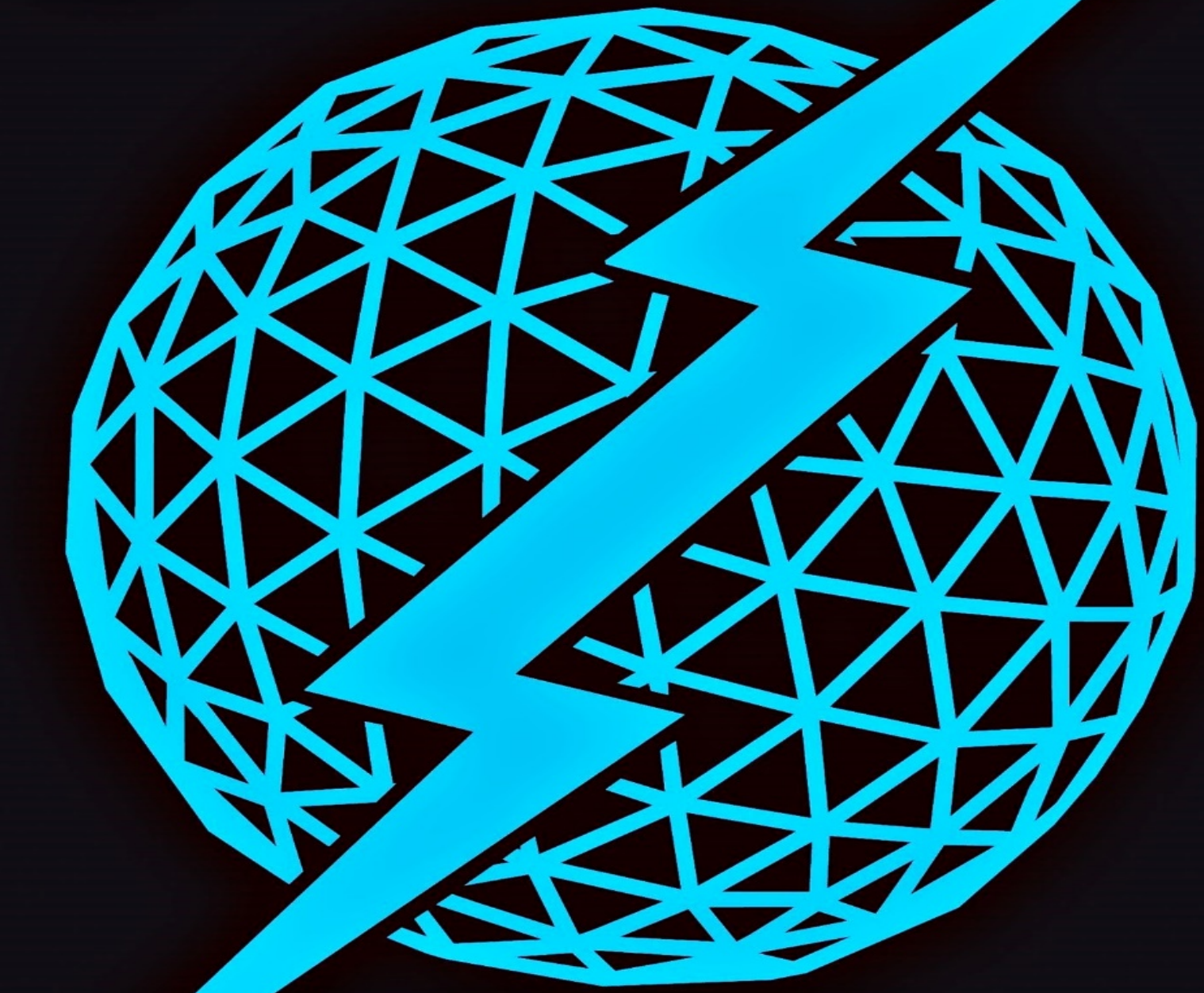
ANTHONY HOROWITZ



OPERAÇÃO STORMBREAKER

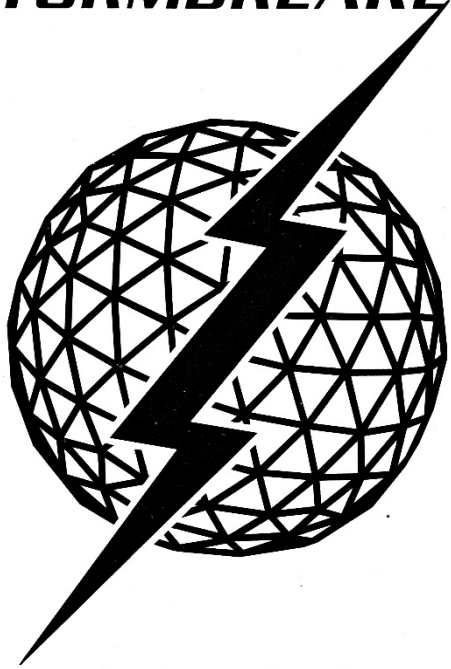
ALEX RIDER

CONTRA O TEMPO

FUNDAMENTO

ALEX RIDER CONTRA O TEMPO

OPERAÇÃO STORMBREAKER



ANTHONY HOROWITZ

EDITORA FUNDAMENTO

2013, Editora Fundamento Educacional Ltda.
Editor e edição de texto: Editora Fundamento
Editoração eletrônica: Adalbacom Design Gráfico e Comunicação CTP e impressão: Monalisa Editora e Gráfica Ltda.
Tradução: Ana Lúcia Guilherme Rodrigues
Preparação de texto: Fabiana Grazioli Medina
Publicado originalmente em 2000 por Walker Books Ltd
87 Vauxhall Walk, London SEI 1 5HJ
Copyright de texto © 2000 Stormbreaker Productions Ltd
Capa: Walker Books Ltd
Alex Rider©; Boy with Torch Logo© são marcas registradas © 2010 Stormbreaker Productions Ltd
O direito de Anthony Horowitz de ser identificado como o autor deste livro está assegurado de acordo com o Copyright, Designs and Patents Act de 1988.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser arquivada, reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação de backup sem permissão escrita do proprietário dos direitos.
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Horowitz, Anthony
Alex Rider contra o tempo 01: Operação Stormbreaker / Anthony Horowitz ; [versão brasileira da editora] . — 1. ed. — São Paulo, SP : Editora Fundamento Educacional Ltda., 2013.
Título original: Alex Rider 01 : Stormbreaker
1. Literatura infantojuvenil I. Título.
11-10992 CDD-028.5

índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5
Fundação Biblioteca Nacional
Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto n° 1.825, de dezembro de 1907.
Todos os direitos reservados no Brasil por Editora Fundamento Educacional Ltda.
Impresso no Brasil
Telefone: (41) 3015 9700
E-mail: info@editorafundamento.com.br
Site: www.editorafundamento.com.br
Digitalização e Revisão: Yuna

1

VOZES DE FUNERAL

QUANDO A CAMPAINHA toca às 3 horas da manhã, as notícias nunca são boas.

Alex Rider acordou com o primeiro toque. Ele abriu os olhos, mas por um instante ficou completamente parado na cama, deitado de costas, com a cabeça no travesseiro. Ouviu a porta de um dos quartos sendo aberta e logo o som de madeira rangendo, como se alguém descesse a escada. A campainha tocou pela segunda vez, e ele olhou para o mostrador luminoso do despertador ao seu lado. Houve um barulho rápido, como se alguém estivesse tirando a corrente de segurança da porta da frente.

Alex rolou para fora da cama e caminhou até a janela aberta, os pés descalços afundando o tapete felpudo. A luz da lua iluminou seu peito e seus ombros. Ele tinha 14 anos, boa estrutura física, o corpo de um atleta. O cabelo, cortado curto, a não ser pelas duas mechas grossas que caíam sobre a testa, era claro. Os olhos castanhos e sérios. Por um momento, o garoto ficou parado em silêncio, meio escondido nas sombras, olhando para fora. Havia um carro de polícia estacionado diante da casa. Da janela no segundo andar, era possível ver o número de identificação no teto do veículo e os quepes dos dois homens em pé na porta da frente. A luz da varanda foi acesa e, ao mesmo tempo, a porta se abriu.

— Sra. Rider?

— Não, sou a governanta. O que desejam? O que aconteceu?

— Essa é a casa do sr. Ian Rider?

— Sim.

— Será que poderíamos entrar...

E Alex logo soube. Pelo modo como os policiais ficaram parados ali, constrangidos e chateados, ele já sabia. E também pelo tom de voz deles. Voz de funeral... era assim que o garoto a descreveria mais tarde. O tipo de voz que as pessoas usam quando vêm avisar que alguém próximo morreu.

Alex foi até a porta do quarto e abriu-a. Ele conseguia ouvir os dois policiais falando no hall de entrada, mas só distinguia algumas palavras.

— ... Um acidente de carro... a ambulância foi chamada... tratamento intensivo... nada que pudessem fazer... sentimos muito.

Apenas horas depois, sentado na cozinha, observando a luz cinzenta da manhã se espalhar pelas ruas da região oeste de Londres, Alex conseguiu se dar conta do que acontecera. O tio dele, Ian Rider, estava morto. Ian dirigia de volta para casa quando seu carro fora atingido por um caminhão em um cruzamento na Old Street e ele morrera quase instantaneamente. O policial dissera que o tio estava sem o cinto de segurança. Se tivesse colocado o cinto, poderia ter sobrevivido.

Alex pensou no homem que fora seu único parente desde sempre. Não conhecera os próprios pais. Ambos haviam morrido em outro acidente, esse de avião, poucas semanas depois de ele nascer. Fora criado pelo irmão do pai (nunca "tio", Ian Rider detestava essa palavra) e passara 14 anos na mesma casa geminada em Chelsea, Londres, entre a Kings Road e o rio. Os dois eram muito próximos. O garoto se lembrou das férias que tiravam juntos, dos tantos esportes que praticavam, dos filmes que viam. Eles não eram apenas parentes, mas também amigos. Era quase impossível imaginar que ele não veria mais o tio, que não ouviria sua risada nem o obrigaria a ajudá-lo com o dever de casa.

Alex suspirou, lutando contra a dor que subitamente parecia devastadora. Mas o que mais o entristecia era perceber — agora tarde demais — que, apesar de tudo, mal chegara a conhecer realmente o tio.

Ian trabalhava em um banco e estava sempre viajando. As pessoas diziam que Alex parecia um pouco com ele. Era um homem tranquilo, reservado, que gostava de um bom vinho, de música clássica e de livros. E que, aparentemente, não tinha namorada... na verdade, ele não tinha amigo. Mantinha-se em forma, nunca fumava e se vestia com roupas caras. Mas isso não era informação suficiente. Não era o retrato de uma vida, apenas um breve esboço.

— Você está bem, Alex? — uma jovem havia entrado no quarto. Tinha quase 30 anos, cabelo ruivo desarrumado e rosto redondo, de menino. Jack Starbright era americana, viera estudar em Londres havia sete anos e alugara um quarto na casa (como pagamento, fazia pequenas tarefas domésticas e servia de babá). Ela acabara ficando e se tornara governanta da casa e uma das companheiras mais próximas de Alex. Às vezes o garoto se perguntava qual seria o nome de "Jack". Jackie? Jacqueline? Nenhum desses nomes combinava com ela e, embora uma vez Alex houvesse lhe perguntado, Jack nunca lhe contara.

O garoto assentiu.

— O que você acha que vai acontecer?

— Como assim?

— Com a casa, comigo, com você.

— Não sei — ela deu de ombros. — Acho que Ian pode ter feito um testamento, deixado instruções — falou Jack.

— Talvez devêssemos dar uma olhada no escritório dele.

— Sim, mas hoje não, Alex. Vamos dar um passo de cada vez.

O escritório de Ian era um cômodo que ocupava todo o último andar. Era o único lugar que estava sempre trancado. Alex só estivera lá três ou quatro vezes e nunca sozinho. Quando era mais novo, costumava fantasiar que devia haver algo estranho lá em cima... uma máquina do tempo ou um disco voador. Mas era só um escritório com uma escrivaninha, uns dois armários de arquivos, prateleiras cheias de papéis e livros. Coisas do banco, era o que Ian dizia. Mesmo assim, naquele momento Alex tinha vontade de subir até lá.

— O policial disse que ele não estava usando o cinto de segurança — o garoto virou-se e olhou para Jack.

Ela assentiu.

— Sim, foi o que eles disseram.

— Isso não parece estranho? Você sabe como Ian era cuidadoso. Sempre usava o cinto de segurança. Ele não me levava nem até a esquina sem me obrigar a colocar o meu.

Jack pensou por um momento, então encolheu os ombros.

— Sim, é estranho — ela falou. — Mas deve ter sido isso mesmo. Por que o policial mentiria?

O dia se arrastou. Alex não fora ao colégio, embora secretamente quisesse ir. Ele teria preferido escapar de volta à sua vida normal, em vez de ficar sentado ali, preso dentro de casa. Mas precisou receber as visitas que apareceram durante a manhã e o resto da tarde.

Foram cinco ao todo. Um advogado que não sabia nada sobre nenhum testamento, mas que parecia encarregado de organizar o funeral. Um diretor funerário, que fora recomendado pelo advogado. Um vigário, alto e idoso, que pareceu desapontado com o fato de Alex se recusar a chorar. Uma vizinha do outro lado da rua... como ela ficara sabendo que alguém morrera? E, por fim, um homem do banco.

— Todos nós, do Royal & General, estamos profundamente chocados — ele falou. Parecia ter uns 30 anos, usava um terno de poliéster com uma gravata Marks & Spencer, e tinha o tipo de rosto de que esquecemos mesmo enquanto ainda o estamos encarando. Ele se apresentou como Crawley, do departamento de pessoal. — Mas se houver alguma coisa que possamos fazer...

— O que vai acontecer? — perguntou Alex, pela segunda vez naquele dia.

— Você não precisa se preocupar — disse Crawley. — O banco vai tomar conta de tudo. Esse é o meu trabalho. Deixe comigo.

O dia passou. Alex matou um pouco de tempo acertando algumas bolas na mesa de sinuca do tio e se sentiu vagamente culpado quando Jack o encontrou ali. Mas o que mais ele faria? Mais tarde, ela o levou ao Burger King. O garoto ficou feliz por sair de casa, mas os dois mal se falaram. Ele presumiu que Jack teria que voltar para os Estados Unidos. Com certeza não poderia ficar em Londres para sempre. Então, quem tomaria conta dele? Aos 14 anos, ainda era jovem demais para tomar conta de si mesmo. Todo o seu futuro pareceu tão incerto que Alex preferiu não falar a respeito. Aliás, preferiu não falar sobre nada.

E então chegou o dia do funeral, e Alex se pegou vestindo um paletó escuro e calças de veludo, preparando-se para partir em um carro preto que aparecera do nada, cercado por pessoas que nunca vira antes. Ian Rider foi enterrado no Cemitério de Brompton, na Fulham Road, perto do campo de futebol do Chelsea, e o garoto sabia muito bem onde teria preferido estar naquela tarde de quarta-feira. Cerca de 30 pessoas compareceram, mas ele não reconheceu ninguém. A sepultura havia sido cavada próximo à alameda que atravessava toda a extensão do cemitério e, quando a cerimônia religiosa estava começando, um Rolls-Royce negro se aproximou, a porta traseira se abriu, e um homem saltou. Alex observou enquanto ele se adiantava e tomava seu lugar. O garoto estremeceu. Alguma coisa naquele homem o arrepiava.

No entanto, o homem tinha uma aparência comum. Terno cinza, cabelo cinza, lábios cinza e olhos cinza. O rosto era inexpressivo, os olhos por trás dos óculos de lentes quadradas de metal, completamente vazios. Talvez tenha sido isso o que perturbou Alex. Fosse quem fosse aquele homem, ele

parecia ter menos vida do que qualquer um naquele cemitério. Acima ou abaixo do solo.

Alguém deu um tapinha nas costas de Alex, ele se virou e viu o sr. Crawley inclinando-se em sua direção.

— Aquele é o sr. Blunt — sussurrou o gerente de pessoal. — É o presidente do banco.

Alex examinou o sr. Blunt e o Rolls-Royce. Mais dois homens estavam com ele, um deles dirigindo. Ambos usavam ternos idênticos e óculos escuros, embora o dia não estivesse particularmente ensolarado. E ambos observavam o funeral com a mesma expressão carrancuda. O garoto examinou os dois homens, a seguir Blunt, e então as outras pessoas que estavam no cemitério. Elas realmente haviam conhecido Ian Rider? Por que ele, Alex, nunca encontrara nenhuma delas antes? E por que achava tão difícil acreditar que aquelas pessoas trabalhavam em um banco?

— Um bom homem, um patriota... Deixará saudades.

O vigário terminara seu sermão ao lado do túmulo. Alex estranhou a escolha de palavras dele. Patriota? Aquilo queria dizer que o tio amava o país. Mas, até onde o garoto sabia, Ian Rider nem passara muito tempo ali. E com certeza nunca fora do tipo que ficava agitando a bandeira britânica. Olhou ao redor, esperando encontrar Jack, mas em vez disso viu que Blunt caminhava em sua direção, pisando com cuidado ao redor da sepultura.

— Você deve ser Alex — disse o presidente. Ele era apenas um pouco mais alto do que o garoto. Vista de perto, a pele do homem era estranhamente artificial, como se fosse feita de plástico. — Meu nome é Alan Blunt. Seu tio falava sempre de você.

— Isso é engraçado — respondeu Alex. — Ele nunca mencionou o senhor.

Os lábios cinza se retorceram levemente.

— Vamos sentir falta dele. Era um bom homem.

— Em que ele era bom? — perguntou Alex. — Meu tio nunca falava sobre o trabalho.

E, de repente, Crawley surgiu ao lado deles.

— Seu tio era gerente financeiro de operações internacionais, Alex — explicou. — Ian era responsável por nossas filiais estrangeiras. Você deveria saber disso.

— Sei que ele viajava muito — disse Alex. — E sei também que era muito cuidadoso. Sobre coisas como cintos de segurança, por exemplo...

— Bem... infelizmente ele não foi cuidadoso o bastante — os olhos de Blunt, aumentados pelas lentes grossas dos óculos, fulminaram os de Alex e, por um instante, o garoto se sentiu preso como um inseto sob um microscópio.

— Espero que nos encontremos de novo. Sim... — continuou Blunt. Ele deu uma batidinha no próprio rosto com o dedo cinza, então se virou e voltou para o carro.

Foi quando aconteceu. No momento que Blunt se preparava para entrar no carro, o motorista se inclinou para abrir a porta e seu paletó se abriu, revelando uma camisa muito branca por baixo. Uma forma negra se destacava contra a camisa e foi isso o que atraiu a atenção de Alex. O homem usava um coldre de couro que abrigava uma pistola automática. O motorista percebeu o que acontecera, endireitou o corpo rapidamente e ajeitou o paletó. Blunt também vira. Ele se virou e olhou novamente para Alex. Seu rosto revelou por um instante alguma coisa bem próxima de emoção. Então Blunt entrou no carro, a porta foi fechada e ele partiu.

Um revólver em um funeral, pensou Alex. Por quê? Por que gerentes de banco andariam armados?

— Vamos sair daqui — Jack surgiu ao lado dele. — Cemitérios me dão arrepios.

— Sim. E algumas coisas dão ainda mais arrepios... — murmurou Alex.

Eles se afastaram em silêncio e foram para casa. O carro que os levara ao funeral ainda estava esperando, mas os dois preferiram pegar um pouco de ar. A caminhada levou 15 minutos e, quando eles dobraram a esquina da rua em que moravam, Alex viu um caminhão de mudança parado diante da casa, com as palavras *Stryker & Son* pintadas na lateral.

— O que aquilo está fazendo...? — ele começou a dizer.

No mesmo instante, o caminhão arrancou, os pneus cantando no asfalto.

Alex não disse nada enquanto Jack destrancava a porta para que entrassem, mas, enquanto ela foi para a cozinha preparar um pouco de chá, ele deu uma checada rápida em toda a casa. Uma carta, que antes estava sobre a mesa do hall de entrada, agora estava caída sobre o tapete. Uma porta que fora deixada semiaberta, agora estava fechada. Pequenos detalhes, mas os

olhos de Alex não deixaram escapar nada. Alguém estivera na casa. Ele tinha quase certeza disso.

Mas só ficou convencido quando subiu até o último andar. A porta do escritório que era mantida eternamente trancada, agora estava destrancada. Alex abriu-a e entrou. Encontrou o cômodo vazio. Ian Rider se fora e tudo o mais ali também. As gavetas da escrivaninha, os armários, as estantes... tudo o que tivera ligação com o trabalho do homem que morrera fora levado. Fosse qual fosse a verdade sobre o passado do tio, alguém simplesmente acabara de apagá-lo.

2
PARAÍSO DOS CARROS

AO SE APROXIMAR da ponte Hammersmith, Alex deixou de acompanhar o rio e virou a bicicleta em direção às luzes, descendo a colina rumo à escola Brookland. Era uma bicicleta de corrida, a Condor Junior Roadracer, feita sob medida para ele como presente do seu aniversário de 12 anos. Era própria para adolescentes, com um quadro modelo Reynolds 531 um pouco reduzido, mas com as rodas de tamanho normal, o que permitia que ele pedalasse a toda velocidade sem precisar usar muita força. Alex passou voando por um caminhão de entregas e atravessou os portões da escola. Sabia que ficaria chateado quando crescesse mais e já não coubesse na bicicleta, que por dois anos fora quase uma parte dele.

Ele prendeu a bicicleta com dois cadeados no estacionamento próprio para elas e entrou no pátio. Brookland era uma escola moderna, construída com tijolos vermelhos e, aos olhos de Alex, bem feia. Ele poderia ter ido estudar em qualquer uma das escolas particulares ao redor de Chelsea, mas Ian Rider decidira mandá-lo para aquela. Ele disse que seria um bom desafio.

A primeira aula do dia era de matemática. Quando Alex entrou na sala, o professor, sr. Donovan, já estava escrevendo uma equação complicada no quadro-negro. Fazia calor ali, a luz do sol entrava pelas janelas que iam do chão ao teto, projetadas por arquitetos que sem dúvida deveriam ter feito melhor. Quando Alex ocupou seu lugar, mais ao fundo, se perguntou como poderia compreender a matéria. Como seria possível pensar em álgebra quando tinha tantas perguntas sem resposta na cabeça?

O revólver no funeral. O modo como Blunt olhara para ele. O caminhão com *Stryker & Son* escrito nas laterais. O escritório vazio. E o maior mistério de todos, aquele detalhe que não abandonava seus pensamentos. O cinto de segurança. Ele não estava usando o cinto de segurança quando morreu.

Mas é óbvio que estava. Ian Rider nunca fora do tipo que ficava dando sermões. Sempre dissera que Alex devia formar sua própria opinião sobre as coisas. Mas ele tinha esse extremo cuidado com cintos de segurança. E quanto mais Alex pensava a respeito, menos acreditava que esta fora a causa da morte do tio. Uma batida de carros no meio da cidade. De repente ele sentiu vontade de ver o veículo. Ao menos, vendo o carro destruído, poderia

acreditar que o acidente tinha acontecido e que Ian Rider realmente morrera daquele jeito.

— Alex?

O garoto levantou os olhos e percebeu que toda a turma o encarava. O sr. Donovan acabara de lhe fazer uma pergunta. Alex examinou rapidamente o quadro-negro, procurando entender os números.

— Sim, senhor — ele disse. — X é igual a 7 e Y é 15.

O professor de matemática suspirou.

— Sim, Alex. Você está absolutamente certo. Mas na verdade eu estava apenas lhe pedindo para abrir a janela...

De alguma forma, Alex conseguiu ficar na escola até o final do dia. Mas, quando a campainha anunciando o final das aulas soou, já havia se decidido. Enquanto todos saíam apressados, ele foi até a secretaria do colégio e pegou emprestada a lista telefônica.

— O que está procurando? — perguntou a secretária. A srta. Bedfordshire sempre tivera uma queda por Alex.

— Por ferros-velhos... — Alex folheou as páginas. — Se um carro foi destruído em um acidente perto da Old Street, devem tê-lo levado para algum lugar próximo dali, não é?

— Acho que sim.

— Aqui... — Alex achou os ferros-velhos na lista sob o nome de "Automóveis — Ferros-Velhos". Mas havia dezenas de anúncios tentando chamar a atenção ao longo de quatro páginas.

— Isso é para algum trabalho escolar? — perguntou a mulher. Ela sabia que Alex perdera um parente, mas não sabia como.

— Mais ou menos... — ele estava lendo os endereços, mas não tinha ideia de onde ficavam.

— Esse aí é bem perto da Old Street — a srta. Bedfordshire apontou para um canto da página.

— Espere! — Alex puxou o catálogo mais para perto para olhar melhor o anúncio que a secretária sugerira:

J. B. STRYKER. FERRO-VELHO
Paraíso dos Carros
LIGUE HOJE PARA NÓS

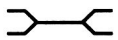
— Esse fica em Vauxhall — disse a srta. Bedfordshire. — Não é muito longe daqui.

— Eu sei — observou Alex. Ele reconhecera o nome. J. B. Stryker. Ele se lembrou do caminhão que vira na frente de sua casa no dia do funeral. *Stryker & Son.* É claro que podia ser só uma coincidência, mas ainda assim era um lugar por onde começar. Ele fechou a lista:

— Até logo, srta. Bedfordshire.

— Cuide-se.

A mulher observou Alex partir e se perguntou por que dissera aquilo. Talvez por causa dos olhos dele. Escuros e sérios... e havia alguma coisa neles que sugeria perigo. Então o telefone tocou, ela esqueceu Alex e voltou ao trabalho.



A J. B. Stryker era uma área desolada atrás da linha do trem que saía da Estação de Waterloo. O lugar era protegido por um muro alto de tijolos, com o topo coberto por cacos de vidro e arame farpado. Os dois portões de madeira estavam abertos e, ao olhar para o outro lado da rua, Alex viu uma guarita com uma janela de segurança e, além dela, pilhas cambaleantes de carros destruídos, quebrados. Tudo que pudesse ter algum valor já fora arrancado deles, e agora só restavam as carcaças amontoadas umas sobre as outras, esperando para alimentarem a compactadora.

Havia um guarda sentado dentro da guarita, lendo jornal. A distância, uma escavadora mecânica pareceu criar vida e rugiu sobre um Ford Mondeo destruído, sua garra de metal prendendo-se à janela do carro para levantá-lo e levá-lo embora. Um telefone tocou em algum lugar dentro da guarita e o guarda virou-se para atender. Foi o que bastou para Alex. Ele aproveitou a oportunidade e atravessou correndo os portões, carregando a bicicleta junto.

Alex logo se viu cercado por lixo e destroços. O cheiro de óleo diesel deixava o ar pesado e o barulho dos motores era ensurdecedor. Alex observou enquanto um guindaste descia sobre um dos carros, agarrava-o com sua tenaz de metal e o arrastava para a compactadora. Por um momento o carro ficou parado sobre um par de placas. Então as placas se moveram prendendo o carro entre elas. O operador, que estava sentado em uma cabine envi-

draçada em uma das pontas da compactadora, apertou um botão. Uma grande coluna de fumaça negra se ergueu. As placas de esmagamento se fecharam, envolvendo o carro como se fosse um inseto gigantesco recolhendo as asas. Houve um som de trituramento enquanto o carro era amassado até ficar do tamanho de um tapete enrolado. O operador empurrou uma engrenagem e o carro começou a ser completamente retalhado, como se fosse um tubo de creme dental metálico sendo cortado por uma lâmina escondida. Os pedaços tombaram no chão.

Alex deixou a bicicleta apoiada contra o muro e correu rapidamente para dentro do pátio, agachando-se atrás dos destroços. Com o barulho das máquinas, não havia chance de que alguém o ouvisse, mas ele ainda tinha medo de ser visto. Parou para recuperar o fôlego e passou a mão empoeirada pelo rosto. Seus olhos estavam lacrimejando por causa da fumaça de óleo diesel. O ar era tão sujo quanto o chão em que pisava.

Ele já começava a se arrepender de ter ido até ali... mas então o viu. O BMW do tio estava estacionado alguns metros à frente, separado dos outros carros. À primeira vista, o carro parecia estar perfeito, sem um arranhão sequer na carroceria prateada. Com certeza não havia como aquele carro ter se envolvido em um acidente fatal com um caminhão ou com qualquer outra coisa. Mas sem dúvida era o carro do tio. Alex reconheceu a placa. Ele correu para se aproximar um pouco mais e só então viu que, no final das contas, o carro estava, sim, avariado. O para-brisas estava quebrado, assim como as janelas no lado do motorista. Alex deu a volta até o outro lado. E congelou.

Ian não morrera em acidente algum. Era fácil descobrir o que o matara, mesmo para alguém que nunca tinha visto uma cena daquelas antes. Uma rajada de balas atingira em cheio o lado do motorista, estourando o pneu da frente, estilhaçando o para-brisas e as janelas laterais e amassando as portas. Alex correu os dedos pelos buracos e sentiu o metal frio contra a pele. Abriu a porta e olhou para dentro. Os assentos dianteiros, de couro cinza-claro, estavam cheios de cacos de vidro e com algumas manchas de um marrom escuro. Estava claro o que eram as manchas. Ele podia ver tudo o que acontecera. O clarão do revólver, as balas acertando o carro, Ian Rider sendo atingido no assento do motorista...

Mas por quê? Por que matar um gerente de banco? E por que o assassinato havia sido encoberto? A própria polícia dera a notícia naquela noite,

portanto devia estar envolvida em tudo aquilo. Será que haviam mentido de propósito? Nada fazia sentido.

— Você deveria ter se livrado disso há dois dias. Faça isso agora.

As máquinas provavelmente haviam parado por um instante. Se não fosse pela súbita trégua no barulho, Alex não teria ouvido os homens se aproximando. Ele olhou rapidamente através do volante do carro para o outro lado. Eram dois homens, ambos vestindo macacões largos. O garoto achou que já tinha visto esses dois antes. No funeral. Um deles era o motorista, o homem que vira com o revólver. Tinha certeza disso.

Quem quer que eles fossem, estavam a apenas alguns passos do carro, conversando em voz baixa. Mais alguns passos e chegariam até ele. Sem pensar, Alex se jogou dentro do único esconderijo disponível: o próprio carro. Ele usou o pé para puxar a porta e fechou-a. Ao mesmo tempo, deu-se conta de que as máquinas haviam começado a funcionar novamente e agora já não conseguia mais ouvir os homens. Não se arriscou a olhar para cima. Uma sombra escureceu a janela quando os dois homens passaram, mas eles logo se afastaram. Estava salvo.

Foi quando alguma coisa acertou o BMW com tanta força que Alex gritou. Ele sentiu o corpo todo ser atingindo por um grande impacto que o jogou para longe do volante, arremessando-o para trás sem que ele pudesse evitar. O teto do carro entortou e três enormes garras de metal penetraram através dele, como se fossem um garfo partindo a casca de um ovo, e um monte de poeira e luz invadiu o lugar. Uma das garras arranhou o lado da cabeça de Alex... por muito pouco não esmagou seu crânio. O garoto gritava enquanto o sangue escorria por sobre seu olho. Tentou se mover, mas foi jogado para trás uma segunda vez quando o carro foi suspenso e ficou balançando no ar.

Alex não conseguia ver. Não conseguia se mover. Mas sentiu o estômago revirar enquanto o carro balançava, o metal rangendo e a luz girando. O BMW fora suspenso pelo guindaste e estava a caminho da compactadora. Com ele dentro.

Tentou se levantar para passar pelas janelas, mas a garra do guindaste já amassara o teto, que prendera sua perna esquerda, talvez até a houvesse quebrado. Ele não sentia nada. Ergueu a mão e socou o vidro traseiro, mas não conseguiu quebrá-lo. Mesmo se os operadores olhassem para o BMW, jamais conseguiriam ver algo se movendo dentro do carro.

O voo curto por sobre o pátio do ferro-velho terminou com um baque que fez seus ossos estremecerem, pois o guindaste depositou o carro sobre as placas de aço da compactadora. Alex tentou controlar a náusea e o desespero e pensar no que fazer. A qualquer momento o operador acionaria o mecanismo que faria o carro entrar na canaleta. A máquina era uma guilhotina em câmera lenta. Quando um botão fosse pressionado, as duas placas de esmagamento se fechariam sobre o carro exercendo uma pressão de 500 toneladas. O BMW, com Alex dentro, seria amassado até ficar irreconhecível. E então o metal quebrado — e o corpo dele — seria cortado em fatias. Ninguém jamais saberia o que tinha acontecido.

O garoto usou todas as forças para tentar se soltar, mas o teto estava baixo demais e a perna continuava presa. Então o mundo se inclinou e Alex se viu cair na escuridão. Os suportes estavam se erguendo. O BMW deslizou para um lado e caiu até parar na canaleta. Alex sentiu a carcaça de metal do carro sendo destruída ao redor dele. O para-brisas traseiro explodiu, e choveram cacos de vidro ao seu redor, enquanto a poeira e a fumaça de óleo diesel invadiam seu nariz e olhos. Agora mal se via alguma luz, mas, quando Alex olhou para trás, lá estava a enorme cabeça de metal do pistão que empurraria o que restasse do carro para o buraco de saída, do outro lado.

O som do motor da guilhotina Lefort Shear mudou quando a máquina se preparou para o seu ato final. As placas de metal estremeceram. Em poucos segundos, as duas se encontrariam, amassando o BMW como se ele fosse um saco de papel.

Em desespero, Alex tentou puxar a perna e, para sua surpresa, conseguiu soltá-la. Ele ainda levou um segundo — um precioso segundo — para entender o que tinha acontecido. O carro tinha caído na canaleta, aterrissado sobre aquele lado e o teto, desentortado apenas o suficiente para soltá-lo. O garoto tateou em busca da porta, que, é claro, ficara inutilizada. As portas estavam achatadas demais, jamais abririam. O para-brisas traseiro! Como já não havia mais vidro ali, ele poderia rastejar para fora do carro através da moldura. Mas teria que ser rápido.

As placas de esmagamento começaram a se mover. O BMW fez um barulho estridente quando as duas paredes de aço sólido o amassaram sem piedade. Mais vidro voou para todo lado. O eixo de uma das rodas se quebrou produzindo o barulho de um trovão. A escuridão começou a se fechar sobre ele.

Agarrou-se ao que restara do banco traseiro e pôde ver, à sua frente, um único triângulo de luz, que se estreitava cada vez mais. Ele podia sentir o peso das duas paredes de aço pressionando-o para baixo. O carro já não era mais um carro e sim o punho de algum monstro abominável esmagando o inseto que Alex se tornara.

Ele usou toda a força que tinha para dar um impulso para a frente. Seus ombros passaram pelo triângulo e Alex saiu para a luz. Depois foi a vez das pernas, mas no último instante o sapato dele ficou preso em um pedaço de metal retorcido. O garoto forçou a perna e o sapato caiu dentro do carro. Ele ouviu o som do couro sendo esmagado. Finalmente se agarrou à superfície negra e oleosa da plataforma da cabine na parte traseira da compactadora, arrastou-se até estar totalmente livre e conseguiu ficar de pé.

Então se viu frente a frente com um homem tão gordo que mal cabia na pequena cabine da compactadora. Sua barriga estava pressionada contra o vidro, os ombros colados às laterais. Um cigarro pendia frouxo do seu lábio inferior, porque o homem ficara boquiaberto e de olhos arregalados. Diante dele surgira um garoto usando os restos do que fora um uniforme escolar. Uma das mangas havia sido completamente arrancada do braço e pendia de lado, suja de sangue e graxa. Até que o operador da máquina se desse conta de tudo isso, se recuperasse do susto e desligasse a máquina, o garoto já sumira.

Alex desceu pela lateral da compactadora e aterrissou sobre o pé ainda calçado. Estava bem consciente das peças de metal retorcido espalhadas por todo lado. Se não fosse cuidadoso, acabaria cortando o pé descalço. A bicicleta estava onde ele a deixara, apoiada contra a parede. Com muito cuidado, pulando a maior parte do tempo em um pé só, conseguiu chegar até ela. Atrás de si, ele ouviu a cabine da compactadora abrir e logo um grito de homem, dando o alarme. Ao mesmo tempo, um segundo homem correu e se colocou entre Alex e a bicicleta. Era o motorista, o homem que ele vira no funeral. O rosto dele, com o cenho franzido em uma expressão hostil, era curiosamente feio: cabelo oleoso, olhos aquosos, pele pálida e sem vida.

— O que você pensa... — ele começou a dizer, enquanto enfiava a mão dentro do paletó. Alex se lembrou do revólver e, no mesmo instante, sem pensar, entrou em ação.

Ele começara a aprender caratê quando tinha 6 anos. Certa tarde, sem nenhuma explicação, Ian Rider o levara a um clube próximo para que tivesse

sua primeira aula e, desde então, ele continuara a frequentar o clube uma vez por semana. Ao longo dos anos, ele passara por vários *Kyu* — os níveis que os alunos alcançam no esporte. Mas fora só no ano anterior que se tornara 1º *Dan,* um faixa-preta. Quando começara a frequentar a escola Brookland, seu jeito calmo e o sotaque rapidamente haviam chamado a atenção dos valentões da escola, três grandalhões de 16 anos. Eles o encurralaram em um canto atrás do abrigo das bicicletas. O encontro durara menos de um minuto. No dia seguinte, um dos valentões deixara o colégio e os outros dois jamais o perturbaram de novo.

Agora, diante do motorista, Alex ergueu uma das pernas, girou o corpo e atacou. O chute para trás — *Ushirogeri* — é tido como o golpe mais letal do caratê. O pé de Alex acertou o abdômen do homem com tanta força que ele não teve tempo nem de gritar. O motorista arregalou os olhos e abriu a boca, surpreso. Então, com a mão ainda enfiada no paletó, ele caiu no chão com o corpo dobrado ao meio.

Alex passou por cima do homem, montou na bicicleta e partiu. A distância, um terceiro homem corria na direção dele. O garoto o ouviu gritar uma única palavra: "Pare!" Então houve o estampido de um tiro e uma bala passou zunindo por ele. Agarrado ao guidom, ele pedalou o mais rápido que pôde, a bicicleta disparando por cima do cascalho, e atravessou os portões. Então, olhou por sobre o ombro. Ninguém o seguira.

Com apenas um sapato, as roupas rasgadas e o corpo todo sujo de graxa, Alex sabia que estava com uma aparência bizarra. Mas então se lembrou dos seus últimos segundos dentro da compactadora e suspirou de alívio. Sua aparência poderia estar muito pior!

3

ROYAL & GENERAL

LIGARAM DO BANCO no dia seguinte

— Aqui é John Crawley. Lembra-se de mim? Gerente de Pessoal do Royal & General. Gostaríamos que desse uma passada aqui.

— Ir aí? — Alex ainda não tinha acabado de se vestir e já estava atrasado para a escola.

— Esta tarde. Encontramos alguns papéis do seu tio. Precisamos conversar com você... sobre sua situação.

Havia alguma coisa levemente ameaçadora na voz do homem.

— A que horas esta tarde? — perguntou Alex.

— Você conseguiria estar aqui às 16h30? Ficamos na Liverpool Street. Podemos mandar um táxi...

— Estarei aí — falou. — E pegarei o metrô.

Ele desligou.

— Quem era? — perguntou Jack, da cozinha. Ela preparava o café da manhã dos dois, embora estivesse cada vez mais preocupada por não saber quanto tempo ainda passaria com Alex. Logo, ela não teria permissão nem mesmo para ficar no país.

— Era do banco — falou Alex entrando na cozinha, vestido com o uniforme de reserva. Ele não contara a Jack o que acontecera no ferro-velho. A jovem já tinha muito com que se preocupar. — Vou lá esta tarde.

— Quer que eu vá com você?

— Não. Vou ficar bem.

Ele desceu na estação do metrô da Liverpool Street pouco depois das 16hl5 daquela tarde, ainda usando o uniforme do colégio: paletó azul-escuro, calças cinza, gravata listrada. Encontrou o banco com facilidade. O Royal & General ocupava um prédio alto, de aparência antiga, com a bandeira britânica se agitando uns quinze andares acima. Havia uma placa de bronze com o nome do banco fixada perto da porta principal e uma câmera de segurança girando lentamente por sobre a calçada.

Alex parou ali. Por um instante, ele se perguntou se cometeria um erro ao entrar. Se o banco fora responsável de algum modo pela morte de Ian Rider, sempre havia a possibilidade de que o houvessem chamado ali para ar-

mar a morte dele, agora. Mas por que alguém do banco o mataria? Ele nem sequer tinha uma conta ali. Alex entrou.

E em um escritório no 17° andar, a imagem na tela do monitor piscou e mudou da câmera de rua n°1 para as câmeras da recepção n°2 e n°3. Tudo era escuro e sombrio lá dentro. Um homem sentado atrás de uma mesa viu Alex entrando e pressionou um botão. A câmera n°2 deu um zoom até que o rosto de Alex enchesse a tela.

— Então ele veio — murmurou o presidente do banco.

— Esse é o garoto? — disse uma mulher de meia-idade, que tinha uma cabeça estranha, no formato de uma batata. Seu cabelo negro parecia ter sido cortado com um par de tesouras sem fio e uma tigela virada de cabeça para baixo. Os olhos dela eram quase tão negros quanto o cabelo. Ela vestia um terninho cinza e estava chupando uma bala de hortelã. — Você está certo em relação a isso, Alan? — ela perguntou.

Alan Blunt assentiu.

— Oh, sim. Completamente certo. Você sabe o que fazer? — a última pergunta foi feita para o motorista, que também estava na sala.

O motorista estava de pé, parecendo desconfortável, com o corpo levemente arqueado e o rosto branco como giz. O homem estava assim desde que tentara deter Alex no ferro-velho.

— Sim, senhor — ele falou.

— Então faça — disse Blunt. Seus olhos não abandonavam a tela do monitor.

No saguão de entrada, Alex perguntara por John Crawley e estava sentado em um sofá de couro, perguntando-se por que tão poucas pessoas entravam e saíam. A área da recepção era quieta e claustrofóbica, com um chão de mármore marrom, três elevadores de um lado e, acima da mesa, uma fileira de relógios mostrando a hora nas maiores cidades do mundo. Mas ali poderia ser a entrada de qualquer lugar. De um hospital. Ou de uma sala de concertos. Até mesmo da recepção de um cruzeiro. O lugar não tinha identidade própria.

A porta de um dos elevadores se abriu e Crawley apareceu, usando o mesmo terno que usara no funeral, com uma gravata diferente.

— Peço que me desculpe por deixá-lo esperando, Alex — ele falou. — Veio direto do colégio?

Alex levantou-se, mas não disse nada. Deixou que seu uniforme respondesse à pergunta.

— Vamos subir para o meu escritório — disse Crawley. Ele gesticulou. — Vamos pegar o elevador.

Alex tampouco percebeu a quarta câmera dentro do elevador. Nem poderia, afinal ela estava escondida atrás do espelho que cobria a parede do fundo. O garoto também não viu o sensor de temperatura próximo à câmera. Mas essa segunda máquina olhava para ele e através dele ao mesmo tempo. Enquanto Alex permanecia de pé no elevador, o sensor o transformava em uma massa pulsante de várias cores, nenhuma delas denunciando a existência do aço frio de um revólver ou de uma faca escondidos. Em menos tempo do que o garoto levou para piscar, a máquina passou as informações para o computador que as avaliou no mesmo instante e mandou seu próprio sinal de volta para os circuitos que controlavam o elevador. "Tudo certo. Ele está desarmado. Continue até o 15° andar."

— Chegamos! — Crawley sorriu e apressou Alex pelo longo corredor, com um chão de madeira sem tapetes e uma iluminação moderna. Uma série de portas era intercalada com pinturas abstratas de cores fortes. — Meu escritório é por ali — disse, apontando o caminho.

Eles já haviam passado por três portas quando Alex parou. Cada porta tinha uma placa com um nome e aquele ele conhecia. *1504: Ian Rider.* Letras brancas sobre plástico preto.

Crawley assentiu com tristeza.

— Sim. Era aqui que seu tio trabalhava. Sentiremos muito a sua falta.

— Posso entrar? — perguntou Alex.

Crawley pareceu surpreso.

— Por que quer fazer isso?

— Tenho vontade de ver onde ele trabalhava.

— Sinto muito — Crawley suspirou. — A porta foi trancada e não tenho a chave. Em outra hora, talvez. Meu escritório fica na próxima porta. Bem aqui... — Ele gesticulou novamente. Crawley usava as mãos como um mágico, como se estivesse prestes a fazer surgir um leque de cartas.

Eles entraram na 1505. Era uma sala grande, quadrada, com três janelas que davam para a estação. Algo azul e vermelho se movimentou do lado de fora e Alex se lembrou da bandeira que vira. O mastro estava bem próximo do escritório. Dentro da sala havia uma escrivaninha e uma cadeira, um

conjunto de sofás, um frigobar, em um canto, e um par de quadros nas paredes. Um tedioso escritório executivo. Perfeito para um executivo tedioso.

— Por favor, Alex, sente-se — falou Crawley. Ele foi até o frigobar. — Posso lhe servir alguma coisa para beber?

— Você tem Coca-Cola?

— Tenho, sim — Crawley abriu uma lata e encheu um copo, então o entregou a Alex. — Gelo?

— Não, obrigado — Alex deu um gole. Não era Coca-Cola. Não era nem mesmo Pepsi. Ele reconheceu o sabor doce demais e levemente enjoativo do refrigerante barato e desejou ter pedido água. — Então, o que queria falar comigo?

— O testamento do seu tio...

O telefone tocou nesse instante. Crawley fez mais um gesto, dessa vez querendo dizer "com licença" e atendeu. Ele falou por alguns momentos e desligou.

— Desculpe-me, Alex. Tenho que descer novamente até o saguão. Você se importa?

— Vá em frente — Alex acomodou-se no sofá.

— Estarei de volta em cinco minutos — com um gesto final de desculpas, Crawley saiu da sala.

Alex esperou alguns segundos. Então derramou o refrigerante dentro de um vaso de plantas e levantou-se. Ele saiu pela porta e voltou ao corredor. Na outra ponta, apareceu uma mulher carregando uma pilha de papéis e logo desapareceu por uma porta. Não havia sinal de Crawley. Alex voltou rapidamente à 1504 e experimentou girar a maçaneta. Mas Crawley dissera a verdade. A porta estava trancada.

O garoto voltou para o escritório de Crawley. Ele daria qualquer coisa para passar alguns minutos sozinho no escritório de Ian Rider. Mas, aparentemente, havia alguma coisa muito importante no escritório do homem que morrera, a ponto de precisarem evitar que Alex entrasse ali. Sua casa fora invadida e o escritório esvaziado. Talvez o escritório na porta ao lado explicasse o motivo. Em que exatamente Ian Rider estaria envolvido? E por que razão fora morto?

A bandeira voltou a tremular e, ao perceber o movimento, Alex foi até a janela. O mastro estava preso ao prédio exatamente entre as salas 1504 e 1505. Se ele conseguisse dar um jeito de alcançá-lo, poderia pular para ci-

ma do peitoril, do lado de fora do prédio, e entrar no escritório do tio pela janela. Se bem que ele estava a quinze andares do solo. Se pulasse e errasse o alvo, a queda seria de uns 60 metros. Era uma ideia estúpida. Não valia nem a pena pensar a respeito.

Alex abriu a janela e colocou a cabeça para fora. Na verdade, era melhor não pensar mesmo. Apenas fazer. Afinal, se ele estivesse no térreo ou em um brinquedo no pátio da escola, seria simples como uma brincadeira de criança. O que tornava tudo tão aterrorizante era a fachada do prédio descendo até a rua, os carros e ônibus que pareciam de brinquedo olhando dali e as rajadas de vento contra seu rosto. Não pense, disse Alex a si mesmo. Apenas faça.

Alex desceu o corpo até encontrar o peitoril, do lado de fora do escritório de Crawley. Ele manteve as mãos para trás, agarradas à parte de baixo da janela. Respirou fundo. E pulou.

Uma câmera no escritório do outro lado da rua registrou o momento em que Alex se lançou no espaço. Dois andares abaixo, Alan Blunt ainda estava sentado diante da tela. Ele riu, mas não parecia achar nada engraçado.

— Eu lhe disse — falou Alan. — O garoto é extraordinário.

— O garoto é completamente louco, isso sim — retorquiu a mulher.

— Bem, talvez seja disso que precisamos.

— Você vai ficar sentado aí vendo ele se matar?

— Vou ficar sentado aqui e esperar que ele sobreviva.

Alex calculara mal o pulo. Não alcançou o mastro por uma questão de centímetros e só não despencou lá para baixo porque conseguiu se agarrar à própria bandeira. Agora estava pendurado, com os pés balançando no ar. Lentamente, com grande esforço, ele foi erguendo o corpo, os dedos cravados no tecido. E finalmente deu um jeito de montar no mastro. Mas mesmo assim não olhou para baixo. Só esperava que nenhum pedestre olhasse para cima.

Depois disso, as coisas ficaram mais fáceis. Alex se agachou sobre o mastro e arremessou o corpo para o lado, para cima do parapeito do lado de fora do escritório de Ian Rider. Sabia que precisava ser muito cuidadoso, porque se fosse demais para a esquerda teria se arrebentado contra a lateral do prédio. Se, ao contrário, errasse o pulo para o outro lado, cairia. Mas acabou aterrissando com perfeição e agarrou-se ao parapeito com ambas as mãos. Então, ergueu o corpo até ficar no nível da janela. E foi só então que

se perguntou se a janela não estaria trancada. Bem, se estivesse, ele só precisaria voltar.

Mas a janela não estava fechada. Alex abriu-a e jogou o corpo para dentro do escritório, que era de um modo geral uma cópia exata do escritório ao lado. Tinha a mesma mobília, o mesmo carpete e até uma pintura semelhante na parede. Ele foi até a escrivaninha e sentou-se. A primeira coisa que viu foi uma fotografia sua, tirada no verão anterior, na ilha de Guadalupe, no Caribe, onde fora mergulhar. Havia uma segunda foto enfiada em um canto da moldura. Alex devia ter uns 5 ou 6 anos. Ficou surpreso por causa das fotos. Ian Rider era mais sentimental do que fingia ser.

O garoto relanceou os olhos para o relógio. Cerca de três minutos haviam se passado desde que Crawley deixara o escritório e ele dissera que estaria de volta em cinco minutos. Se Alex quisesse encontrar alguma coisa ali, teria que agir rápido. Ele abriu uma gaveta da escrivaninha e descobriu umas quatro ou cinco pastas grossas. Pegou e abriu uma a uma. E logo percebeu que o que havia ali dentro não tinha nada a ver com assuntos de banco.

A primeira tinha uma etiqueta: "Neurotoxinas. Novos métodos de esconder e disseminar". Alex colocou essa pasta de lado e examinou a segunda: "Assassinatos: quatro estudos de caso". Cada vez mais confuso, o garoto passou rapidamente para as outras pastas, que falavam de contraterrorismo, do movimento do urânio através da Europa e de técnicas de interrogatório. A última pasta tinha uma etiqueta na qual se lia apenas: "Stormbreaker".

Estava prestes a lê-la quando a porta se abriu subitamente e dois homens entraram. Um deles era Crawley. O outro era o motorista que Alex vira no ferro-velho. Sentado atrás da escrivaninha, com a pasta do Stormbreaker aberta nas mãos, o garoto sabia que não adiantaria tentar explicar o que estava fazendo. Mas, ao mesmo tempo, percebeu que os dois homens não se mostravam surpresos ao vê-lo ali. Pelo modo como haviam entrado no escritório, eles sabiam que o encontrariam.

— Isso não é um banco — disse Alex. — Quem são vocês? Meu tio estava trabalhando para vocês? Vocês o mataram?

— Quantas perguntas... — resmungou Crawley. — Mas temo não estar autorizado a lhe dar as respostas.

O segundo homem ergueu a mão e Alex viu que ele empunhava um revólver. O garoto se levantou, segurando a pasta como se tentasse se prote-

ger.

— Não... — ele começou a dizer.

O homem atirou. Não houve barulho de explosão. O garoto sentiu que era atingido no coração. Sua mão se abriu e a pasta caiu no chão. Então suas pernas cederam, o escritório pareceu girar e Alex caiu no nada.

4
— ENTÃO, O QUE VOCÊ DIZ?

ALEX ABRIU OS OLHOS. Então ainda estava vivo! Era uma bela surpresa.

Ele se encontrava deitado sobre uma cama em um quarto grande e confortável. A cama era moderna, mas o quarto era antigo, com traves atravessando o teto de um lado ao outro, uma lareira de pedra e janelas estreitas com molduras de madeira ornamentadas. Alex vira quartos como aquele em alguns livros, quando estava estudando Shakespeare. Ele diria que o prédio era em estilo elisabetano. E devia ser no campo. Não havia barulho de tráfego e ele podia ver árvores do lado de fora.

Alguém o despira. Em vez do uniforme escolar, agora usava um pijama largo, de seda, ao que parecia. Pela luz que entrava pela janela ele diria que já era começo de tarde. Descobriu que seu relógio estava na mesa de cabeceira ao lado da cama e o pegou. Era meio-dia. Ele fora atingido por volta das 16h30, provavelmente por um dardo com tranquilizante. Perdera uma noite inteira e metade de um dia.

Havia um banheiro anexo ao quarto — revestido de cerâmica branca e com um enorme chuveiro dentro do que parecia um cilindro de vidro e metal cromado. Alex despiu o pijama e ficou parado por cinco minutos sob um jato de água bem quente. Sentiu-se melhor depois disso.

Ele voltou para o quarto e abriu o armário. Alguém estivera em sua casa, em Chelsea. Todas as roupas dele estavam ali, penduradas de modo organizado. Alex se perguntou o que Crawley teria dito a Jack. Provavelmente o homem inventara alguma história para explicar o seu súbito desaparecimento. Ele separou uma calça cargo, um moletom e tênis, pôs a roupa, sentou-se na cama e esperou.

Cerca de 15 minutos mais tarde, Alex ouviu uma batida na porta, que foi aberta em seguida. Uma jovem asiática, usando um uniforme de enfermeira, entrou no quarto, sorrindo.

— Oh, você está acordado! E vestido. Como se sente? Não está muito grogue, eu espero. Por favor, venha por aqui. O sr. Blunt o espera para o almoço.

Alex não falara uma palavra com a mulher. Ele a acompanhou para fora do quarto, ao longo de um corredor, e desceu um lance de escadas. A casa

realmente era em estilo elisabetano, com painéis de madeira revestindo os corredores, candelabros rebuscados e retratos a óleo de homens vestindo túnicas com golas com rufos. A escada levava a um salão de teto alto, com um tapete cobrindo o chão de pedra e uma lareira tão grande que seria possível estacionar um carro dentro dela.

Uma mesa comprida, de madeira polida, fora posta para três. Alan Blunt e uma mulher morena, de aparência quase masculina, chupando uma bala de hortelã, já estavam sentados. Seria a sra. Blunt?

— Alex — Blunt sorriu brevemente, como se aquilo fosse uma coisa que não gostasse de fazer. — É gentil de sua parte se juntar a nós.

Alex sentou-se.

— O senhor não me deu muita escolha.

— Sim. Não sei bem em que Crawley estava pensando ao atirar em você daquele jeito, mas acho que foi o modo mais fácil. Deixe-me apresentá-lo à minha colega, sra. Jones.

A mulher acenou com a cabeça para Alex. Seus olhos pareciam examiná-lo minuciosamente, mas ela não disse nada.

— Quem são vocês? — perguntou o garoto. — O que querem de mim?

— Estou certo de que tem muitas perguntas a fazer. Mas, primeiro, vamos comer... — Blunt deve ter pressionado algum botão escondido, ou então havia alguém muito atento ao que acontecia no salão, porque no mesmo instante uma porta se abriu e o garçom, de paletó branco e calças pretas, entrou carregando três pratos. — Espero que goste de carne — continuou o homem. — Hoje teremos *carré dagneau.*

— O senhor quer dizer, cordeiro assado.

— O chef é francês.

O menino esperou até que a comida fosse servida. Blunt e a sra. Jones bebiam vinho tinto. Alex, água. Finalmente, Blunt começou a falar.

— Tenho certeza de que você já compreendeu — disse —, que o Royal & General não é um banco. Na verdade, ele não existe... não é mais que uma fachada. Isso quer dizer, portanto, que é claro que seu tio não tinha nada a ver com banco algum. Ele trabalhava para mim. Meu nome, como lhe disse no funeral, é Blunt. Sou o presidente da Divisão de Operações Especiais do MI6. E seu tio era, na falta de uma palavra melhor, um espião.

Alex não conseguiu conter um sorriso.

— Quer dizer... como James Bond?

— Parecido, embora não sejamos identificados por números, como 00 e coisas do tipo. Seu tio era um agente de campo, altamente treinado e muito corajoso. Ele cumpriu missões com sucesso no Irã, em Washington, Hong Kong, Havana... para mencionar só algumas. Imagino que isso deva ser um choque para você.

Alex lembrou-se do tio que morrera e do que sabia a respeito dele. Sua reclusão, as longas viagens ao exterior. Lembrou-se das ocasiões em que Ian chegara em casa machucado. Um braço enfaixado em uma das vezes, o rosto machucado em outra. Pequenos acidentes, dissera a Alex. Mas agora tudo aquilo fazia sentido.

— Não estou chocado — falou o garoto.

Blunt cortou cuidadosamente um pedaço de carne.

— Ian Rider não teve sorte em sua última missão — continuou Blunt. — Ele estava trabalhando disfarçado aqui mesmo na Inglaterra, em Cornwall, e voltava para Londres de carro para nos passar informações quando foi morto. Você viu o carro no ferro-velho...

— *Stryker & Son* — murmurou Alex. — Quem são eles?

— Apenas pessoas que usamos. Temos um orçamento restrito e precisamos terceirizar alguns de nossos serviços. Eles foram contratados para limpar qualquer possível vestígio. A sra. Jones, aqui, é nossa chefe de operações. Foi ela quem passou a última missão ao seu tio.

— Sentimos muito por termos perdido Ian, Alex — a mulher falou, pela primeira vez. Mas não parecia tão triste assim.

— Vocês sabem quem matou meu tio?

— Sabemos.

— E vão me dizer?

— Não. Agora, não.

— Por que não?

— Porque você não precisa saber. Não neste momento.

— Está certo — Alex considerou o que ele já sabia. — Meu tio era um espião. E, graças a vocês, está morto. Eu descobri coisas demais e vocês me doparam e me trouxeram para cá. Por sinal, onde estou?

— Este é um dos nossos centros de treinamento — disse a sra. Jones.

— Vocês me trouxeram aqui porque não querem que eu conte a ninguém o que sei. É por isso? Porque, se for, assinarei o Ato Secreto Oficial, ou o

que quer que vocês queiram que eu faça, mas depois gostaria de ir para casa. Isso é tudo uma loucura mesmo. E já cansei. Quero sair daqui.

Blunt tossiu baixinho.

— Não é assim tão simples — falou.

— Por que não?

— Não há dúvida de que você chamou nossa atenção, tanto no ferro-velho, quanto em nossos escritórios na Liverpool Street. E também não há dúvida de que o que você já sabe e o que estou prestes a lhe dizer não deve ser dito a ninguém. Mas a verdade mesmo, Alex, é que precisamos de sua ajuda.

— Da minha ajuda?

— Sim — Blunt parou por um instante. — Já ouviu falar de um homem chamado Herod Sayle?

Alex pensou por um momento.

— Vi esse nome nos jornais. Ele tem alguma coisa a ver com computadores. E também é dono de cavalos de corrida. Ele não veio de algum lugar no Egito?

— Sim. Do Cairo — Blunt deu um gole no vinho. — Vou lhe contar a história dele, Alex. Estou certo de que vai achar interessante.

Herod Sayle nasceu na mais completa pobreza, em um bairro miserável do Cairo. Seu pai era um técnico em higiene dental falido e a mãe, lavadeira. Ele tinha nove irmãos e quatro irmãs, e todos viviam juntos em uma casa de três pequenos cômodos junto com a cabra da família. O jovem Herod nunca frequentou a escola e acabaria sendo um adulto desempregado e analfabeto como os irmãos.

Mas, quando ele tinha 7 anos, um acontecimento mudou sua vida. Herod descia a rua Fez, no centro da cidade do Cairo, quando viu um piano caindo de uma janela no 14° andar. Parece que estavam subindo o instrumento para um apartamento e ele se soltou e caiu. De qualquer modo, naquele momento, um casal de turistas ingleses passava na calçada, e os dois sem dúvida teriam sido esmagados se Herod não houvesse se jogado sobre eles no último minuto, tirando-os do caminho do piano. Não foram atingidos por poucos centímetros.

É claro que os turistas ficaram imensamente gratos ao jovem e humilde egípcio e, por acaso, eram muito ricos. Eles fizeram perguntas ao rapaz e perceberam o quanto ele era pobre... inclusive, as roupas que usava naque-

le momento já haviam passado pelos seus nove irmãos. Então, por gratidão, os estrangeiros mais ou menos o adotaram. Eles o trouxeram do Cairo e o matricularam em uma escola aqui na Inglaterra, onde o rapaz fez progressos extraordinários. Herod tinha excelentes notas e, aos 15 anos, por uma incrível coincidência, era colega de um garoto que viria a ser primeiro-ministro da Grã-Bretanha. Nosso atual primeiro-ministro, na verdade. Os dois frequentaram a mesma escola.

Vou ser mais breve. Depois da escola, Sayle foi para Cambridge, onde se formou em Economia. A partir daí, construiu uma carreira de sucesso. Montou uma estação de rádio, programas de computador... e, sim, ele também encontrou tempo para comprar alguns cavalos de corrida, embora eu ache que seus animais raramente vençam alguma competição. Mas o que chamou nossa atenção foi a sua mais recente invenção. Um computador absolutamente revolucionário, que Herod Sayle chama de Stormbreaker.

Stormbreaker. Alex se lembrou da pasta que encontrara no escritório de Ian Rider. As coisas começavam a fazer sentido.

— O Stormbreaker está sendo fabricado pela Sayle Enterprises — disse a sra. Jones. — Tem havido muitos comentários a respeito do design. Ele tem o teclado preto e o gabinete também...

— Com o desenho de um raio cintilante na lateral — falou Alex. Ele vira uma foto do computador na revista *PC Review.*

— Ele não apenas *parece* uma máquina diferente — cortou Blunt. — Foi desenvolvido a partir de uma tecnologia completamente nova, que usa uma coisa chamada processador esférico. Acho que isso não significa nada para você.

— É um circuito integrado dentro de uma esfera de silicone de cerca de um milímetro de diâmetro — disse Alex. — Sua produção é 90% mais barata do que a de um chip comum, porque fica tudo lacrado dentro da peça, dispensando, assim, a necessidade de um espaço limpo para a produção.

— Oh, sim... — Blunt tossiu. — Estou surpreso com o fato de você saber tanto a esse respeito.

— Deve ser por causa da minha idade — respondeu Alex.

— Bem — continuou Blunt —, a questão é que, ainda hoje, a Sayle Enterprises vai fazer um anúncio bombástico. Eles estão planejando doar dezenas de milhares desses computadores. Na verdade, a intenção da empresa é assegurar que cada escola secundária da Inglaterra tenha seu próprio Storm-

breaker. Trata-se de um ato de generosidade sem paralelos e é um modo de Sayle agradecer ao país que o acolheu.

— Então, o homem é um herói.

— É o que parece. Há alguns meses, ele enviou a seguinte carta para Downing Street, onde fica a residência oficial do primeiro-ministro, dizendo: "Meu caro primeiro-ministro. Deve se lembrar de mim do tempo em que estudamos juntos, no mesmo colégio. Vivo na Inglaterra há quase 40 anos e gostaria de fazer alguma coisa, um gesto qualquer, que jamais fosse esquecido, para expressar meus sinceros sentimentos por seu país". A carta continua descrevendo o presente que ele pretende oferecer, e foi assinada "humildemente" pelo homem em questão. É claro que o governo ficou entusiasmado. Os computadores estão sendo montados na fábrica de Sayle, em Port Tallon, em Cornwall. Eles serão enviados para todo o país no final deste mês e, no dia 1º de abril, haverá uma cerimônia especial no Museu de Ciências de Londres. O primeiro-ministro vai apertar o botão que conectará todos os computadores a uma única rede... todos eles. E, essa é uma informação estritamente confidencial, o sr. Sayle será condecorado cidadão britânico, que é algo que aparentemente ele sempre desejou.

— Bem, fico muito feliz por ele — falou Alex. — Mas vocês ainda não me disseram o que isso tem a ver comigo.

Blunt relanceou o olhar para a sra. Jones, que havia terminado sua refeição enquanto ele falava. Ela desembrulhou outra bala de hortelã e assumiu o comando da conversa.

— Já há algum tempo, esse departamento, o de Operações Especiais, está preocupado com o sr. Sayle. A questão é que estamos nos perguntando se ele não é "bom demais para ser verdade". Não vou entrar em todos os detalhes, Alex, mas viemos monitorando os relacionamentos de negócio de Sayle. Ele tem contatos na China e na antiga União Soviética, países que nunca foram nossos amigos. O governo pode pensar que Sayle é um santo, mas o homem também tem um lado implacável. E o esquema de segurança em Port Tallon nos preocupa. Parece que ele formou uma espécie de exército particular. E está agindo como se tivesse alguma coisa a esconder.

— Não que alguém nos dê ouvidos... — resmungou Blunt.

— Exatamente. O governo está ansioso demais para colocar as mãos nesses computadores e não nos ouve. Foi por isso que decidimos mandar

um de nossos homens até a fábrica. Supostamente para checar a segurança. Mas, na verdade, o trabalho dele era ficar de olho em Herod Sayle.

— O senhor está falando do meu tio — deduziu Alex. Ian Rider dissera a ele que ia para uma convenção de seguros. Outra mentira em uma vida que não fora nada além de mentiras.

— Sim. Ele passou três semanas lá e, assim como nós, não simpatizou com o sr. Sayle. Em seus primeiros relatórios, Ian o descreve como uma pessoa de temperamento explosivo e desagradável. Mas, ao mesmo tempo, precisou admitir que, aparentemente, tudo caminhava bem. A produção seguia o cronograma estabelecido. Os Stormbreakers estavam sendo finalizados e todo mundo parecia satisfeito. E ele continuou:

— Mas, então, recebemos uma mensagem. Ian não pôde dizer muita coisa porque era uma linha aberta, mas ele nos contou que alguma coisa acontecera, disse que havia descoberto algo. Falou que os Stormbreakers não deveriam deixar a fábrica e que ele voltaria para Londres imediatamente. Ian Rider deixou Port Tallon às 4 horas. E sequer chegou à rodovia. Sofreu uma emboscada em uma estrada rural tranquila. A polícia local encontrou o carro e nós demos um jeito para que o veículo fosse trazido para cá.

Alex ficou sentado, em silêncio. Ele podia imaginar a cena. Uma estrada sinuosa, com árvores cheias de flores. O BMW prateado cintilando enquanto passava acelerado. E, depois de uma curva, um segundo carro esperando...

— Por que estão me contando toda essa história? — perguntou.

— Isso prova o que estávamos dizendo — retrucou Blunt. — Tínhamos dúvidas sobre Sayle e, por isso, mandamos um homem nosso investigá-lo. Nosso melhor homem. Ele descobriu alguma coisa e terminou morto. Talvez Ian Rider tenha descoberto a verdade...

— Mas eu não entendo! — interrompeu Alex. — Sayle vai doar os computadores. Não está ganhando nada com eles. Em troca, vai ser condecorado cidadão britânico. Ótimo... o que ele teria para esconder?

— Não sabemos — falou Blunt. — Simplesmente não sabemos. Mas queremos descobrir. E rápido. Antes que esses computadores deixem a fábrica.

— Eles vão ser despachados no dia 31 de março — acrescentou a sra. Jones. — Daqui a três semanas, apenas.

Ela olhou para Blunt, que assentiu, então continuou:

— Por isso é essencial que mandemos outra pessoa para Port Tallon. Alguém para continuar do ponto em que seu tio parou.

Alex sorriu, sem vontade.

— Espero que não estejam pensando em mim.

— Não podemos simplesmente mandar outro agente — falou a sra. Jones. — O inimigo já mostrou suas garras. Ele matou Ian. E sabe que será substituído. Temos que dar um jeito de enganá-lo.

— Temos que mandar alguém em quem ele não vá reparar — continuou Blunt. — Alguém que vai poder olhar ao redor e nos dizer o que está vendo, sem ser visto. Estávamos considerando a ideia de mandar uma mulher, que poderia se passar por faxineira ou ajudante de cozinha. Mas então eu tive uma ideia melhor: alguns meses atrás, uma dessas revistas sobre computadores anunciou um concurso: "Seja o primeiro garoto ou garota a usar o Stormbreaker. Viaje para Port Tallon e conheça Herod Sayle pessoalmente". Esse era o primeiro prêmio, que foi dado a algum jovem que aparentemente entende tudo de computadores. O nome dele é Felix Lester e ele tem 14 anos. A sua idade. Ele também se parece um pouco com você. O garoto é esperado em Port Tallon daqui a duas semanas.

— Espere um instante... — hesitou Alex.

— Você já demonstrou ser extraordinariamente corajoso e cheio de iniciativa — disse Blunt. — Primeiro no ferro-velho... aquilo foi um golpe de caratê, não foi? Há quanto tempo aprende caratê?

Alex não respondeu e Blunt continuou:

— E ainda teve aquele pequeno teste que preparamos para você no banco. Qualquer garoto que escala uma janela no 15° andar só para satisfazer a própria curiosidade tem que ser especial. E me parece que você é realmente muito especial.

— O que estamos sugerindo é que venha trabalhar para nós — falou a sra. Jones. — Temos tempo o bastante para lhe dar um treinamento básico, não que você precise, e podemos equipá-lo com alguns itens que vão ajudá-lo a fazer o que temos em mente. Então, daremos um jeito para que tome o lugar desse outro garoto. Vamos mandá-lo para a Flórida, ou para qualquer outro lugar semelhante... dar uma viagem de férias para ele como prêmio de consolação. Você irá para a Sayle Enterprises no dia 29 de março, que é o dia em que o garoto Lester é esperado. E ficará lá até dia 1º de abril, que é

o dia da cerimônia. O momento não poderia ser melhor. Você vai conhecer Herod Sayle, ficar de olho nele, e nos dizer o que acha. E talvez também descubra o que seu tio havia encontrado de suspeito por lá, e por que ele acabou morrendo por isso. Não deve ser perigoso para você, afinal, quem suspeitaria de que um garoto de 14 anos é um espião?

— Tudo o que estamos pedindo é que nos conte o que descobrir por lá — disse Blunt. — O dia 1º de abril é daqui a três semanas apenas. Isso é tudo o que pedimos, três semanas do seu tempo. E uma chance de nos certificarmos de que esses computadores são o que eles dizem ser. Uma chance de servir nosso país.

Blunt terminara seu almoço. O prato dele estava limpo, como se ali nunca tivesse existido comida. Ele apoiou a faca e o garfo, alinhando-os com precisão um ao lado do outro.

— Muito bem, Alex — Blunt voltou a falar. — Então, o que você diz?

Houve uma longa pausa.

Alex deixou o garfo e a faca sobre a mesa. Ele não comera nada. Blunt o observava com um interesse polido. A sra. Jones estava desembrulhando outra bala de hortelã, os olhos negros parecendo fixos no papel amassado em suas mãos.

— Não — falou Alex.

— Como?

— É uma ideia estúpida. Não quero ser um espião. Quero jogar futebol. E, além do mais, tenho minha própria vida — ele estava achando difícil encontrar as palavras certas. A ideia toda era tão absurda que quase riu. — Por que não pedem a esse Felix Lester que bisbilhote por lá, para vocês? — sugeriu o garoto.

— Não achamos que ele tenha tantos recursos quanto você — disse Blunt.

— Ele provavelmente é melhor em jogos de computador — Alex balançou a cabeça. — Sinto muito, mas não estou interessado. Não quero me envolver.

— É uma pena — falou Blunt. O tom de voz não mudara, mas ainda assim as palavras soaram pesadas, ameaçadoras. E agora ele parecia diferente. Durante a refeição, Blunt fora educado, não chegara a ser simpático, mas ao menos parecera humano. Mas em um instante aquilo desaparecera. Alex

pensou em uma descarga de banheiro. A parte humana dele acabara de sair pelo cano. — Então é melhor passarmos a discutir seu futuro — continuou Blunt. — Goste você ou não, Alex, o Royal & General agora é seu guardião legal.

— Pensei que o senhor havia dito que o Royal & General não existia.

Blunt o ignorou.

— É claro que Ian Rider deixou a casa e todo o dinheiro dele para você. No entanto, foi tudo aplicado em um fundo até que você complete 21 anos. E nós controlamos o fundo. Portanto, temo que seja preciso fazer algumas mudanças. A garota americana que vive com você...

— Jack?

— A srta. Starbright. O visto dela expirou. Ela terá que retornar aos Estados Unidos. Vamos colocar a casa à venda. Infelizmente, você não tem parentes para tomar conta de você, por isso temo que será obrigado a deixar a escola Brookland também. Será mandado para uma instituição. Conheço uma nos arredores de Birmingham. Chama-se Saint Elizabeth, em Sourbridge. Não é um lugar muito agradável, mas sinto que não temos alternativa.

— O senhor está me chantageando! — exclamou Alex.

— De jeito nenhum.

— Mas e se eu concordar em fazer o que me pediram...?

Blunt relanceou o olhar para a sra. Jones.

— Se nos ajudar, ajudaremos você — ela falou.

Alex parou para pensar, mas não por muito tempo. Ele sabia que não tinha escolha. Não com essas pessoas controlando seu dinheiro, sua vida, todo o seu futuro.

— Vocês falaram sobre treinamento — disse.

A sra. Jones assentiu.

— Felix Lester é esperado em Port Tallon em duas semanas — ela falou. — Isso não nos dá muito tempo. Mas também foi por isso que o trouxemos para cá, Alex. Isto aqui é um centro de treinamento. Se concordar em fazer o que queremos, podemos começar imediatamente.

— Podemos começar imediatamente — Alex repetiu as três palavras e não gostou do modo como soaram. Blunt e a sra. Jones estavam contando de antemão com uma resposta afirmativa. Ele suspirou. — Muito bem. Está certo. Parece que não tenho muita escolha.

O garoto olhou para as fatias de cordeiro frio em seu prato. Carne morta. Subitamente ele soube como o bicho devia se sentir.

5
00NADA

PELA CENTÉSIMA vez, Alex amaldiçoou Alan Blunt, usando uma linguagem que até então nem se dera conta de que conhecia. Eram quase 17 horas, embora pudesse muito bem ser manhã, pois o céu mal mudara de cor ao longo de todo o dia. Estava cinza, frio, implacável. A chuva ainda caía, fina, trazida em rajadas horizontais pelo vento e encharcando a roupa supostamente impermeável que ele usava, misturando suor e sujeira e congelando-o até os ossos.

Alex desdobrou o mapa e checou mais uma vez sua posição. Ele devia estar perto do último PE do dia — o último ponto de encontro —, mas não conseguia enxergar nada. Encontrava-se parado em uma trilha estreita coberta de cascalho cinzento, que fazia barulho sob as botas de combate que ele usava. A trilha serpenteava pela lateral da montanha, com um abismo à direita. Alex estava em algum lugar no Parque Nacional de Brecon Beacons onde, provavelmente, havia uma vista, mas tudo fora apagado pela chuva e pela luz mortiça. Algumas poucas árvores se retorciam na lateral da montanha, com folhas tão duras como espinhos. Atrás dele, abaixo, adiante, era tudo a mesma coisa. Uma terra de ninguém.

Alex sentia o corpo todo doído. A mochila militar com mais de 10 quilos que fora forçado a usar lhe cortava os ombros e fazia bolhas em suas costas. O joelho direito, sobre o qual ele caíra mais cedo, já não sangrava, mais ainda doía. O ombro estava machucado e tinha um arranhão profundo em um lado do pescoço. A roupa de camuflagem — ele trocara suas calças cargo por roupas de combate de verdade — tinha um péssimo caimento, era toda larga, mas apertada entre as pernas e sob os braços. Alex sabia que estava próximo da exaustão, quase cansado demais para se dar conta de quanta dor sentia. Mas, pelo que restara das pastilhas de glicose e de cafeína em seu kit de sobrevivência, ele deveria ter chegado a um ponto de parada horas atrás. Sabia que, se não encontrasse logo o PE, seria fisicamente incapaz de continuar. Então seria expulso do curso. “Descartado”, como eles diziam. Eles ficariam satisfeitos. Engoliu o gosto amargo da derrota, dobrou o mapa e se obrigou a continuar.

Era seu nono, ou talvez o décimo, dia de treinamento. O tempo já começara a se dissolver, tão sem forma como a chuva. Depois do almoço com

Alan Blunt e com a sra. Jones, ele fora transferido da casa principal para uma cabana de madeira a alguns quilômetros de distância. Havia nove cabanas no total, cada uma equipada com quatro camas e quatro estantes, tudo de metal. Uma quinta cama fora espremida em uma das cabanas para acomodar Alex. Havia mais duas cabanas, pintadas de cores diferentes, uma ao lado da outra. Em uma delas, ficava a cozinha e o refeitório. Na outra, os vasos sanitários, pias e chuveiros — sem nenhuma torneira de água quente à vista.

Em seu primeiro dia ali, Alex fora apresentado ao encarregado do seu treinamento, um sargento negro que tinha uma forma física incrível. Era o tipo de homem que achava já ter visto de tudo. Até conhecer Alex. Ele examinara o recém-chegado por um bom tempo antes de falar.

— Meu trabalho não é fazer perguntas — dissera o sargento. — Mas, se fosse, eu gostaria de saber o que eles pensam que estão fazendo, me mandando uma criança. Você tem alguma ideia de onde está, garoto? Isso aqui não é um acampamento de férias. Não é a Disneylândia.

Ele falou a palavra com as sílabas bem marcadas, como se as cuspisse e acrescentou:

— Você ficará aqui por 12 dias e eles esperam que eu lhe dê o tipo de treinamento que deveria levar 14 semanas. Isso não é apenas loucura. É suicídio.

— Eu não pedi para estar aqui — resmungou Alex.

Subitamente o sargento ficou furioso.

— Não fale a menos que eu lhe dê permissão — gritou. — E quando falar comigo, dirija-se a mim como "senhor". Entendeu?

— Sim, senhor — Alex já decidira que aquele homem era ainda pior que o seu professor de geografia.

— Há cinco unidades operacionais aqui neste momento — continuou o oficial. — Você vai se juntar à Unidade K. Não usamos nomes. Eu não tenho nome. Você não tem nome. Se alguém perguntar o que está fazendo, responda: "nada". Alguns dos homens podem ser duros com você. Alguns podem se ressentir de você estar aqui. E isso é muito ruim. Mas terá que viver com isso. E há uma coisa que precisa saber. Posso fazer algumas concessões no seu caso, afinal você é um garoto, não um homem. Mas, se reclamar, será descartado. Se chorar, será descartado. Se não conseguir aguen-

tar o ritmo, será descartado. Aqui entre nós, garoto, isto é um erro e quero descartá-lo.

Depois disso, Alex se juntou à Unidade K. Como o sargento tinha previsto, os outros não ficaram propriamente felizes ao vê-lo.

Havia mais quatro junto com ele. Como Alex logo descobriu, a Divisão de Operações Especiais do MI6 mandava seus agentes para o mesmo centro de treinamento usado pelo Serviço Aéreo Especial. Grande parte do treinamento era baseado nos métodos desse setor e isso incluía o número de integrantes e as características de cada equipe. Portanto havia quatro homens, cada um com seus talentos especiais. E um garoto, que parecia não ter talento algum.

Os homens estavam todos na casa dos 20 anos e se esparramaram sobre as camas em um silêncio amigável. Dois deles estavam fumando. Um havia desmontado sua arma — uma pistola Browning High Power de 9 mm — e agora voltava a montá-la. Cada um tinha recebido uma identidade secreta: Lobo, Raposa, Águia e Cobra. Dali em diante, Alex seria conhecido como Filhote. O líder, Lobo, era o que estava com a pistola. Era um homem pequeno e musculoso, com ombros quadrados e cabelo negro, cortado rente. Ele tinha um rosto bonito, que parecia levemente irregular por causa do nariz, quebrado em algum momento no passado.

Lobo foi o primeiro a falar. Ele abaixou a arma e examinou Alex com os olhos castanhos, frios.

— Quem diabos pensa que é? — quis saber o homem.

— Filhote — respondeu Alex.

— Um maldito moleque de escola! — falou Lobo com um sotaque estranho, que parecia estrangeiro. — Não acredito nisso. Você está na Divisão de Operações Especiais?

— Não estou autorizado a lhe dizer isso — Alex foi até sua cama e sentou-se. O colchão parecia tão duro como o estrado. Apesar do frio, havia apenas um cobertor.

Lobo balançou a cabeça e deu um sorriso sem graça.

— Vejam o que nos mandaram — resmungou. — Será o 007? Está mais para 00Nada.

Depois disso, o nome pegou. E eles passaram a chamar Alex de 00Nada.

Nos dias que se seguiram, Alex era uma sombra no grupo, nunca se integrou de fato, mas também nunca ficou muito distante. Quase tudo o que os

outros faziam, ele também fazia. Aprendeu a ler um mapa, a se comunicar por rádio e a prestar primeiros socorros. Participou de uma aula de combate desarmado e foi derrubado com tanta frequência que precisou de toda a coragem para decidir se levantar novamente.

E havia ainda o treinamento de guerra. Por cinco vezes, Alex passou pelo pesadelo de subir por redes e escadas, atravessar túneis e trincheiras, escalar muros e se pendurar em cordas que se estendiam por quase 400 metros acima do bosque que ficava ao lado das cabanas. Tudo isso ouvindo gritos e provocações. O garoto pensava naquilo tudo como uma aventura em um playground no inferno. Na primeira vez que tentou atravessar a extensão da corda, acabou se soltando e caiu em uma fossa cheia de lama gelada. Meio afogado e imundo, ele foi mandado de volta ao começo pelo sargento. Alex pensou que jamais conseguiria chegar ao fim, mas, na segunda vez, conseguiu terminar o percurso em 25 minutos, e no fim da semana já o fazia em 17 minutos. Mesmo machucado e dolorido, ele estava bastante satisfeito consigo mesmo. O próprio Lobo só tinha conseguido fazer o percurso em 12 minutos.

O líder, por sinal, permanecia claramente hostil a Alex. Os outros três homens simplesmente o ignoravam, mas Lobo fazia de tudo para provocá-lo e humilhá-lo. Era como se de algum modo o garoto o houvesse insultado ao ter sido colocado no grupo. Uma vez, enquanto rastejavam sob as redes, ele dera um chute de repente, errando o rosto de Alex por poucos centímetros. É claro que, se tivesse acertado o golpe, ele diria que fora um acidente. Outra vez, o homem fora mais bem-sucedido: fizera o garoto tropeçar no refeitório e cair junto com a bandeja que carregava, os talheres e um prato de ensopado fervendo. E toda vez que falava com Alex, Lobo usava o mesmo tom de desprezo.

— Boa noite, 00Nada. Não molhe a cama.

Alex mordia o lábio e não dizia nada. Mas ficava feliz quando os quatro homens eram escalados para passar o dia fora, no curso de sobrevivência na selva — que não fazia parte do treinamento de Alex. E por mais que o sargento exigisse em dobro dele quando os outros não estavam, Alex preferia ficar sozinho.

Mas, no décimo dia, Lobo chegou perto de acabar de vez com ele. Foi na Killing House, a casa mortífera.

A Killing House era a réplica de uma embaixada, usada para treinar o Serviço Aéreo Especial na arte de libertar reféns. Alex já tinha observado duas vezes a Unidade K entrar na casa, na primeira vez pendurados no teto, e acompanhara o progresso deles através de um circuito fechado de TV. Os quatro homens estavam armados. O garoto não fizera parte da ação porque alguém, em algum lugar, decidira que ele não deveria portar um revólver. Dentro da Killing House, manequins ficavam nas posições de terroristas e de reféns. Derrubando portas e usando granadas de gás paralisante para abrir caminho com múltiplas explosões ensurdecedoras, Lobo, Raposa, Águia e Cobra haviam conseguido completar sua missão com sucesso ambas as vezes.

Na vez seguinte, Alex os acompanhara. Haviam sido montadas armadilhas explosivas na Killing House e eles não sabiam onde. Os cinco entraram desarmados. O trabalho deles era apenas entrar por um lado da casa e sair pelo outro sem serem "mortos".

Eles quase conseguiram. No primeiro cômodo, arrumado para parecer uma enorme sala de jantar, os cinco encontraram os explosivos sob o carpete, bem como os raios infravermelhos que cruzavam as portas. Para Alex, era uma experiência assustadora andar na ponta dos pés, atrás dos outros quatro homens e vê-los desarmar os dois artefatos usando fumaça de cigarro para descobrir os raios que, de outro modo, seriam invisíveis. Era estranho sentir medo de tudo, quando na verdade não via nada. No corredor, havia um detector de movimento, que ativava uma metralhadora (Alex presumiu que estivesse carregada com cartuchos de festim) atrás de um biombo. O terceiro cômodo estava vazio. No quarto cômodo, uma sala de estar, ficava a saída, que era um par de janelas francesas. Havia um cabo detonador, pouco mais grosso que um fio de cabelo, ao redor de toda a extensão da sala, e as janelas francesas tinham alarme. Enquanto Cobra lidava com o alarme, Raposa e Águia se preparavam para neutralizar o cabo detonador, usando uma placa com circuitos eletrônicos e uma variedade de ferramentas que traziam nos cintos.

Lobo os deteve.

— Podem deixar. Já estamos fora daqui — nesse momento, Cobra fez um sinal. Ele já tinha desativado o alarme. As janelas estavam abertas.

Cobra foi o primeiro a sair, e logo depois saíram Raposa e Águia. Alex teria sido o último a deixar o cômodo, mas, quando se aproximava da saída,

descobriu que Lobo bloqueava seu caminho.

— Má sorte, 00Nada — falou Lobo. A voz dele era suave, quase gentil.

A próxima coisa de que Alex teve consciência foi da mão do homem acertando seu peito e empurrando-o para trás com uma força impressionante. Pego de surpresa, ele perdeu o equilíbrio e caiu. Ainda se lembrou do cabo detonador e tentou girar o corpo para evitá-lo, mas não adiantou. Sua mão esquerda encostou no cabo. Na verdade, o cabo se prendeu em seu pulso e foi arrastado para o chão junto com o garoto.

O cabo detonador ativava uma granada de gás paralisante — um pequeno artefato que continha uma mistura de pó de magnésio e fulminato de mercúrio. O som da explosão, além de deixar Alex surdo, fez todo o seu corpo estremecer por dentro, como se alguém tentasse rasgar seu coração. A luz do mercúrio queimou por uns cinco segundos e era tão ofuscante que não adiantava nem fechar os olhos. O garoto permaneceu deitado, com o rosto colado ao chão de madeira, as mãos agarrando a cabeça, incapaz de se mover, esperando apenas que tudo aquilo terminasse.

Mas ainda não estava terminado. Quando o clarão finalmente se apagou, foi como se toda a luz na sala tivesse sumido. Alex cambaleou até ficar de pé, incapaz de ver ou ouvir, sem nem saber direito onde estava. Sentia enjoo. A sala parecia girar ao redor dele. O cheiro forte de produtos químicos saturava o ar.

Dez minutos mais tarde, ele conseguiu sair da casa. Lobo o esperava junto com os outros, com uma expressão neutra no rosto. Ele tinha escapado da Killing House antes que Alex atingisse o chão. O oficial responsável pelo treinamento da unidade caminhou até Alex com uma expressão furiosa. O garoto não esperava ver preocupação no rosto do homem e não se desapontou.

— Quer me dizer o que aconteceu lá dentro, Filhote? — quis saber. Como Alex não respondeu, o homem continuou: — Você arruinou o exercício. Estragou tudo. Poderia ter feito com que toda a unidade fosse descartada. Portanto é melhor começar a me dizer o que deu errado.

Alex relanceou o olhar para Lobo. O homem desviou os olhos. O que ele podia dizer? Adiantaria dizer a verdade?

— E então? — o sargento estava esperando.

— Não aconteceu nada, senhor — falou Alex. — Eu simplesmente não olhei por onde andava. Pisei em alguma coisa e houve a explosão.

— Se isso acontecesse na vida real, você estaria morto — falou o sargento. — O que eu lhe disse? Foi um erro me mandarem uma criança. E uma criança estúpida e atrapalhada, que não olha por onde anda... isso é ainda pior!

Alex ficou parado onde estava. Sabia que seu rosto estava muito vermelho. Uma parte dele queria responder à altura, mas ele mordeu a língua. Pelo canto dos olhos, viu o sorriso de lado no rosto de Lobo.

O sargento também viu.

— Você acha isso assim tão divertido, Lobo? Pois então pode entrar lá e limpar tudo. E tratem de descansar esta noite. Todos vocês. Porque amanhã teremos uma marcha de 50 quilômetros. Sem ração, sem lanternas, sem fogo. É um curso de sobrevivência. E, se realmente sobreviverem, então talvez tenham um motivo para sorrir.



Alex estava se lembrando daquelas palavras agora, exatamente 24 horas depois. Ele havia passado as últimas 11 horas de pé, seguindo a trilha que o sargento determinara no mapa. O exercício começara às 6 horas, depois de um café da manhã reforçado composto de feijão com linguiça. Lobo e os outros já haviam desaparecido na distância, bem à frente de Alex, embora estivessem carregando mochilas de 25 quilos. Eles tinham apenas oito horas para completar o percurso. Em deferência à sua idade, Alex dispunha de 12 horas para completá-lo.

Ele dobrou uma curva, os pés fazendo barulho sobre o cascalho. Havia alguém parado adiante. Era o sargento. O homem acabara de acender um cigarro e Alex viu quando ele guardou a caixa de fósforos no bolso. Ao vê-lo, o garoto sentiu novamente a raiva e a vergonha que sentira na véspera e, ao mesmo tempo, sentiu o que restava de suas forças sumir. Subitamente não aguentava mais Blunt, a sra. Jones, Lobo... toda aquela estupidez. Em um esforço final, caminhou os últimos cem metros e parou. A chuva e o suor escorriam por seu rosto. Seu cabelo, agora preto por causa da sujeira, estava colado à testa.

O sargento checou o relógio.

— Onze horas, cinco minutos. Não está mal, Filhote. Mas os outros chegaram aqui há três horas.

Bom para eles, pensou Alex. Mas não disse nada.

— De qualquer modo, você precisa conseguir chegar ao primeiro PE — continuou o sargento. — É lá em cima.

Ele apontou para um paredão de pedra. Não era em declive. Era escarpado, reto. Rocha sólida elevando-se a uns 150 metros sem fendas para apoio das mãos ou dos pés à vista. Só de olhar para o paredão Alex sentiu o estômago revirar. Ian Rider o levara para escalar... na Escócia, na França, por toda a Europa. Mas ele nunca tentara nada assim tão difícil. Não sozinho. E menos ainda quando já estava tão cansado.

— Não consigo — falou Alex. No fim, as duas palavras saíram com facilidade.

— Não ouvi o que ouvi — disse o sargento.

— Eu disse que não consigo fazer isso, senhor.

— "Não consigo" não são palavras que usamos por aqui.

— Não me importo. Para mim já chega. Eu simplesmente... — a voz de Alex falhou. Ele não confiava em si mesmo para continuar. E ficou parado ali, gelado, vazio, esperando o machado descer sobre sua cabeça.

Mas isso não aconteceu. O sargento o examinou por um longo minuto. Então assentiu com a cabeça lentamente.

— Escute, Filhote — falou. — Sei o que aconteceu na Killing House.

Alex ergueu os olhos.

— Lobo se esqueceu do circuito fechado de TV. Temos tudo gravado.

— Então, por que...? — Alex começou a perguntar.

— Você fez uma reclamação contra ele, Filhote?

— Não, senhor.

— Quer fazer uma reclamação contra ele, Filhote?

Uma pausa. Então...

— Não, senhor.

— Ótimo.

O sargento apontou para a rocha, sugerindo um caminho com o dedo e falou:

— Não é tão difícil quanto parece. E eles estão esperando por você bem no topo. Vocês terão um belo jantar frio. Rações de sobrevivência. Você não vai querer perder isso.

Alex respirou fundo e recomeçou a andar. Quando passou pelo sargento, tropeçou. Então estendeu a mão para se equilibrar e acabou esbarrando no

homem.

— Desculpe, senhor... — falou.

Alex demorou 20 minutos para chegar ao topo e, como já esperava, a Unidade K estava lá, encolhida ao redor de três pequenas barracas que os homens deviam ter armado mais cedo, à tarde. Duas eram grandes o bastante para abrigar mais de uma pessoa. Uma delas, a menor, era para Alex.

Cobra, um homem magro, de cabelos claros, que falava com sotaque escocês, levantou os olhos para Alex. Ele tinha uma lata com ensopado frio em uma mão e uma colher na outra.

— Não achei que você conseguiria — falou Cobra. Alex não pôde deixar de perceber certa simpatia na voz do homem. E, pela primeira vez, ele não o chamara de 00Nada.

— Nem eu — respondeu.

Lobo estava agachado diante do que ele esperava que viesse a ser uma fogueira, tentando acendê-la friccionando duas pedras, e Raposa e Águia observavam. Mas não estava chegando a lugar nenhum. As pedras só conseguiam produzir breves faíscas, e os pedaços de jornal e as folhas que ele havia recolhido estavam molhados demais. Lobo continuava a esfregar as pedras sem parar. Os outros olhavam, aborrecidos.

Alex estendeu a caixa de fósforos que roubara do bolso do sargento quando fingira tropeçar, na base do paredão.

— Isso deve ajudar — falou o garoto.

Ele jogou os fósforos no chão e entrou na barraca que lhe cabia.

6
NÃO SOMOS BRINQUEDOS

NO ESCRITÓRIO DE LONDRES, a sra. Jones estava sentada esperando, enquanto Alan Blunt lia o relatório. O sol brilhava do lado de fora. Um pombo andava de um lado para o outro no parapeito da janela, como se estivesse de guarda.

— Ele está indo muito bem — falou Blunt, por fim. — Impressionantemente bem, na verdade. Estou vendo que perdeu o treino de tiro ao alvo — acrescentou, virando a página.

— Você está planejando entregar um revólver a ele?

— Não. Acho que não seria uma boa ideia.

— Então por que ele precisa treinar tiro ao alvo?

Blunt ergueu uma sobrancelha.

— Não podemos entregar um revólver nas mãos de um adolescente — falou. — Mas, por outro lado, não acho que devamos mandá-lo para Port Tallon de mãos vazias. É melhor você ter uma conversa com Smithers.

— Já tive. Ele está trabalhando nisso agora.

A sra. Jones se levantou, como se fosse sair. Mas hesitou quando chegou junto à porta.

— Eu me pergunto se já lhe ocorreu que Ian Rider devia estar preparando o garoto para isso durante todo o tempo... — ela comentou.

— O que quer dizer?

— Será que ele não estava preparando Alex para substituí-lo? Desde que o garoto começou a andar, vem sendo treinado para o trabalho de inteligência... mas sem saber. Quero dizer, ele morou no exterior, por isso agora fala francês, alemão e espanhol. Escala montanhas, mergulha e esquia. Aprendeu caratê. Está em perfeita forma física — ela deu de ombros. — Acho que Ian queria que Alex se tornasse um espião.

— Mas não tão rápido — falou Blunt.

— Concordo. Você sabe tão bem quanto eu, Alan, que ele ainda não está pronto. Se o mandarmos para a Sayle Enterprises, ele vai acabar sendo morto.

— Talvez — a única palavra foi dita em um tom frio e prático.

— Ele tem 14 anos! Não podemos fazer isso.

— Temos que fazer — Blunt se levantou e abriu a janela, deixando entrar o ar e o som do tráfego de fora. O pombo se atirou do parapeito, com medo do homem. — Esse negócio todo me preocupa. O primeiro-ministro vê o Stormbreaker como um golpe de mestre... para ele mesmo e para o governo. Mas ainda há alguma coisa sobre Herod Sayle que não me convence. Você contou ao garoto sobre Yassen Gregorovich?

— Não — a sra. Jones balançou a cabeça.

— Então está na hora de fazer isso. Foi Yassen quem matou o tio dele. Estou certo disso. E se Yassen estava trabalhando para Sayle...

— O que você fará se Yassen matar Alex Rider?

— Isso não é problema nosso, sra. Jones. Se o garoto se deixar matar, ao menos será uma prova de que há algo de errado. No mínimo isso me permitirá adiar o projeto Stormbreaker e dar uma boa olhada no que está acontecendo em Port Tallon. De certo modo, quase nos ajudaria se ele *realmente* fosse morto.

— O garoto ainda não está preparado. Ele cometerá erros. Não vai demorar muito para que descubram quem ele é — a sra. Jones suspirou. — Acho que Alex não tem mesmo muita chance.

— Concordo — Blunt virou as costas para a janela. O sol refletiu em seu ombro e uma única sombra passou por seu rosto. — Mas agora é tarde demais para nos preocuparmos com isso. Não temos mais tempo. Interrompa o treinamento agora e envie-o para lá.

Alex estava sentado curvado na traseira de uma aeronave militar C-130, que voava baixo, e sentia o estômago revirar. Havia 11 homens sentados em duas fileiras ao redor dele — sua própria unidade e mais duas outras. Já fazia uma hora que o avião voava a 90 metros de altitude, seguindo os vales do País de Gales, mergulhando e desviando para evitar os picos das montanhas. Uma única lâmpada vermelha cintilava por trás de uma tela metálica, deixando a cabine apertada ainda mais quente. Alex podia sentir os motores vibrando através de seu corpo. Era como viajar em uma espécie de centrífuga misturada com um micro-ondas.

A ideia de saltar de um avião com um guarda-chuva amarelo de seda, grande demais, deixaria o garoto doente de medo — mas, naquela manhã, tinha sido avisado de que não pularia de fato. Haviam recebido uma mensagem de Londres. Não podiam correr o risco de ele quebrar uma perna, dizia a mensagem, e Alex imaginou que o fim do seu treinamento estivesse pró-

ximo. Mesmo assim, haviam lhe ensinado a dobrar o paraquedas, a controlá-lo, a pular do avião e a aterrissar. E, no fim do dia, o sargento dissera a ele para se juntar ao voo — apenas como experiência. Agora, perto da zona de salto, Alex quase se sentia desapontado. Ele ia observar todos pularem e seria deixado sozinho.

— Faltam cinco minutos...

A voz do piloto saiu pelo sistema de alto-falantes, distante e metálica. Alex cerrou os dentes. Cinco minutos para o salto. Olhou para os outros homens, que se colocavam em posição, checando as cordas que os conectavam à linha estática. Ele estava sentado perto de Lobo. Para sua surpresa, o homem estava absolutamente quieto, não se movia. Era difícil dizer, mas, pela expressão do rosto, parecia quase assustado.

Houve um zumbido alto e a luz vermelha se tornou verde. O assistente do piloto saiu da cabine, alcançou uma alavanca e abriu a porta na traseira do avião. O ar frio entrou. Alex podia ver a noite através daquele quadrado. Estava chovendo e a chuva uivava na noite.

A luz verde começou a piscar. O assistente deu um tapinha nos ombros do primeiro par de homens e Alex viu quando eles se aproximaram da lateral do avião e se jogaram no ar. Por um instante, os homens tinham ficado meio congelados, emoldurados pelo batente da porta. Então se foram como uma foto planando e caindo, levada pelo vento. Mais dois homens os seguiram. E então outros dois. Lobo seria o último a pular e, como Alex não pularia, iria sozinho.

Passou-se menos de um minuto. Subitamente Alex percebeu que só haviam sobrado ele e Lobo.

— Mova-se! — o assistente gritou acima do rugido dos motores.

Lobo se levantou. Seus olhos encontraram rapidamente os do garoto e, naquele momento, Alex teve certeza. O homem era um líder popular. Era durão e rápido — completara uma marcha de 50 quilômetros como se estivesse dando um passeio no parque. Mas ele tinha um ponto fraco. Não tinha como evitar aquele salto de paraquedas e agora estava com medo de se mexer. Era difícil de acreditar, mas o homem tinha ficado congelado na porta do avião, os braços rígidos, olhando para fora. Alex olhou para trás. O assistente estava olhando para o outro lado. Não via o que se passava. E quando visse? Se Lobo não conseguisse saltar, seria o fim do treinamento dele e

talvez até mesmo de sua carreira. Mesmo uma mera hesitação poderia ser o bastante para que ele fosse descartado.

Alex pensou por um instante. Lobo não se movera. Os ombros dele subiam e desciam, como se o homem estivesse tentando se armar de coragem para pular. Dez segundos haviam se passado. Talvez mais. O assistente estava abaixado, arrumando uma peça de equipamento. Alex se levantou.

— Lobo... — disse.

Lobo não o ouviu.

O garoto olhou rapidamente para o assistente, então deu um chute bem forte. Seu pé acertou as costas de Lobo. Ele havia posto todas as forças que tinha no movimento. O homem foi pego de surpresa, as mãos se soltaram e logo ele planava no ar da noite.

O assistente se virou e viu Alex.

— O que está fazendo? — gritou.

— Só esticando as pernas — Alex gritou de volta.

O avião fez uma curva no ar e começou sua viagem de volta.

A sra. Jones esperava por Alex quando ele voltou para o hangar. Ela estava sentada diante de uma mesa, usando um paletó de seda cinza com a ponta de um lenço aparecendo no bolso e calças compridas. Por um momento, a sra. Jones não reconheceu Alex. O garoto vestia o macacão de voo, e tinha o cabelo úmido da chuva e o rosto marcado de cansaço. Parecia ter crescido nas últimas duas semanas. Nenhum dos outros homens tinha voltado. Um caminhão havia ido recolhê-los a cerca de três quilômetros dali.

— Alex... — ela chamou.

O garoto levantou os olhos, mas não disse nada.

— Fui eu que decidi não deixar você saltar — falou a mulher. — Espero que não esteja desapontado. Só achei que seria muito arriscado. Por favor, sente-se.

Alex se sentou diante dela.

— Tenho umas coisas aqui comigo que devem animá-lo — continuou a sra. Jones. — Eu lhe trouxe alguns brinquedos.

— Já estou velho demais para brinquedos — falou Alex.

— Não é esse tipo de brinquedo.

Ela fez um sinal e um homem apareceu, saindo das sombras e carregando uma bandeja cheia de equipamentos que ele colocou sobre a mesa. O ho-

mem era imensamente gordo. Quando se sentou, o metal da cadeira desapareceu sob o traseiro volumoso, e Alex ficou surpreso de que a cadeira aguentasse todo aquele peso. O homem era careca, usava um bigode negro e tinha uma enorme papada que se estendia do pescoço até quase os ombros. Usava um terno escuro listrado, provavelmente confeccionado com a quantidade de tecido necessária para se fazer uma barraca.

— Smithers — disse o homem, acenando com a cabeça para Alex. — Muito prazer em conhecê-lo, meu velho.

— O que você conseguiu para ele? — quis saber a sra. Jones.

— Temo que o tempo não tenha sido suficiente, sra. J. — respondeu Smithers. — O desafio foi pensar no que um garoto de 14 anos costuma carregar consigo... e adaptar.

O homem pegou o primeiro objeto na bandeja. Um ioiô. Era levemente maior do que o normal, de plástico preto.

— Vamos começar com este — disse Smithers.

Alex sacudiu a cabeça. Ele não conseguia acreditar em nada daquilo.

— Não me diga que isso é algum tipo de arma secreta — exclamou o garoto.

— Não exatamente. Disseram que você não deveria ter armas. É jovem demais.

— Então não é uma granada de mão? Puxe a corda e saia correndo em disparada?

— Com certeza, não. É um ioiô — Smithers puxou a corda, segurando-a entre o indicador e o polegar. — No entanto, essa corda *é* de um tipo especial de náilon, muito avançado. São 30 metros de uma corda que pode levantar pesos de mais de 100 quilos. A base do ioiô tem um motor e se prende ao seu cinto. Muito útil para escalada.

— Impressionante — Alex não estava nem um pouco impressionado.

— E também há isto — o sr. Smithers pegou um pequeno tubo de creme. Alex leu: “Limpa-espinhas — para uma pele mais saudável”. — Nada pessoal — continuou Smithers, em tom de desculpas. — Mas achamos que era o tipo de coisa que um garoto da sua idade costuma carregar. E é particularmente extraordinário.

Ele abriu o tubo e colocou um pouco de creme sobre o dedo.

— Completamente inofensivo em contato com a pele. Mas coloque-o em contato com metal e a história é outra — o homem passou o dedo na super-

fície da mesa. Por um momento, nada aconteceu. Então uma fina espiral de fumaça ácida subiu pelo ar, o metal chiou e apareceu um buraco irregular.
— O creme fará isso com qualquer tipo de metal — explicou Smithers, pegando um lenço para limpar o dedo. — Muito útil para o caso de você precisar abrir uma fechadura.

— Mais alguma coisa? — perguntou a sra. Jones.

— Oh sim, sra. Jones. A senhora poderia dizer que essa é nossa *pièce de resistance,* nosso item principal — ele pegou uma caixa colorida que Alex no mesmo instante reconheceu ser um console de vídeo game portátil, da Nintendo.

— Que adolescente estaria completo sem um desses? — perguntou o homem. — Este aqui vem com quatro jogos. E a beleza da coisa é que cada cartucho de jogos transforma o console em algo completamente diferente.

Ele mostrou a Alex o primeiro jogo. Nemesis.

— Se você inserir este, o console se transforma em um fax/copiadora, o que lhe permite contato direto conosco e vice-versa. Apenas passe a tela do aparelho sobre qualquer página que queira transmitir e nós a receberemos em segundos.

Smithers pegou o segundo jogo: Exocet.

— Este transforma o console em um aparelho de raios X. Coloque a máquina contra qualquer superfície com menos de cinco centímetros de espessura e observe a tela. Também tem a função de áudio. Você só precisa conectar os fones de ouvido. Muito útil para escutar atrás de portas. Não é tão poderoso quanto eu gostaria, mas estamos trabalhando nisso.

O terceiro jogo se chamava Speed Wars.

— Este aqui serve para descobrir microfones escondidos — explicou Smithers. — Você pode usá-lo para rastrear um cômodo e checar se não tem alguém tentando escutá-lo. Sugiro que o use no momento em que chegar. E, finalmente... meu favorito.

Smithers levantou um último cartucho. A etiqueta do nome dizia, “Bomber Boy”.

— Eu vou conseguir jogar esse? — perguntou Alex.

— Você pode jogar os quatro. Todos têm também a função de jogo. Mas, como o nome sugere, este na verdade é uma bomba de fumaça. Nesse caso, você não vai inserir o cartucho no console. Vai deixá-lo em algum lugar no cômodo em que estiver e pressionar o *start* três vezes no console. Então, a

bomba explode acionada por controle remoto. É uma camuflagem útil se você precisar fugir depressa.

— Obrigada, Smithers — disse a sra. Jones.

— O prazer é meu, sra. J. — Smithers se levantou, as pernas bem esticadas para aguentar o peso enorme. — Espero voltar a vê-lo, Alex. Nunca tive que equipar um garoto antes. Tenho certeza de que serei capaz de ter mais algumas ótimas ideias.

Ele saiu cambaleando e desapareceu por uma porta que bateu quando o homem passou.

A sra. Jones virou-se para Alex.

— Você parte amanhã para Port Tallon. Vai usar o nome de Felix Lester — falou a sra. Jones entregando um envelope ao garoto. — O verdadeiro Felix Lester partiu para a Flórida ontem. Neste envelope você vai encontrar tudo o que precisa saber sobre ele.

— Vou ler na cama.

— Ótimo.

De repente a mulher ficou muito séria, e Alex se pegou imaginando se ela seria mãe de alguém. Se fosse, poderia ter um filho da idade dele. A sra. Jones pegou uma fotografia em preto e branco e colocou-a sobre a mesa. A foto mostrava um homem usando jeans e uma camiseta branca. Ele devia ter quase 30 anos, cabelo claro, cortado bem curto, rosto liso e o corpo de um dançarino. A fotografia estava levemente fora de foco. Fora tirada de uma boa distância, possivelmente com uma câmera oculta.

— Quero que olhe para isto — ela falou.

— Estou olhando.

— O nome dele é Yassen Gregorovich. Ele nasceu na Rússia, mas agora trabalha para vários países. O Iraque já o contratou. E também a Sérvia, a Líbia e a China.

— O que ele faz?

— É um assassino de aluguel, Alex. Acreditamos que foi ele quem matou Ian Rider.

Houve uma longa pausa. Alex já quase havia conseguido se convencer de que aquele negócio todo era algum tipo de aventura maluca... um jogo. Mas, ao olhar para aquele rosto frio, com os olhos sem expressão, ele sentiu um aperto no peito e viu que estava com medo. Lembrou-se do carro do tio,

crivado de balas. Um homem como esse, um assassino de aluguel, faria o mesmo com ele, Alex. Sem piscar.

— Essa foto foi tirada há seis meses, em Cuba — dizia a sra. Jones. — Pode ter sido coincidência, mas Herod Sayle estava lá, na mesma época. Os dois podem ter se encontrado. E há outra coisa — ela fez uma pausa. — Rider usou um código na última mensagem que nos mandou. Uma única letra. *Y.*

— *Y* de Yassen.

— Ele deve ter visto Yassen em algum lugar em Port Tallon. E queria que nós soubéssemos...

— Por que está me dizendo isso agora? — perguntou Alex, sentindo a boca seca.

— Porque se você o vir, se Yassen estiver em qualquer lugar perto da Sayle Enterprises, quero que nos contate no mesmo instante.

— E então?

— Tiraremos você de lá. Não importa a sua idade, Alex. Se Yassen descobrir que você está trabalhando para nós, ele o matará também.

Ela guardou novamente a foto.

— Você sairá daqui amanhã de manhã, às 8 horas — disse a sra. Jones. — Tenha cuidado, Alex. E boa sorte.

Alex caminhou pelo andar, seus passos ecoando. Atrás dele, a sra. Jones havia desembrulhado uma bala de hortelã e colocado na boca. O hálito dela sempre parecia levemente perfumado de hortelã. Como chefe da Divisão de Operações Especiais, quantos homens a sra. Jones já teria mandado para a morte? Ian Rider e talvez mais dezenas de outros. Talvez fosse mais fácil para ela se seu hálito fosse doce.

Alex reparou em um movimento à sua frente e viu que os paraquedistas estavam voltando do salto. Eles vinham saindo da escuridão da noite, com Lobo e os outros homens da Unidade K caminhando na frente do grupo. Alex tentou desviar deles, mas logo viu que Lobo bloqueava seu caminho.

— Você está indo embora — disse Lobo. Ele devia ter ouvido que o treinamento de Alex estava encerrado.

— Sim.

Houve um longo momento de silêncio.

— O que aconteceu no avião... — o homem começou a dizer.

— Esqueça, Lobo — falou Alex. — Nada aconteceu. Você pulou e eu não. Isso é tudo.

Lobo ergueu uma mão.

— Quero que você saiba... eu estava errado a seu respeito. Você é bom. E talvez... um dia, seja bom trabalhar com você.

— Nunca se sabe — disse Alex.

Eles apertaram as mãos.

— Boa sorte, Filhote.

— Adeus, Lobo.

Alex saiu andando, na noite.

7

PHYSALIA PHYSALIS

O MERCEDES PRATEADO S600 descia a autoestrada em direção ao sul. Alex ia sentado na frente, no banco do passageiro, cercado por uma quantidade tão grande de couro macio que mal conseguia ouvir o motor de 389 cavalos de potência e 6 litros do carro que o levava para o complexo Sayle, perto de Port Tallon, em Cornwall. Apesar de estarem a mais de 120 quilômetros por hora, o motor apenas ronronava. Mas Alex podia sentir a força do carro. Uma maravilha da engenharia alemã. Bastava um toque do motorista carrancudo para que o Mercedes acelerasse. Aquele era um carro que desdenhava de qualquer limite de velocidade.

Haviam ido buscá-lo naquela manhã em uma igreja convertida em casa, em Hampstead, no norte de Londres. Era lá que Felix Lester morava. Quando o motorista chegara, Alex já estava esperando com sua bagagem, e havia até mesmo uma mulher que ele nunca vira antes — uma funcionária da MI6 — que o beijou, lhe disse para escovar os dentes e acenou em despedida. Para o motorista, Alex era Felix. Naquela mesma manhã, Alex lera o conteúdo do envelope que lhe fora entregue e já sabia que Lester frequentava uma escola chamada St. Anthony's e tinha duas irmãs e um cachorro labrador. O pai era arquiteto e a mãe designer de joias. Eram uma família feliz — a família *dele,* se alguém perguntasse.

— Quanto falta para Port Tallon? — perguntou Alex.

Até aquele momento, o motorista mal falara uma palavra. Agora, ele respondeu, sem olhar.

— Algumas horas, quer ouvir música?

— Tem algum CD do John Lennon?

Aquela não era uma escolha dele. De acordo com o arquivo que lera, Felix Lester gostava de John Lennon.

— Não.

— Deixe para lá. Vou dormir um pouco.

Ele precisava dormir. Ainda estava exausto do treinamento e se perguntava como explicaria todos aqueles cortes ainda não cicatrizados e equimoses em seu corpo, se alguém o visse sem camisa. Talvez pudesse dizer que fora atacado no colégio... Alex fechou os olhos e permitiu que o couro macio do banco o embalasse.

Foi a sensação de que o carro diminuía de velocidade que o acordou. Alex abriu os olhos e viu uma vila de pescadores, o mar muito azul mais além, um conjunto de colinas verdes e um céu sem nuvens. Era como a figura de um quebra-cabeça, ou talvez a foto em um folheto de viagens anunciando uma Inglaterra já esquecida. Gaivotas mergulhavam e grasnavam acima da cabeça deles. Um antigo barco rebocador — com a pintura descascada, as redes emaranhadas e soltando fumaça — atracou no cais. Alguns poucos moradores, pescadores e suas esposas, estavam parados próximo, observando. Eram quase 17 horas e a vila estava envolta pela luz prateada típica do entardecer dos dias perfeitos de primavera.

— Port Tallon — disse o motorista. Ele deve ter percebido que Alex abrira os olhos.

— É bonita.

— Não se você for um peixe.

Eles deram a volta no extremo da vila e seguiram mais para o interior, descendo uma estradinha que serpenteava entre campos estranhamente irregulares. Alex viu ruínas de construções, chaminés semidestruídas e rodas de metal enferrujadas e percebeu que estava olhando para uma antiga mina de estanho. A extração de estanho em Cornwall fora feita por 300 anos, até que um dia o estanho acabou. Agora só restavam os buracos.

Após descerem mais uns dois quilômetros pela estradinha, depararam com uma cerca de metal. Era muito nova, com uns seis metros de altura e arame farpado no topo. Um letreiro luminoso vermelho cintilava sobre um fundo branco no alto de torres de metal. Era possível ler o que estava escrito mesmo que alguém estivesse no condado vizinho:

SAYLE ENTERPRISES
Estritamente Particular

— Infratores serão metralhados — murmurou Alex para si mesmo. Ele se lembrou do que a sra. Jones lhe dissera. “Parece que ele formou uma espécie de exército particular. E está agindo como se tivesse alguma coisa a esconder.” Bem, sem dúvida aquela também era a primeira impressão do próprio Alex. Todo o complexo era meio chocante, e destoava dos campos e colinas ondulantes.

O carro chegou ao portão principal, onde havia uma cabine de segurança e uma cancela eletrônica. Um guarda usando uniforme azul e cinza, com as letras *SE* estampadas no casaco acenou para que passassem. A cancela ergueu-se automaticamente, e o motorista seguiu por um caminho longo e reto sobre uma área aplainada, com uma pista de decolagem de um lado e um conjunto de edifícios muito modernos do outro. Os prédios eram grandes, construídos em vidro fumê e aço, interligados por uma calçada coberta. Duas aeronaves estavam paradas ao lado da pista de aterrissagem. Um helicóptero e um pequeno avião de carga. Alex estava impressionado. Todo o complexo devia ter uns três quilômetros quadrados. Era uma operação e tanto.

O Mercedes chegou a uma praça em que havia uma fonte no meio, contornou-a e seguiu em direção a uma casa fantástica, enorme. Era em estilo vitoriano, os tijolos vermelhos encimados por cúpulas e torres revestidas de cobre, que há muito tinham ficado esverdeadas. Devia haver pelo menos uma centena de janelas nos cinco andares que davam para o caminho de entrada. Era uma casa que simplesmente não tinha fim.

O Mercedes estacionou na entrada e o motorista saiu do carro.

— Siga-me.

— E quanto à bagagem? — perguntou Alex.

— Será trazida.

Alex e o motorista passaram pela porta da frente e entraram em um hall dominado por um quadro enorme — O *Juízo Final,* o fim do mundo pintado quatro séculos atrás como uma massa serpenteante formada por almas atormentadas e demônios. Havia peças de arte por toda parte. Aquarelas e óleos, fotografias, desenhos, esculturas em pedra e bronze, tudo muito junto, não deixando espaço para a vista descansar. O garoto acompanhou o motorista por um carpete tão grosso que quase se desequilibrou. Estava começando a se sentir claustrofóbico e ficou aliviado quando eles atravessaram uma porta e entraram em um salão amplo, semelhante a uma catedral, que estava praticamente vazio.

— O sr. Sayle logo estará aqui — disse o motorista, e partiu.

Alex olhou ao redor. Era um salão moderno, com uma mesa curva em aço perto do centro, lâmpadas halógenas cuidadosamente posicionadas e uma escada em espiral que descia de um círculo perfeitamente cortado no teto, a quase cinco metros de altura. Uma das paredes era inteiramente coberta por uma única placa de vidro e, ao chegar mais perto, Alex percebeu

que estava diante de um aquário gigantesco. O tamanho do aquário atraiu o garoto em sua direção. Era difícil imaginar quantos milhares de galões de água o vidro continha, mas, para sua surpresa, o tanque estava vazio. Não havia peixes, embora o aquário fosse grande o bastante para conter um tubarão.

E então alguma coisa se moveu nas sombras e Alex ofegou com uma mistura de horror e fascinação enquanto a maior água-viva que ele já vira entrava em seu campo de visão. Todo o corpo da criatura cintilava em uma massa pulsante branca e roxa, de forma semelhante a um cone. Sob o corpo, uma massa de tentáculos de pelo menos três metros de comprimento, cobertos por células urticantes, se movimentava na água. Conforme a água-viva se movia ou era levada pela corrente artificial, os tentáculos se retorciam contra o vidro de tal modo que parecia que o bicho estava tentando quebrá-lo. Era a coisa mais espantosa e repulsiva que Alex jamais vira.

— *Physalia physalis* — a voz veio de trás dele e Alex se virou e viu um homem descendo o último degrau da escada.

Herod Sayle era baixo. Tão baixo que em um primeiro momento Alex teve a impressão de estar olhando para um reflexo distorcido. O homem, que usava um terno negro, caro e impecável, um anel de sinete de ouro e sapatos pretos muito bem engraxados, parecia um modelo em escala menor de um homem de negócios multimilionário. A pele dele era escura e seus dentes cintilaram quando ele sorriu. Sayle tinha uma cabeça redonda e careca, e olhos horríveis. As pupilas cinzentas eram pequenas demais, cercadas por branco por todos os lados. Alex se lembrou de girinos. Quando Herod Sayle parou perto dele, seus olhos ficaram no mesmo nível dos do garoto, e tinham ainda menos calor que a água-viva.

— É a caravela-portuguesa — continuou Sayle. Ele tinha um sotaque acentuado característico do mercado do Cairo. — Linda, não acha?

— Eu não teria uma como bicho de estimação — falou Alex.

— Eu a encontrei quando estava mergulhando no Mar da China — Sayle fez um gesto em direção a um expositor e Alex viu três lança-arpões e uma coleção de facas em encaixes forrados de veludo. — Adoro matar peixes — continuou ele. — Mas, quando vi esse espécime de *Physalia physalis,* decidi que tinha de capturá-la e mantê-la comigo. Sabe, ela lembra eu mesmo.

— Noventa por cento dela é água. Não tem cérebro nem intestinos, nem ânus — Alex havia desencavado a informação de algum lugar e acabou fa-

lando antes que soubesse o que estava fazendo.

Sayle olhou rapidamente para ele, então virou-se para a criatura pairando sobre ele no tanque.

— É uma excluída — explicou. — Nada sozinha, ignorada pelos outros peixes. É silenciosa e, ainda assim, exige respeito. Você vê os nematocistos, sr. Lester? As células urticantes? Se você se visse envolvido por esse animal, seria uma morte inesquecível.

— Pode me chamar de Alex — falou o garoto.

Ele tivera a intenção de dizer Felix, mas o nome verdadeiro acabara escapulindo. Foi o erro mais estúpido, mais amador que poderia ter cometido. Mas ele acabara ficando muito impressionado pelo modo como Sayle aparecera e pela dança lenta e hipnótica da água-viva. Os olhos cinzentos se estreitaram.

— Achei que seu nome era Felix.

— Meus amigos me chamam de Alex.

— Por quê?

— Por causa de Alex Ferguson. É o técnico do meu time de futebol favorito: o Manchester United — foi a primeira desculpa em que Alex conseguiu pensar. Ele vira um pôster de futebol no quarto de Felix Lester e sabia que ao menos escolhera o time certo.

Sayle sorriu.

— Isso é muito divertido. Será Alex, então. Espero que sejamos amigos, Alex. Você é um garoto muito sortudo. Ganhou o concurso e vai ser o primeiro adolescente a testar meu Stormbreaker. Mas acho que isso também é uma sorte para mim. Quero saber o que pensa dele! Quero que me diga do que gosta... e do que não gosta. — Só temos três dias até o lançamento — continuou falando. Ele desviou os olhos e subitamente ficou muito profissional.. — É melhor conseguirmos um *maldito* progresso, como meu pai costumava dizer. Vou pedir ao meu empregado que o leve para seu quarto e, amanhã de manhã, na primeira hora, você começa a trabalhar. Há um programa de matemática que você deve experimentar... e também um de línguas. Todo o software foi desenvolvido aqui, na Sayle Enterprises. É claro que conversamos com garotos. Falamos também com professores e com profissionais especializados em educação. Mas você, meu querido... Alex. Você terá mais valor para mim do que todas essas pessoas juntas.

Conforme falava, Sayle tornava-se mais e mais animado, deixando-se levar pelo próprio entusiasmo. Ele se tornou um homem completamente diferente. Alex teve que admitir que havia sentido uma antipatia imediata por Herod Sayle. Não era de espantar que Blunt e o pessoal do MI6 não confiasse nele! Mas agora se via forçado a repensar sua opinião. Estava diante de um dos homens mais ricos da Inglaterra, um homem que decidira somente por bondade dar um enorme presente para as escolas inglesas. Apenas o fato de ele ser pequeno e de ter uma aparência repulsiva não fazia dele necessariamente um inimigo. Talvez no final das contas Blunt estivesse errado.

— Ah! Aqui está o homem que vai acompanhá-lo — falou Sayle. — E na *maldita* hora!

A porta se abriu e entrou um homem vestindo casaca, como um mordomo à moda antiga. Era tão alto e magro quanto o patrão era baixo e roliço, com o cabelo avermelhado cortado curto sobre um rosto muito pálido, como se fosse de papel. A distância, parecia que ele estava sorrindo, mas, quando o homem chegou mais perto, Alex perdeu o fôlego. O que tomara por um sorriso eram duas horrendas cicatrizes, uma em cada lado da boca, curvando-se até as orelhas. Era como se alguém tivesse tentado cortar o rosto dele ao meio. As cicatrizes eram de um tom arroxeado, nojento. Também havia cicatrizes menores e mais suaves onde o rosto havia sido costurado.

— Esse é o sr. Grin, por causa do seu "sorriso" — disse Sayle. — Ele mudou de nome depois do acidente.

— Acidente — Alex achou difícil não ficar encarando o ferimento.

— O sr. Grin trabalhava no circo. O acidente aconteceu em um número novo do atirador de facas. No clímax do número, ele tinha que agarrar entre os dentes uma faca que era atirada. Mas, então, uma noite, a mãe já idosa do sr. Grin foi assistir à apresentação e acenou para ele da primeira fileira. Ele acabou errando o momento de pegar a faca. Grin já trabalha para mim há 12 anos e, embora sua aparência possa ser desagradável, é um empregado leal e eficiente. A propósito, não tente falar com ele. O sr. Grin não tem língua.

— Eeeurgh! — falou o homem.

— Prazer em conhecê-lo — murmurou Alex.

— Leve-o para o quarto azul — mandou Sayle. Então, virou-se para Alex. — Você tem sorte porque um dos nossos quartos mais bonitos está vago, aqui na casa. Era ocupado por um profissional da área de segurança que nos deixou subitamente.

— É mesmo? E por quê? — perguntou Alex, casualmente.

— Não tenho ideia. Em um instante ele estava aqui e, no seguinte, já se fora — Sayle sorriu. — Espero que não faça o mesmo, Alex.

— Ess... urgh! — o sr. Grin gesticulou para a porta e Alex saiu do salão, deixando Herod Sayle parado diante de seu enorme prisioneiro.

Ele foi guiado através de uma passagem, com mais obras de arte, subiu uma escadaria e então entrou em um corredor largo, com portas feitas de grossos painéis de madeira com candelabros. Alex presumiu que a casa principal fosse usada para recepcionar as pessoas. O próprio Sayle devia morar ali. Mas os computadores deviam ser construídos nos prédios modernos que ficavam no lado oposto do campo de pouso. Provavelmente ele seria levado para lá no dia seguinte.

O quarto que lhe fora destinado ficava no final do corredor. Era um cômodo grande, com uma cama de quatro colunas e uma janela com vista para a fonte. A noite já caíra e a água, cascateando de uma altura de três metros sobre uma estátua seminua que lembrava muito Herod Sayle, era excessivamente iluminada por uma dezena de luzes escondidas. Perto da janela havia uma mesa com a refeição da noite já posta para ele: presunto, queijo e salada. A bagagem havia sido colocada sobre a cama.

Alex foi até sua sacola de viagem — uma sacola esportiva — e examinou-a. Quando a fechara, mais cedo, o garoto havia enfiado três fios de cabelo no zíper, prendendo-os nos dentes de metal. Os fios de cabelo não estavam mais ali. Alex abriu a sacola e continuou a checar. Tudo estava exatamente como ele havia colocado, mas Alex tinha certeza de que a sacola fora metodicamente revistada por mãos experientes.

Ele pegou o console de vídeo game, inseriu o cartucho do Speed Wars e pressionou o botão para iniciar. Na hora a tela acendeu e apareceu um retângulo verde, no mesmo formato do quarto. Alex ergueu o vídeo game e começou a andar, seguindo a linha das paredes. Um ponto de luz vermelha subitamente piscou na tela. O garoto foi até onde estava indicado, segurando o vídeo game diante de si. O ponto piscou com mais rapidez e mais intensidade. Alex estendeu a mão para um quadro que estava pendurado perto do banheiro, uns rabiscos coloridos que pareciam demais com um Picasso. Ele abaixou o vídeo game e, com bastante cuidado para não fazer nenhum barulho, levantou a tela. O microfone estava preso atrás do quadro, um disco preto do tamanho de uma moeda pequena. Ficou encarando o artefato por

um instante, imaginando por que ele estaria ali. Segurança? Ou Sayle era tão maníaco por controle que queria saber o que seus hóspedes estavam fazendo a cada minuto do dia e da noite?

Alex abaixou o quadro, colocando-o de volta no lugar. Havia apenas um microfone escondido no quarto. O banheiro estava limpo.

Ele comeu o jantar, tomou banho e foi para a cama. Quando passou pela janela, percebeu uma agitação nos gramados perto da fonte. Havia luzes acesas nos prédios modernos. Três homens vestindo macacões brancos dirigiam jipes abertos e vinham na direção da casa. Outros dois vinham caminhando. Esses eram guardas de segurança, vestidos com o mesmo uniforme dos homens no portão. Ambos carregavam metralhadoras semiautomáticas. Era um exército particular e muito bem armado.

Alex se deitou. A última pessoa que tinha dormido naquela cama fora seu tio, Ian Rider. Ele teria visto alguma coisa ao olhar pela janela? Teria ouvido algo? O que teria acontecido para que acabasse sendo morto?

O sono demorou a chegar para o garoto, deitado na cama em que havia dormido o homem que já morrera.

8

PROCURANDO ENCRENCA

ALEX VIU no momento em que abriu os olhos. Seria óbvio para qualquer pessoa que dormisse na cama, mas, é claro, ninguém havia dormido lá desde que Ian Rider fora morto. Era um triângulo branco, enfiado no tecido da cobertura da cama de quatro colunas. Era preciso ficar deitado de costas para ver — exatamente como Alex naquele momento.

Mas estava fora do seu alcance. Alex precisou equilibrar uma cadeira sobre o colchão e subir nela. Ele cambaleou, quase caiu, mas finalmente conseguiu alcançar o triângulo branco com os dedos e puxá-lo. Era uma folha de papel quadrada, dobrada duas vezes. Alguém desenhara nela uma figura estranha com o que parecia um número de referência embaixo:



Não havia muito que ler, mas Alex reconheceu a letra de Ian Rider. O que significava aquilo? Ele se vestiu, foi até a mesa, pegou uma folha de papel em branco e escreveu rapidamente uma breve mensagem em letras maiúsculas:

ENCONTREI ISSO NO QUARTO DE IAN RIDER
FAZ ALGUM SENTIDO PARA VOCÊS?

Então pegou o vídeo game, inseriu o cartucho do Nemesis, ligou-o e passou a tela sobre as duas folhas de papel, escaneando primeiro a mensagem que escrevera e depois o desenho. No mesmo instante ele percebeu que a máquina havia se conectado ao escritório da sra. Jones em Londres e que uma cópia das duas páginas havia chegado até ela. Talvez a sra. Jones conseguisse descobrir o que era aquilo. Afinal ela trabalhava para a inteligência.

Alex desligou a máquina, removeu a parte de trás e escondeu o papel dobrado no compartimento da bateria. O diagrama tinha que ser importante,

uma vez que Ian Rider o escondera. Talvez tivesse sido o que acabara lhe custando a vida.

Alguém bateu na porta e Alex foi abrir. Era o sr. Grin, ainda usando o uniforme de mordomo.

— Bom dia — falou Alex.

— Geurgh! — o sr. Grin gesticulou e Alex o acompanhou pelo corredor, para fora da casa. O garoto se sentiu aliviado por estar ao ar livre, longe de todas aquelas obras de arte opressivas. Quando os dois pararam na frente da fonte, ouviram um súbito rugido, e logo um avião de carga sobrevoou o telhado da casa e aterrissou na pista.

— Se ginge gi — explicou o sr. Grin.

— Exatamente o que pensei — disse Alex.

Eles chegaram ao primeiro prédio moderno e o sr. Grin pressionou a mão contra um escâner próximo à porta. Um brilho verde apareceu enquanto as impressões digitais dele eram lidas e, um instante depois, a porta se abriu silenciosamente.

Tudo era diferente do outro lado da porta. Era como se, depois de tanta arte e elegância na casa principal, Alex houvesse entrado em outro século. Longos corredores brancos com pisos metálicos. Lâmpadas halógenas. O frio artificial do ar-condicionado. Outro mundo.

Uma mulher esperava por eles. Tinha ombros largos e aparência severa, com os cabelos louros presos no mais apertado dos coques. Seu rosto, em forma de lua, era estranhamente sem expressão, ela usava óculos de aros grossos e estava sem maquiagem, a não ser pelo batom de um amarelo gorduroso. Vestia um jaleco branco com um crachá preso no bolso de cima. Nela lia-se: “Vole”.

— Você deve ser Felix — disse a mulher. — Ou, como acabei de saber... Alex? Sim! Permita que eu me apresente. Sou *Fràulein* Vole.

Fràulein tinha um forte sotaque alemão.

— Pode me chamar de Nadia — disse, e olhou de relance para o sr. Grin. — Tomarei conta dele a partir daqui.

O sr. Grin assentiu e deixou o prédio.

— Por aqui — Vole começou a caminhar. — Temos quatro blocos. No Bloco A, onde estamos agora, fica a administração e a área de lazer. No Bloco B é feito o desenvolvimento de software. No Bloco C, pesquisa e de-

pósito. O Bloco D é onde fica a linha de montagem principal do Stormbreaker.

— Onde é servido o café da manhã? — perguntou Alex.

— Você não comeu? Vou mandar que lhe sirvam um sanduíche. *Herr* Sayle está ansioso para que você comece logo a experiência.

Ela caminhava como um soldado — as costas retas, os pés, calçando pesados sapatos de couro preto, batendo no chão. Alex a seguiu através de outra porta e então entraram em uma sala quase vazia, com apenas uma cadeira, uma mesa e, sobre ela, o primeiro Stormbreaker que ele já vira.

Era uma bela máquina. O iMac podia ter sido o primeiro computador com um verdadeiro senso de design, mas o Stormbreaker o ultrapassava de longe. Era todo preto, a não ser pelo raio branco que descia pelas laterais — e a tela podia perfeitamente ser uma janela para o espaço sideral. Alex sentou-se atrás da mesa e ligou-o. O computador começou a funcionar no mesmo instante. Um segundo raio animado cruzou a tela, seguido por um redemoinho de nuvens e então apareceram, brilhando em vermelho, as letras *SE,* a logomarca da Sayle Enterprises. Alguns segundos depois, surgiram na área de trabalho ícones para Matemática, Ciências, Francês — para todas as matérias — prontos para serem acessadas na hora. Já naqueles poucos segundos, Alex pôde perceber a velocidade e a potência do computador. E Herod Sayle ia colocar um em cada escola do país! Ele tinha que admirar o homem. Era um presente incrível.

— Vou deixá-lo aqui — disse *Fràulein* Vole. — Acho que é melhor você explorar sozinho o Stormbreaker. Esta noite jantará com *Herr* Sayle e lhe dirá o que achou.

— Sim... vou dizer a ele o que achei.

— Vou tomar providências para que mandem o sanduíche. Mas devo lhe pedir, por favor, que você não saia desta sala. Você entende, por questões de segurança.

— Como quiser, sra. Vole — falou Alex.

A mulher saiu da sala. O garoto abriu um dos programas e, durante as três horas seguintes ficou completamente envolvido pelo software de última geração do Stormbreaker. Mesmo quando o sanduíche chegou, Alex o ignorou, deixando-o esquecido no prato. Ele jamais chegaria a ponto de dizer que matérias escolares eram divertidas, mas precisava admitir que o computador lhes dava vida. O programa de História trazia a batalha de Port Stan-

ley à vida com música e vídeoclipes. Como extrair oxigênio da água? O programa de Ciências fez isso diante dos olhos deles. O Stormbreaker até conseguiu tornar Álgebra quase tolerável, o que era mais do que o sr. Donovan, professor da Brookland, jamais havia feito.

Quando Alex voltou a checar o relógio já eram 13 horas. Ele estava naquela sala fazia mais de quatro horas! O garoto se espreguiçou e levantou. Nadia Vole lhe dissera para não sair, mas, se havia algum segredo a ser descoberto na Sayle Enterprises, ele não o encontraria ficando ali. Foi até a porta e ficou surpreso ao vê-la se abrir quando se aproximou. Saiu para o corredor. Não havia ninguém à vista. Hora de se mexer.

No Bloco A ficavam a administração e a área de lazer. Alex passou por vários escritórios e então por uma cafeteria sem graça, toda revestida de cerâmica branca. Havia cerca de 40 homens e mulheres, todos usando jaleco branco e crachá de identificação, sentados, conversando, enquanto almoçavam. Ele escolhera uma boa hora. Não cruzou com ninguém enquanto atravessava uma passagem de acrílico e entrava no Bloco B. Em escritórios apertados, havia telas de computador piscando por toda parte, dividindo espaço com altas pilhas de papel e impressos. Desenvolvimento de software. Já no Bloco C — onde ficava a pesquisa — ele passou por uma biblioteca com estantes intermináveis cheias de livros e CD-ROMs. Quando dois técnicos passaram, conversando, Alex se escondeu atrás de uma estante. Encontrava-se fora dos limites predeterminados, bisbilhotando pelo prédio, sem ter nem ideia do que estava procurando. Encrenca, provavelmente. O que mais poderia haver?

Alex caminhou tranquilamente, em uma atitude casual, na direção do último bloco. Então, ouviu um murmúrio de vozes e se enfiou rapidamente em um canto, espremido atrás de um bebedouro, enquanto dois homens e uma mulher, também de jaleco branco, passaram discutindo sobre servidores web. Acima desse grupo, o garoto percebeu uma câmera se voltando para ele. Encolheu-se o máximo possível, agachando-se atrás do bebedouro. Os três técnicos se afastaram. A câmera de segurança voltou a se movimentar e Alex se apressou a sair de onde estava, mantendo-se distante da lente grande-angular.

Será que fora visto? Não estava certo, mas uma coisa ele sabia. Seu tempo estava acabando. Talvez a tal da Vole já tivesse passado pela sala para

checar como iam as coisas. Talvez alguém houvesse levado o almoço para a sala vazia. Se queria achar algo, precisava ser rápido.

Alex atravessou a passarela de vidro que unia o Bloco C ao Bloco D e ali ao menos o ambiente era diferente. No meio do corredor, uma escada de metal descia até o que parecia ser um tipo de porão. E, embora todos os prédios e portas estivessem identificados, a escada não tinha nenhuma placa. Da metade para baixo, não havia luz. Era quase como se os degraus devessem passar despercebidos.

Ao ouvir passos sobre o metal, Alex recuou até a primeira porta que encontrou. Por sorte, era um depósito. Ele se escondeu ali dentro, observando por uma fresta quando o sr. Grin apareceu, pairando no chão como um vampiro em um dia ruim. Quando o sol bateu em seu rosto de uma palidez mortal, as cicatrizes se retorceram e o homem piscou várias vezes antes de sair do Bloco D.

O que ele estivera fazendo? Aonde levava a escada? Alex tirou os sapatos, segurou-os na mão e correu. Seus pés não fizeram barulho sobre os degraus de metal. Era como entrar em um necrotério. O ar-condicionado era tão forte que Alex sentia o suor na testa e na palma das mãos congelando.

Ele parou no pé da escada e voltou a calçar os sapatos. Estava em outro longo corredor, que se estendia sob o complexo pelo caminho inverso ao que fizera. E levava a uma única porta de metal. Mas havia algo muito estranho. As paredes da passagem não estavam terminadas e deixavam à mostra pedras marrom-escuras com faixas do que parecia ser zinco ou algum outro metal. O chão também era rústico, e iluminado por lâmpadas antigas, penduradas em fios. Tudo aquilo lembrava alguma coisa a Alex... algo que ele vira muito recentemente. Mas não conseguia lembrar o quê.

De certa maneira, ele sabia que a porta no fim da passagem estaria trancada. Parecia estar trancada desde sempre. Assim como as escadas, a porta também não tinha nenhuma placa de identificação. E parecia tão pequena para ser importante... Mas o sr. Grin acabara de subir a escada. Só havia um lugar de onde ele poderia ter vindo: do outro lado. A porta tinha que dar em algum lugar!

Alex testou a maçaneta. Não se moveu. Ele colou o ouvido contra o metal e tentou escutar alguma coisa. Nada, a não ser... estava imaginando coisas?... parecia uma vibração. Como algo sendo inflado ou coisa semelhante. Alex teria dado qualquer coisa para ver através do metal... E de repente ele

se lembrou de que podia: o console de vídeo game estava em seu bolso, assim como os quatro cartuchos. Pegou o jogo chamado Exocet, o dos raios X, lembrou a si mesmo. Agora... como fazer aquilo funcionar? Abriu o console e segurou-o reto contra a porta, a tela voltada para ele.

Para seu espanto, a tela piscou e acendeu: era como uma pequena janela, quase opaca, por onde se via através do metal. Alex se viu olhando para um cômodo grande. Percebeu uma forma alta, no formato de um barril, bem no meio do cômodo. E havia pessoas lá dentro. Na tela, pareciam manchas fantasmagóricas, e se moviam para a frente e para trás. Algumas carregavam objetos — planos e retangulares. Seriam um tipo de bandeja? Parecia haver uma mesa em um dos lados e, empilhados sobre ela, vários aparatos que Alex não conseguiu identificar. Ele pressionou o controle de brilho, tentando aproximar mais a imagem. Mas o cômodo era grande. Tudo estava muito distante.

O garoto se lembrou de que Smithers também incluira uma função de áudio na máquina. Procurou no bolso e pegou os fones de ouvido. Ainda segurando o console contra a porta, conectou os fones e colocou-os no ouvido. Se não podia ver, talvez conseguisse ao menos ouvir. E ele realmente conseguiu ouvir vozes, distantes e esparsas, mas audíveis através do poderoso microfone instalado no sistema da máquina.

— ... no lugar. Temos 24 horas.

— Não é o bastante.

— É tudo o que temos. Eles chegarão esta noite. Às 2 horas da manhã.

Alex não reconheceu nenhuma das vozes. Amplificadas pelo console, elas soavam como as vozes em uma ligação internacional de péssima qualidade.

— ... Grin... supervisionando a entrega.

— Ainda assim não é tempo o bastante.

Então eles se foram. Alex tentou juntar as peças do que ouvira. Alguma coisa seria entregue. Às 2 horas. O sr. Grin era o responsável por receber a encomenda.

Mas o quê? Por quê?

Ele acabara de desligar o vídeo game e de colocá-lo de volta no bolso quando ouviu o som de cascalho sendo pisado atrás dele e soube que não estava mais só. Alex virou-se e se viu cara a cara com Nadia Vole. Percebeu que ela tentara pegá-lo de surpresa. A mulher sabia que ele estava ali.

— O que está fazendo aqui, Alex? — perguntou. A voz dela era doce e venenosa.

— Nada — respondeu o garoto.

— Eu lhe pedi para ficar na sala em que estava.

— Sim. Mas eu fiquei lá o dia todo. Precisava de um descanso.

— E então veio até aqui embaixo?

— Eu vi as escadas e pensei que levavam ao banheiro.

Houve um longo silêncio. Alex podia ouvir — ou sentir — a vibração no cômodo secreto. Então a mulher assentiu, como se houvesse decidido aceitar a história dele.

— Não há nada aqui embaixo — ela falou. — Essa porta leva apenas à sala do gerador. Por favor... — a mulher gesticulou. — Vou levá-lo de volta à casa principal, e mais tarde você deve se preparar para jantar com o *Herr* Sayle. Ele quer saber quais foram suas primeiras impressões sobre o Stormbreaker.

Alex passou por ela e subiu a escada. Ele tinha certeza de duas coisas. A primeira era que Nadia Vole estava mentindo. Não havia sala de gerador. Ela escondia algo — dele e talvez também de Herod Sayle. E a mulher não acreditara nele. Provavelmente, uma das câmeras o flagrara e ela fora enviada para encontrá-lo. Portanto, Nadia sabia que ele estava mentindo.

Não era um bom começo.

Alex saiu da escada para a luz, sentindo os olhos da mulher cravados como adagas em suas costas.

9
VISITANTES NOTURNOS

HEROD SAYLE estava jogando sinuca quando Alex apareceu no salão onde ficava a gigantesca água-viva. Era difícil dizer de onde viera a mesa de sinuca, mas Alex não pôde evitar a sensação de que o homenzinho parecia levemente ridículo, quase perdido no fim daquele mar de feltro verde. O sr. Grin o acompanhava, carregando um banquinho em que Sayle subia a cada tacada.

— Ah... boa noite, Felix. Ou, é claro, quero dizer Alex! — exclamou Sayle. — Você joga sinuca?

— De vez em quando.

— Gostaria de jogar comigo? — ele disse, apontando para a mesa. — Sobraram apenas duas bolas vermelhas... e as coloridas. Estou certo de que você conhece as regras. A bola preta vale sete pontos, a rosa vale seis, e por aí vai. Mas posso apostar que você não vai marcar ponto algum.

— Quanto?

— Ha ha! — Sayle riu. — Acho que vou apostar dez libras por cada bola acertada. O que acha?

— Tanto assim? — Alex olhou surpreso para ele.

— Para um homem como eu, dez libras não é nada. Nada! Na verdade, eu poderia tranquilamente apostar com você cem libras por ponto!

— Então por que não faz isso? — as palavras foram ditas em um tom suave, mas não deixavam de ser um desafio direto.

— Cem libras? — Sayle olhou pensativamente para Alex. — Mas como você iria me pagar se perdesse?

Alex não disse nada e Sayle riu.

— Você pode trabalhar para mim depois da escola — continuou. — Cem libras se conseguir encaçapar as bolas. Cem horas trabalhando para mim se não conseguir. O que me diz?

Alex concordou, sentindo-se subitamente enjoado. Somando as bolas, ele viu que restavam 24 pontos na mesa. Aquilo significaria 2.400 horas trabalhando para Herod Sayle! Levaria anos...

— Muito bem — disse Sayle ainda sorrindo. — Gosto de apostar. Meu pai era um apostador.

— Pensei que ele fosse técnico em higiene dental.

— Quem lhe disse isso?

Alex se amaldiçoou silenciosamente. Por que não era mais cuidadoso quando estava com esse homem?

— Eu li no jornal — falou. — Meu pai separou algumas coisas para eu ler a seu respeito depois que ganhei a competição.

— Muito bem, vamos começar.

Sayle decidiu dar a primeira tacada sem perguntar a Alex. Acertou a bola branca e mandou uma das vermelhas direto para a caçapa central.

— Você já me deve cem horas. Acho que vou começar pedindo que limpe os banheiros...

A água-viva gigantesca flutuava por ali, como se estivesse observando o jogo de dentro do tanque. O sr. Grin pegou o banquinho e moveu-o ao redor da mesa. Sayle deu uma risadinha e seguiu o mordomo, já preparando a próxima tacada, uma bola preta em uma posição traiçoeira em um dos cantos. Seriam sete pontos se ele acertasse. Mais 700 horas de trabalho!

— O que o seu pai faz? — perguntou Sayle.

Alex se lembrou rapidamente do que lera sobre a família de Felix Lester.

— Ele é arquiteto — respondeu.

— Oh, é mesmo? O que ele projeta? — a pergunta foi feita em um tom casual, mas Alex se perguntou se não estaria sendo testado.

— Ele está trabalhando em um escritório no Soho — falou o garoto. — Antes disso, projetou uma galeria de arte em Aberdeen.

— Certo — Sayle subiu no banquinho e mirou. A bola preta errou a caçapa do canto por uma fração de centímetro e rolou de volta para o centro da mesa. Sayle franziu o cenho. — Isso foi sua *maldita* culpa — ele atacou o sr. Grin.

— Oqhue?

— Sua sombra cobriu a mesa. Deixe para lá! Deixe para lá! — Sayle virou-se para Alex: — Você está sem sorte. Nenhuma das bolas vai entrar. Não vai conseguir ganhar nada desta vez.

Alex pegou um taco do suporte e deu uma olhada na mesa. Herod Sayle tinha razão. A última bola vermelha estava próxima demais da tabela. Mas Alex sabia muito bem que, na sinuca, havia outras maneiras de ganhar pontos. Eles tinham uma mesa de sinuca no porão da casa em Chelsea, e o garoto muitas vezes passava as noites jogando com o tio. E ele não menciona-

ra aquilo a Sayle. Alex mirou cuidadosamente a bola vermelha e jogou. Perfeito.

— Não passou nem perto! — Sayle estava de volta à mesa antes que as bolas sequer parassem de rolar. Mas ele falara cedo demais: enquanto a bola branca acertava a tabela e rolava até parar atrás da bola rosa. Sayle estava em uma armadilha, ou em uma sinuca. Agora era impossível acertar a bola branca sem tocar a rosa. Por quase 20 segundos, o homem mediu os ângulos, respirando pesadamente.

— Você teve uma *maldita* sorte! — exclamou. — Parece que me colocou em uma sinuca sem querer. Agora me deixe ver... — Ele se concentrou, então bateu na bola branca, tentando fazer uma curva com ela. Mas outra vez errou por menos de um centímetro, porque deu para ouvir o barulhinho da bola da vez tocando a rosa.

— Falta — falou Alex. — O senhor tocou a bola rosa. De acordo com as regras, são seis pontos para mim.

— O quê?

— A falta vale seis pontos. Como eu estava perdendo por um ponto, agora estou ganhando por cinco. O senhor me deve quinhentas libras.

— Sim! Sim! Sim! — a saliva escapava por entre os lábios de Sayle. Ele encarava a mesa como se não conseguisse acreditar no que acontecera.

A tacada dele acabara expondo a bola vermelha. Era fácil mirá-la no canto superior e Alex fez isso sem hesitar.

— E mais cem libras, somam um total de seiscentas libras — falou o garoto, passando pelo sr. Grin. Alex avaliou rapidamente os ângulos. Sim...

Ele conseguiu uma tacada perfeita na bola preta e mandou-a para a caçapa ainda fazendo com que a bola branca rolasse de volta em um bom ângulo com a amarela. Foram mais 1.300 libras primeiro e mais 200 quando ele acertou a bola amarela na sequência. Sayle não podia fazer nada além de olhar incrédulo enquanto Alex encaçapava as bolas verde, marrom, azul e rosa, nessa ordem, e então, através de toda a extensão da mesa, acertava a bola preta.

— Isso soma exatamente quatro mil libras — falou o garoto, abaixando o taco. — Muito obrigado.

O rosto de Sayle ficou da cor da última bola.

— Quatro mil...! Eu não teria apostado se soubesse que você era tão *maldito* de bom — falou. Então, foi até a parede e pressionou um botão. Parte

do chão se abriu e a mesa de bilhar inteira desapareceu no buraco, levada para baixo por um elevador hidráulico. Quando o chão voltou a se fechar, não havia nenhum sinal de que jamais houvera uma mesa de sinuca ali. Era um belo truque. O brinquedo de um homem que tinha dinheiro para jogar pela janela.

Mas Sayle já não estava mais com disposição para jogos. Ele jogou seu taco na direção do sr. Grin, arremessando-o quase como se fosse uma lança. O mordomo pegou o taco no ar.

— Vamos comer — disse Sayle.

Os dois se sentaram em lados opostos de uma longa mesa de vidro na sala ao lado, enquanto o sr. Grin servia salmão defumado e depois uma espécie de guisado. Alex bebeu água e Sayle, que já se animara novamente, tomou uma taça de um vinho tinto caro.

— Você passou algum tempo com o Stormbreaker hoje? — perguntou.

— Sim.

— E.„?

— É ótimo — respondeu Alex, com sinceridade. Ele ainda achava difícil acreditar que aquele homem ridículo pudesse ter criado alguma coisa tão inteligente e poderosa.

— E que programas usou?

— Os de História, Ciências, Matemática. É difícil de acreditar, mas realmente me diverti com eles.

— Tem alguma crítica a fazer?

Alex pensou por um momento.

— Fiquei surpreso com o fato de a placa de vídeo não ter aceleração 3-D.

— Ele não foi feito para ser usado com jogos.

— O senhor considerou a possibilidade de fones e de microfone integrado?

— É claro — assentiu Sayle. — Estarão disponíveis como acessórios. Sinto muito que você tenha vindo para cá por pouco tempo, Alex. Amanhã teremos que conectá-lo à internet. Os Stormbreakers são todos conectados a uma rede principal, que é controlada daqui. Isso significa que eles têm 24 horas de acesso livre à internet.

— Isso é legal.

— É mais do que legal — o olhar de Sayle estava distante, as pequenas pupilas cinza pareciam dançar enquanto ele falava. — Amanhã vamos começar a despachar os computadores. Eles seguirão por avião, por caminhão e por barco. Vai levar apenas um dia para que cheguem a todos os pontos do país. E no dia seguinte, ao meio-dia, exatamente, o primeiro-ministro me dará a honra de apertar o botão que colocará todos os Stormbreakers on-line. A partir desse momento, todas as escolas estarão conectadas. Pense nisso, Alex! Milhares de alunos, centenas de milhares, sentados diante das telas, subitamente juntos. Norte, sul, leste e oeste. Uma só escola. Uma família. E então vão me conhecer pelo que eu sou!

Ele pegou a taça de vinho e esvaziou-a.

— Como está a cabra? — perguntou.

— O quê?

— O guisado. A carne é de cabra. Era uma receita da minha mãe.

— Ela deve ter sido uma mulher muito incomum...

Herod Sayle ergueu a taça, e o sr. Grin tornou a enchê-la. Ele olhava com curiosidade para Alex.

— Sabe — falou Sayle —, tenho a estranha sensação de que eu e você já nos encontramos antes.

— Acho que não...

— Mas, sim... Seu rosto me é familiar. Sr. Grin? O que acha?

O mordomo recolheu o vinho. O rosto de palidez cadavérica voltou-se para examinar Alex.

— Iiig Raard! — falou.

— Sim, é claro. Você está certo!

— Iiig Raard? — perguntou Alex.

— Ian Rider. O profissional da área de segurança que eu já mencionei. Você se parece muito com ele. Quanta coincidência, não acha?

— Não sei. Nunca o conheci — Alex podia sentir o perigo se aproximando. — O senhor me disse que ele partiu de repente.

— Sim. Ele foi mandado para cá para ficar de olho nas coisas, mas, se me perguntar, o homem nunca foi grande coisa. Passava a maior parte do tempo na cidade. No porto, na agência de correios, na biblioteca. Quando não estava bisbilhotando por aqui. É claro, isso é mais uma coisa que vocês têm em comum. Pelo que entendi, *Fràulein* Vole o encontrou hoje... — as

pupilas de Sayle se fixaram o máximo possível em Alex. — Você estava fora dos limites.

— Eu me perdi — Alex deu de ombros, tentando tornar a situação mais leve.

— Bem, espero que não fique vagueando sem rumo novamente esta noite. A segurança está muito atenta neste momento e, como você já deve ter percebido, meus homens estão todos armados.

— Achei que isso não era legal na Inglaterra.

— Temos uma licença especial. De qualquer modo, Alex, eu lhe aconselharia a ir direto para o seu quarto depois do jantar. E a não sair de lá. Eu ficaria inconsolável se você fosse atingido acidentalmente por um tiro e acabasse sendo morto na escuridão. Embora, é claro, isso fosse me poupar quatro mil libras.

— Na verdade, acho que o senhor se esqueceu de fazer o cheque...

— Você o terá amanhã. Talvez possamos almoçar juntos. O sr. Grin vai servir uma das receitas da minha avó.

— Mais cabra?

— Cachorro.

— O senhor obviamente vem de uma família que amava os animais.

— Só os comestíveis — Sayle sorriu. — E agora devo lhe desejar boa noite.

À uma hora da manhã, Alex abriu os olhos e acordou instantaneamente.

Ele saiu da cama, vestiu rapidamente suas roupas mais escuras e deixou o quarto. Ficou levemente surpreso ao perceber que a porta estava aberta e que os corredores não pareciam monitorados. Mas, afinal, ali era a casa particular de Sayle, e as medidas de segurança teriam o objetivo de impedir as pessoas de entrarem, não de saírem.

Sayle o avisara para não deixar a casa. Mas as vozes por trás da porta de metal haviam falado de algo chegando às 2 horas. Alex precisava descobrir o que era. O que poderia ser um segredo tão grande que tinha que chegar no meio da madrugada?

Ele conseguiu chegar até a cozinha e foi andando na ponta dos pés, passando pelas superfícies de aço cintilante e por uma geladeira imensa. Deixe os cachorros descansarem, ele pensou, lembrando-se do jantar. Havia uma porta lateral que, por sorte, estava com a chave ainda na fechadura. Alex abriu a porta e saiu. Por precaução, no último momento ele a trancou e fi-

cou com a chave. Agora pelo menos tinha um modo de voltar para dentro da casa.

A noite estava levemente acinzentada, iluminada por uma lua que formava um perfeito *D* no céu. *D* de quê?, perguntou-se Alex. Descoberta? Desespero? Desastre? Só o tempo diria. Ele deu dois passos adiante e estacou no lugar, enquanto a luz de um holofote que estava em uma das torres, e que ele não vira, passava a apenas alguns centímetros do seu corpo. No mesmo instante, ouviu vozes, e dois guardas passaram caminhando lentamente pelo jardim, patrulhando a parte de trás da casa. Ambos estavam armados, e Alex se lembrou do que Sayle dissera. "Um tiro acidental lhe economizaria quatro mil libras." E, dada a importância dos Stormbreakers, alguém se importaria se o tiro fora acidental ou não?

Ele esperou até os homens passarem e seguiu na direção oposta, correndo pela lateral da casa e agachando-se ao passar pelas janelas. Alex alcançou um dos cantos da casa e olhou ao redor. A pista de pouso, a distância, estava iluminada e havia pessoas por toda parte — mais guardas e técnicos. O garoto reconheceu um dos homens que passava pela fonte em direção a um caminhão estacionado perto de dois carros. Era um homem alto e magro, sua silhueta negra recortada contra as luzes. Alex teria reconhecido o sr. Grin em qualquer lugar. "Eles chegarão esta noite. Às 2 da manhã." Visitantes noturnos, e o sr. Grin estava indo ao seu encontro.

O mordomo já havia quase alcançado o caminhão, e Alex sabia que, se esperasse muito, acabaria sendo tarde demais. Jogou a precaução para o alto, deixou a proteção da casa e correu pelo espaço aberto, tentando manter o corpo abaixado e esperando que as roupas escuras o mantivessem invisível. Estava a apenas 50 metros do caminhão quando o sr. Grin subitamente parou e se virou, como se tivesse percebido alguém por perto. Como não houvesse onde se esconder, Alex fez a única coisa que podia: se jogou de bruços no chão, enfiando o rosto na grama. Contou lentamente até cinco e levantou os olhos. O mordomo tinha se virado para a frente novamente. Uma segunda figura apareceu, Nadia Vole. Ao que parecia, ela iria dirigir. A mulher murmurou alguma coisa enquanto subia no assento dianteiro. O sr. Grin respondeu com um resmungo e assentiu.

Quando o sr. Grin deu a volta para entrar pela porta do passageiro, Alex levantou-se novamente e correu. Alcançou a carroceria do caminhão no momento em que o veículo começou a se mover. Era parecido com os cami-

nhões que o garoto vira no campo de treinamento do Serviço Aéreo Espacial — talvez fosse parte do excedente do exército. A carroceria era alta e quadrada, coberta com um tecido grosso e impermeável para esconder qualquer tipo de carga. Alex subiu pela parte de trás e se jogou para dentro. O caminhão estava vazio e ele entrara bem na hora. No instante em que se abaixou no chão, logo apareceu um dos carros e iluminou a traseira do caminhão com os faróis dianteiros. Se Alex houvesse esperado só alguns segundos, teria sido visto.

Ao todo, um comboio de cinco veículos deixou a Sayle Enterprises. O caminhão em que Alex estava era o penúltimo. Além do sr. Grin e de Nadia Vole, havia ao menos mais uma dúzia de guardas uniformizados a caminho. Mas para onde? O garoto não ousou olhar para trás, ainda mais sabendo que havia um carro logo atrás. Ele sentiu que o caminhão diminuía a velocidade quando alcançaram o portão principal. Então pegaram a estrada, subindo as colinas rapidamente, afastando-se da cidade.

Alex sentia a viagem, mas não via nada. Estava deitado no chão de madeira, de cerca de três metros de comprimento, sem ter onde segurar enquanto o caminhão acelerava por curvas fechadas. As laterais do veículo eram feitas de aço e não tinha janelas. O garoto só percebeu que haviam deixado a estrada principal quando começou a ser jogado para cima e para baixo. Ficou grato porque o caminhão diminuía a velocidade. Alex sentiu que desciam, seguindo uma trilha irregular. E agora ele conseguia ouvir alguma coisa, mesmo com o barulho do motor. Ondas. Eles haviam descido até a beira-mar.

O caminhão parou. Portas se abriam e fechavam, botas pisavam nas pedras, pessoas conversavam em voz baixa. Alex se agachou, com medo de que um dos guardas afastasse a cobertura do veículo e o encontrasse, mas as vozes logo silenciaram e ele viu que estava sozinho. Com cuidado, saiu do caminhão. Estava certo. O comboio havia estacionado em uma praia deserta. Olhando ao redor, o garoto pôde ver uma trilha descendo da estrada que serpenteava desde os penhascos que os cercavam. O sr. Grin e os outros haviam se reunido ao lado de um antigo cais de pedra que se estendia pela água negra. Ele carregava uma lanterna e Alex viu quando a movimentou em arco.

Cada vez mais curioso, o garoto rastejou para a frente e encontrou um esconderijo atrás de umas pedras. Parecia que estavam esperando por um

barco. Alex checou o relógio. Eram exatamente 2 horas. Ele quase teve vontade de rir. Se os homens estivessem montados a cavalo e carregando antigas espingardas, poderiam perfeitamente ter saído direto de um livro infantil. Contrabando na costa de Cornwall. Será que era essa a questão? Cocaína ou maconha trazidas do continente? Por que outro motivo aquelas pessoas estariam ali no meio da noite?

A pergunta foi respondida alguns segundos mais tarde. Alex ficou olhando, quase sem conseguir acreditar no que via.

Um submarino, emergindo do mar, veloz e improvável como uma enorme ilusão. Em um instante não havia nada e logo o submarino estava ali, diante dele, avançando pelo mar em direção ao cais, o motor absolutamente silencioso, a água escorrendo do casco prateado e espirrando em jatos brancos atrás dele. O submarino não tinha nenhuma identificação, mas Alex logo soube que não era inglês. A forma dos hidroplanos, avançando horizontalmente através da torre de comando e o leme em forma de cauda de tubarão na traseira não eram parecidos com nada que o garoto já tivesse visto. Ele se perguntou se não seria movido a energia nuclear. Um motor convencional sem dúvida teria feito mais barulho.

E o que um submarino como aquele estaria fazendo ali, na costa de Cornwall? Não pela primeira vez, Alex sentiu-se muito pequeno e muito jovem. O que quer que estivesse acontecendo ali, ele sabia que estava além de sua capacidade de compreensão.

Então, a torre de comando se abriu e um homem saiu, alongando o corpo no ar frio da madrugada. Mesmo se não houvesse lua no céu, Alex teria reconhecido o corpo delgado de dançarino e o cabelo cortado rente do homem da foto que ele vira apenas alguns dias antes. Era Yassen Gregorovich. O garoto olhou para o homem com um medo crescente. Aquele era o assassino de aluguel de quem a sra. Jones falara. O homem que assassinara Ian Rider. Ele usava um macacão cinza e tênis. E estava sorrindo. Aquele homem era a última pessoa que Alex queria encontrar.

Ao mesmo tempo, o garoto se obrigou a ficar onde estava. Precisava descobrir o que se passava. Yassen Gregorovich supostamente encontrara Sayle em Cuba. Agora ele se encontrava ali, em Cornwall. Portanto, os dois *estavam* trabalhando juntos. Mas por quê? Para que o projeto Stormbreaker poderia precisar de um homem como aquele?

Nadia Vole caminhou até o final do cais e Yassen subiu para encontrá-la. Eles conversaram por alguns minutos, mas, mesmo que estivessem falando em inglês, não havia a menor chance de ouvir o que diziam. Enquanto isso, os guardas da Sayle Enterprises haviam formado uma fila que quase alcançava o lugar em que os veículos estavam estacionados. Yassen deu uma ordem e, enquanto Alex observava por trás das pedras, uma caixa metálica prateada fechada a vácuo apareceu no topo da torre do submarino, sustentada por mãos que não estavam à vista. O próprio Yassen passou-a para o primeiro guarda da fila, que a passou para trás e assim por diante. Mais umas 40 caixas se seguiram, uma depois da outra. Levou quase uma hora para que o submarino fosse descarregado. Os homens seguravam as caixas com muito cuidado. Obviamente não queriam quebrar o que estava dentro.

Depois de uma hora, já haviam quase terminado. As caixas iam sendo arrumadas na carroceria do caminhão em que Alex viera. E foi então que aconteceu. Um dos homens, que estava parado no cais, deixou cair uma das caixas. Ele conseguiu agarrá-la de novo no último minuto, mas mesmo assim a caixa bateu pesadamente na superfície de pedra. Todos pararam no mesmo instante. Foi como se alguma chave houvesse sido acionada e Alex quase pôde sentir o medo no ar.

Yassen foi o primeiro a se recuperar. Ele caminhou pelo cais, movendo-se como um gato, sem fazer nenhum barulho, pegou a caixa e correu as mãos sobre ela, checando a fechadura. Então assentiu lentamente. O metal não havia sido danificado.

Como todos estavam muito quietos, Alex pôde ouvir o diálogo que se seguiu.

— Peço desculpas — disse o guarda que deixara a caixa cair. — Não vou fazer isso novamente.

— Não, não vai fazer — concordou Yassen, e atirou no homem.

A bala disparou da mão dele, vermelha na escuridão, e atingiu o homem no peito, atirando-o para trás em um terrível salto mortal. O guarda caiu no mar. Por alguns segundos ele levantou os olhos para a Lua, como se estivesse tentando admirá-la uma última vez. Então a água negra o engoliu.

Eles levaram mais 20 minutos para terminar de carregar o caminhão. Yassen ocupou o banco da frente, com Nadia Vole. Dessa vez, o sr. Grin foi em um dos carros.

Alex não teve tempo de voltar com cuidado. Quando o caminhão começou a ganhar velocidade, subindo pelo atalho, ele saiu do esconderijo atrás das pedras, correu e se jogou para dentro da carroceria novamente. Quase não havia espaço agora, com todas as caixas lá dentro, mas ele conseguiu encontrar uma brecha e se espremeu ali. Correu a mão por uma delas. Era mais ou menos do tamanho de um forno elétrico, sem nenhuma marca, fria ao toque. De perto, parecia com um equipamento que se levaria para um piquenique moderno. Ele tentou abri-la, mas a caixa estava trancada de um modo que não conseguiu compreender.

Alex olhou para fora do caminhão. A praia e o cais já haviam ficado para trás. O submarino voltava para o mar. Em um instante ele estava ali, liso e prateado, cintilando através da água e, no instante seguinte, afundara, desaparecendo tão rapidamente como um pesadelo.

10
MORTE NA RELVA ALTA

ALEX FOI ACORDADO por uma Nadia Vole indignada batendo em sua porta. Ele dormira demais.

— Esta manhã é sua última oportunidade de experimentar o Stormbreaker — falou.

— Está certo — respondeu Alex.

— Hoje à tarde vamos começar a mandar os computadores para as escolas. *Herr* Sayle sugeriu que você tirasse a tarde de folga. Que tal uma caminhada até Port Tallon? Há uma trilha que passa pelos campos e segue na direção do mar. Você vai fazer isso, está bem?

— Sim, eu vou gostar de dar um passeio.

— Ótimo. E agora vou deixá-lo para que se vista. Voltarei para pegá-lo em... dez minutos.

Alex jogou água fria no rosto antes de se vestir. Havia voltado para o quarto só às 4 horas e ainda estava com sono. Sua expedição da noite acabara não sendo o sucesso que ele esperara. Vira muita coisa — o submarino, as caixas prateadas, a morte do guarda que ousara deixar cair uma caixa — e, ainda assim, no final, não entendera quase nada.

Yassen Gregorovich estava trabalhando para Herod Sayle. Isso era certo. Mas e quanto às caixas? Para todos os efeitos poderiam conter os almoços da equipe da Sayle Enterprises. A não ser pelo fato de que não se mata um homem por causa de uma embalagem de almoço.

Eles estavam em 31 de março. Como Vole dissera, os computadores logo estariam a caminho. Faltava apenas um dia para a cerimônia no Museu de Ciências. Mas Alex não tinha nada a relatar, e a única informação que havia mandado — o diagrama de Ian Rider — também não dera em nada. Havia uma resposta esperando por ele na tela do console de vídeo game quando ligara o aparelho antes de ir para a cama:

INCAPAZ DE RECONHECER O DIAGRAMA OU
LETRAS/NÚMEROS. POSSÍVEL MAPA
DE REFERÊNCIA MAS INCAPAZ DE
DESCOBRIR FONTE DO MAPA. POR FAVOR
TRANSMITA MAIS INFORMAÇÕES.

Alex pensara em transmitir a informação de que vira Yassen Gregorovich. Mas decidira não fazer isso. A sra. Jones prometera que, se Yassen estivesse ali, ela o tiraria da missão. E agora Alex queria ver como aquilo tudo terminaria. Alguma coisa estava acontecendo na Sayle Enterprises, e ele jamais se perdoaria se não descobrisse o que era.

Nadia Vole voltou para buscá-lo, como prometera, e Alex passou as três horas seguintes brincando com o Stormbreaker. Dessa vez ele se divertiu menos. E, dessa vez, quando foi até a porta, percebeu que havia um guarda no corredor, do lado de fora. Ao que parecia, a Sayle Enterprises não estava querendo mais arriscar no que se referia a ele.

Às 13 horas lhe serviram um sanduíche em um prato de papelão. Dez minutos mais tarde, um guarda o tirou da sala e o escoltou até o portão principal. Fazia uma tarde maravilhosa, o sol brilhava enquanto ele caminhava pela estrada. Alex deu uma última olhada para trás. O sr. Grin acabara de sair de um dos prédios e estava parado a alguma distância, falando em um celular. Havia alguma coisa enervante naquela cena. Por que o homem estaria dando um telefonema naquele momento? E quem conseguiria entender uma palavra do que ele dizia?

Alex só conseguiu relaxar depois que deixou o terreno da SE. Longe das cercas, dos guardas armados e da estranha sensação de ameaça que impregnava a empresa, era como se ele estivesse respirando ar fresco pela primeira vez em dias. Os campos em Cornwall eram lindos, as colinas de um verde intenso, cheias de flores silvestres.

Alex encontrou a placa indicando a trilha e saiu da estrada. Pelo que podia ver e pelo que se lembrava da viagem de carro que o levara até ali, ele imaginou que Port Tallon devia ficar a uns três quilômetros de distância, uma caminhada de menos de uma hora, se o caminho não fosse tão montanhoso. Na verdade, a trilha subia íngreme de uma vez e, subitamente, Alex se viu debruçado sobre o Canal da Mancha, muito claro, azul e cintilante. Ele continuou acompanhando a trilha que ziguezagueava precariamente ao longo da beira do penhasco. Em um dos lados, Alex via os campos se estenderem na distância, a relva alta inclinando-se com a brisa, enquanto do outro havia uma queda de pelo menos 150 metros até as rochas e o mar lá embaixo. Port Tallon ficava bem no final dos penhascos, espremida contra o

mar. De onde ele estava, o lugar parecia quase parado no tempo, como uma maquete em um filme antigo de Hollywood.

Alex parou ao deparar com uma segunda trilha, muito mais difícil, que se afastava do mar e atravessava os campos. O seu instinto lhe dizia para seguir direto em frente, mas a placa apontava para a direita. Havia alguma coisa estranha com aquela placa. O garoto hesitou por um momento, perguntando-se o que seria. Mas resolveu deixar para lá. Ele estava caminhando pelo campo e o sol brilhava. O que poderia estar errado? Seguiu a placa.

A trilha continuou a subir e descer por mais uns 400 metros, então afundou em uma ravina. Ali, a relva crescia quase até a altura dele, e erguia-se por toda parte, como uma gaiola verde, tremulante. Um pássaro voou de repente na frente dele, uma bola de penas marrom que girou ao redor do próprio corpo antes de levantar voo. Alguma coisa perturbara a ave. E foi então que Alex ouviu o som, era um motor que se aproximava. Um trator? Não. Era agudo demais e se movia muito rápido.

Alex soube que estava em perigo, do mesmo modo que o animal soubera. Não havia necessidade de perguntar por que ou como. O perigo simplesmente estava ali. E assim que a forma escura apareceu, esmagando a relva, o garoto se jogou para o lado, sabendo — tarde demais agora — o que havia de errado na placa para a segunda trilha. Ela era novinha em folha, enquanto a primeira placa, a que o guiara para fora da estrada, era velha e desgastada pelo tempo. Alguém o afastara de propósito do caminho correto e o levara até ali.

Para o campo de execução.

Alex caiu no chão e rolou para um lado. O veículo avançou através da relva, a roda da frente passando a poucos centímetros dele. O garoto conseguiu vislumbrar a forma negra da coisa, com quatro pneus enormes, uma mistura entre um trator em miniatura e uma motocicleta. O estranho veículo era dirigido por uma figura arqueada, vestindo roupa de couro cinza, capacete e óculos de proteção. Então o veículo se afastou, o som abafado agora pela relva, para o lado oposto ao que ele estava e desapareceu de repente, como se uma cortina houvesse sido baixada sobre ele.

Alex cambaleou até ficar de pé e começou a correr. Ele agora sabia o que era aquilo. Vira um veículo similar nas férias que havia passado nas dunas de areia de Death Valley, em Nevada, nos Estados Unidos. Era uma Kawasaki 4x4, com motor de 400 cilindradas e transmissão automática. Um qua-

driciclo. O veículo agora retornava, preparando-se para voltar até onde ele estava, e tinha companhia.

O garoto ouviu um barulho como um zumbido, depois um grito, e então um segundo quadriciclo apareceu, diante dele, avançando em sua direção, abrindo caminho pela relva. Alex se atirou para fora da trilha, caindo no chão mais uma vez e quase deslocou o ombro. O vento e a fumaça do motor batiam no rosto dele.

Precisava encontrar algum lugar para se esconder. Mas estava no meio de um campo e não havia nada ali — além da própria relva. Alex lutou desesperadamente para avançar por ela, as lâminas das folhas arranhando seu rosto e quase o cegando enquanto ele tentava descobrir o caminho de volta para a trilha principal. Precisava encontrar alguém — qualquer pessoa. Quem quer que tivesse mandado aquela gente atrás dele (e naquele instante Alex se lembrou do sr. Grin falando no celular), não ia querer que o matassem diante de testemunhas.

Mas não havia ninguém ali, e os quadriciclos vinham novamente na direção dele... juntos dessa vez. Alex podia ouvir o som dos motores zumbindo em uníssono, aproximando-se rapidamente. Ainda correndo, ele olhou por sobre os ombros e viu os veículos lado a lado, prestes a alcançá-lo. Foi apenas o brilho do sol e a visão da relva sendo cortada que revelaram a horrível verdade. Os dois motoristas haviam esticado um fio cortante entre eles — do tipo usado para cortar queijos grandes — e Alex se jogou de cabeça no chão. O fio passou por cima dele. Se ainda estivesse de pé, teria sido cortado ao meio.

Os quadriciclos se separaram, afastando-se um do outro. Ao menos aquilo significava que haviam soltado o fio. Alex machucara o joelho na última queda e sabia que era apenas uma questão de tempo até o encurralarem e acabarem com ele. Correu, mancando, procurando um lugar para se esconder ou alguma coisa com que se defender. Além do console de vídeo game e de um pouco de dinheiro, não havia nada em seus bolsos, nem mesmo um canivete. Os motores estavam distantes agora, mas Alex sabia que voltariam a se aproximar a qualquer momento. O que estariam preparando para ele na próxima vez? Mais fios cortantes? Ou algo pior?

Foi pior. Muito pior. Ele ouviu o rugir do motor e então uma enorme nuvem de fogo vermelha explodiu sobre a relva, que se incendiou. Alex sentiu o ombro queimar, girou e se jogou para o lado. Um dos motoristas carrega-

va um lança-chamas! E acabara de atirar um jato de fogo a uns cinco metros de distância, com a intenção de queimar o garoto vivo! E quase conseguira. Ele só se salvara graças a um canal estreito que estava diante dele. Ele nem vira o canal até cair no chão, no solo úmido, enquanto a chama lambia o ar logo acima do seu corpo. Essa passara perto. E havia um cheiro horrível no ar: o do próprio cabelo de Alex. O fogo queimara as pontas.

Tossindo, o rosto marcado de suor e poeira, o garoto saiu do canal e correu cegamente para a frente. Já não tinha mais ideia de aonde ia. Sabia apenas que, em poucos segundos, os quadriciclos estariam de volta. Mas deu apenas dez passos e percebeu que alcançara o limite do campo. Havia uma placa de alerta e uma cerca eletrificada que se estendia até onde a vista alcançava. Teria corrido direto em direção a ela, se não fosse pelo zumbido que a cerca fazia. Ela era quase invisível, e os motoristas dos quadriciclos, que vinham rápido na direção dele, não conseguiríam ouvir o zumbido baixo por cima do barulho dos motores de seus veículos...

Alex parou e se virou. A uns 50 metros de onde estava, podia ver a relva sendo aplainada por um dos quadriciclos ainda invisível que voltava à caça. Mas dessa vez ele esperou. Ficou parado no lugar, balançando-se nos calcanhares, como um toureiro. Vinte metros, dez... Agora ele estava olhando bem dentro dos olhos do motorista e viu o sorriso cruel do homem, ainda carregando o lança-chamas. O quadriciclo esmagou a última barreira de relva e arremeteu na direção de Alex... só que o garoto já não estava ali. Ele se jogara para o lado e, tarde demais, o motorista viu a cerca e empinou, direto para cima dela. O homem gritou quando o arame bateu em seu pescoço e quase o decapitou. O veículo girou no ar e aterrissou com um estrondo. O homem caiu na relva, muito quieto.

Ele arrancara a cerca do chão. Alex correu até ele e o examinou. Por um momento, pensou que pudesse ser Yassen, mas era mais jovem, feio e tinha cabelos escuros. O garoto nunca o vira antes. O motorista estava inconsciente, mas ainda respirava. O lança-chamas jazia no chão, ao lado dele, apagado. Alex ouviu o som do outro quadriciclo, a certa distância, mas se aproximando. Fossem quem fossem aquelas pessoas, os dois o haviam perseguido, tentado cortá-lo ao meio e incinerá-lo. Sabia que precisava achar um jeito de escapar antes que as coisas ficassem realmente sérias.

Ele correu até o quadriciclo, que caíra de lado no chão. Levantou o veículo, pulou sobre o assento e ligou o motor. Ou tentou ligar. Ele puxava o

pedal desesperadamente, mas não conseguia dar a partida. O garoto praguejou, vira quadriciclos em Nevada, mas não haviam deixado que andasse em um. Era jovem demais... E agora...

Como fazer aquela maldita coisa pegar? Não havia um pedal para isso. Devia ter algum tipo de ignição manual. Ele virou a chave. Nada. Então viu um botão vermelho. Pressionou-o, e o motor, depois de engasgar um pouco, voltou à vida. Pelo menos não havia marchas com que se preocupar, Alex girou o acelerador e gritou quando a máquina saltou para a frente e quase o jogou para fora do assento.

E agora ele corria pela relva, que se tornara apenas um borrão verde, agarrando-se à moto com toda a força, enquanto voltava na direção do atalho. Não tinha certeza se era ele quem guiava a moto ou se era a moto que o guiava, mas tudo o que lhe importava era que ainda estava se movendo. Seus ossos chacoalharam quando o quadriciclo bateu em um sulco do caminho e pulou para a frente. Por um terrível segundo, o garoto achou que seria arremessado para fora da moto, no vazio. Mas acabou dando um jeito de continuar agarrado ao guidom, embora o impacto dos pneus de volta ao chão o tivesse deixado sem ar.

Alex seguiu através de outra cortina verde e puxou desesperadamente o guidom, tentando assumir o controle da máquina. Ele encontrara a primeira trilha — e também a beira do penhasco. Só mais cinco metros e teria sido lançado no precipício e caído nas rochas lá embaixo. Por alguns segundos, ficou parado, o motor zumbindo baixo. Foi quando o outro quadriciclo apareceu. O segundo motorista provavelmente tinha visto o que acontecera. Ele agora alcançara a trilha e encarava o garoto a uns 50 metros de distância. Alguma coisa cintilou na mão do homem, apoiada no guidom. Era um revólver.

Alex olhou para trás, para o lugar de onde viera. Não era uma boa ideia. A trilha era estreita demais. Quando conseguisse dar a volta com o quadriciclo, o homem já o teria alcançado. Um tiro e estaria tudo acabado. Ele conseguiria voltar para a relva? Não, pela mesma razão. Se quisesse se mover rápido, teria que ir adiante, ainda que isso significasse bater de frente com o outro veículo.

Não havia outro jeito.

O homem acelerou e disparou para a frente. Alex fez o mesmo. Agora os dois corriam um na direção do outro por uma trilha estreita, com um barran-

co de terra e rocha erguendo-se de um lado e formando uma barreira e a beira do precipício do outro. Não havia espaço bastante para os dois passarem. Eles teriam que parar, ou bateriam... mas, se quisessem parar, precisariam fazer isso nos próximos dez segundos.

Os quadriciclos se aproximavam, correndo cada vez mais rápido. Abaixo, ondas prateadas cintilavam e quebravam contra as rochas. A relva, mais alta agora, também brilhava sob o sol. O homem atirou duas vezes. Alex sentiu a primeira bala passar raspando por seu ombro. A segunda bala ricocheteou na lateral do veículo, e ele quase perdeu o controle. O vento o atingia com força no peito e no rosto. Era inevitável que eles parassem ou que um deles saísse do caminho.

Três, dois, um...

Foi o homem que acabou cedendo. Ele estava a uns cinco metros de distância, tão perto que Alex pôde ver o suor em sua testa. Se, naquele instante, ele houvesse atirado uma terceira vez, não teria errado. Mas o homem vinha rápido demais e a trilha era muito irregular. Era impossível atirar e dirigir ao mesmo tempo. No momento que a batida parecia inevitável, o homem deu uma guinada no veículo e saiu da trilha, na direção da relva. Ao mesmo tempo, ele tentou mirar com o revólver. Mas era tarde demais. O quadriciclo estava derrapando, apoiado apenas em duas das quatro rodas. O homem gritou. O quadriciclo bateu em uma pedra e foi jogado para a frente, então, aterrissou brevemente na trilha e continuou a capotar por sobre a beira do penhasco.

Alex sentiu o homem passar por ele, mas não viu nada além de um borrão. Só então ele conseguiu frear o próprio quadriciclo, a tempo de ver o outro voar para o precipício e mergulhar no ar. O homem, ainda gritando, conseguiu se soltar da máquina enquanto caía, mas bateu na água ao mesmo tempo que ela. O quadriciclo flutuou por alguns segundos a mais do que o homem.

Quem o enviara? Nadia Vole havia sugerido a caminhada, mas fora o sr. Grin quem realmente o vira partir. O sr. Grin dera a ordem — Alex estava certo disso.

O garoto seguiu de quadriciclo pelo resto do caminho até Port Tallon. O sol ainda brilhava quando ele passou pela vila de pescadores, mas ele não conseguiu aproveitar a vista. Estava furioso consigo mesmo porque sabia que cometera erros demais. Sabia que poderia estar morto naquele momen-

to. Só a sorte e uma cerca elétrica de baixa voltagem haviam conseguido mantê-lo vivo.

11
MINA DOZMARY

ALEX ATRAVESSOU Port Tallon, passou pela taverna Fishermarís Arms e subiu a rua de paralelepípedos até a biblioteca. Era meio da tarde, mas o vilarejo parecia adormecido, os barcos balançando no cais, as ruas e calçadas vazias. Algumas poucas gaivotas giravam em círculos, preguiçosamente, sobre os telhados, deixando escapar seus típicos grasnados tristes. O ar cheirava a sal e peixe morto.

A biblioteca ficava em um prédio vitoriano de tijolos vermelhos, regiamente construído no topo de uma colina. Alex empurrou a pesada porta de vaivém e entrou em um salão com piso de cerâmica e padronagem de um tabuleiro de xadrez, e cerca de 50 estantes se estendendo a partir da recepção, no centro. Seis ou sete pessoas ocupavam as mesas, trabalhando. Um homem usando colete de lã grossa lia o *Fishermans Week.* Alex foi até a recepção. Havia a inevitável placa de aviso — "Silêncio, por favor". Sentada embaixo dela, uma senhora de rosto redondo lia *Crime e castigo.*

— Posso ajudá-lo? — apesar da placa, a voz da mulher era tão alta que todos levantaram os olhos quando ela falou.

— Sim...

Alex fora até ali por causa de uma observação casual feita por Herod Sayle. Quando falava sobre Ian Rider, ele comentara: "Passava metade do tempo na vila. No porto, na agência de correios, na biblioteca". Alex já estivera na agência de correios, outro prédio antigo perto do porto. E achou que não descobriria nada. Mas a biblioteca?

Talvez o tio tivesse ido até ali em busca de informação. Talvez a bibliotecária se lembrasse dele.

— Eu tinha um amigo que ficava na vila — falou Alex. — Estava pensando se ele não teria vindo até aqui. O nome dele é Ian Rider.

— Rider com z ou com y? Acho que não temos Rider aqui de nenhum dos dois modos — a mulher digitou alguma coisa no computador, então balançou a cabeça. — Não...

— Ele estava na Sayle Enterprises — acrescentou Alex. — Tinha cerca de 40 anos, era magro, de cabelos claros. Dirigia um BMW.

— Oh, sim — a bibliotecária sorriu. — Ele veio aqui algumas vezes. Um bom homem. Muito educado. Eu sabia que ele não era daqui. Estava procu-

rando por um livro...

— A senhora lembra que livro?

— É claro que sim. Nem sempre consigo me lembrar do rosto das pessoas, mas jamais esqueço um livro. Ele estava interessado em vírus.

— Vírus?

— Sim. Foi o que eu disse. Ele queria informação...

Um vírus de computador! Aquilo podia mudar tudo. Um vírus de computador era uma peça perfeita de sabotagem: invisível e instantâneo. Bastaria uma única marcação no software e todas as informações no software do Stormbreaker seriam destruídas a qualquer momento. Mas Herod Sayle não iria querer destruir sua própria criação. Isso não fazia sentido. Então talvez Alex estivesse errado a respeito dele desde o início. Tàlvez Sayle não tivesse ideia do que realmente se passava.

— Lamento não ter podido ajudar o sr. Rider — continuou a bibliotecária. — Esta é uma biblioteca pequena, e nosso orçamento foi cortado pelo terceiro ano seguido — ela suspirou. — De qualquer modo, ele disse que havia encomendado alguns livros em Londres. Disse que a caixa seria entregue na agência de correios...

Aquilo também fazia sentido. Ian Rider não deixaria que a informação fosse enviada para a Sayle Enterprises, onde tinha chances de ser interceptada.

— Essa foi a última vez que o viu? — perguntou Alex.

— Não. Ele voltou cerca de uma semana depois. Deve ter conseguido o que queria, porque dessa vez não estava procurando livros sobre vírus. Tinha interesse nas histórias locais.

— Histórias locais?

— A história de Cornwall. Estante *CL* — ela apontou. — Ele passou a tarde examinando um dos livros e então partiu. Não voltou desde então, o que é uma pena. Eu estava esperando que no fim se inscrevesse na biblioteca. Você gostaria de fazer isso?

— Hoje, não. Obrigado — falou Alex.

Histórias locais. Aquilo não iria ajudar. Alex despediu-se da bibliotecária com um aceno de cabeça e se encaminhou para a porta. Já estava estendendo a mão para a maçaneta quando se lembrou: *CL 475/19.*

O garoto enfiou a mão no bolso e pegou o vídeo game, abriu a parte traseira e desdobrou a folha de papel que havia encontrado em seu quarto. Na

mosca: as letras eram as mesmas. *CL.* E não se referiam a nenhum sistema de coordenadas. *CL* era a estante onde estava um livro!

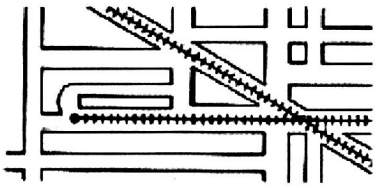
Alex foi até a estante que a bibliotecária lhe mostrara. Os livros ficavam velhos rapidamente quando não eram lidos e os que estavam ali haviam se aposentado e jaziam encostados uns contras os outros para se apoiarem. *CL 475/19* — o número estava impresso na lombada — tinha o título *Dozmary: A história da mina mais antiga de Cornwall.*

Alex levou o livro para uma mesa, abriu-o e passou os olhos rapidamente por ele, perguntando-se por que Ian Rider teria algum interesse na história do estanho extraído de Cornwall. A história que o livro contava era sobre uma família.

A mina fora propriedade da família Dozmary por 11 gerações. No século 19, havia 400 minas em Cornwall. Nos anos 1990, eram apenas três. E Dozmary era uma delas. O preço do estanho havia despencado no mercado e a mina já estava quase esgotada, mas não havia outro trabalho na região e a família continuara a explorá-la, ainda que a mina estivesse rapidamente se esgotando. Em 1991, Sir Rupert Dozmary, o último proprietário, saíra sem fazer alarde e estourara os próprios miolos. Ele foi enterrado no terreno da igreja local em — dizia-se na cidade — um caixão feito de estanho.

Os filhos de Rupert haviam fechado a mina e vendido o terreno para a Sayle Enterprises. A mina estava lacrada e vários de seus túneis agora jaziam debaixo da água.

O livro continha algumas fotos em preto e branco: pôneis amarrados e canários em gaiolas. Grupos de pessoas paradas com machados e lanternas. Agora todos eles já deviam estar embaixo da terra. Alex folheou as páginas e chegou a um mapa, mostrando o desenho dos túneis na época em que a mina fora fechada:



Era difícil ter certeza da escala usada, mas havia um labirinto de poços, túneis e trilhos se espalhando por vários quilômetros sob o solo. Quem descesse para a absoluta escuridão subterrânea, com certeza se perderia no

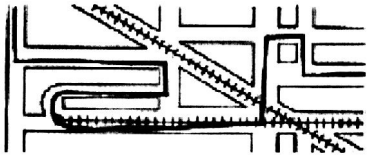
mesmo instante. Ian Rider teria ido até Dozmary? E, em caso afirmativo, o que encontrara?

Alex lembrou-se do corredor na base da escada de metal. As paredes marrom-escuras inacabadas e as lâmpadas pendendo dos fios lhe lembraram algo e, subitamente, ele descobriu o quê. O corredor era simplesmente um dos poços que levavam à velha mina! Supondo-se que Ian Rider também tivesse descido a escada, como Alex, ele teria deparado com a porta de metal trancada e decidira descobrir um modo de entrar ali. Mas Ian logo deve ter reconhecido o corredor como o que realmente era, e por isso voltara à biblioteca. Então descobrira o livro sobre a mina Dozmary — o mesmo que agora estava nas mãos de Alex. O mapa mostrara a Ian Rider um caminho para o outro lado da porta.

E ele havia anotado!

Alex pegou o diagrama que Ian Rider desenhara e colocou-o sobre a página, em cima do mapa. Então segurou as duas folhas juntas e colocou-as contra a luz.

E foi isso o que viu:



As linhas azuis que Ian desenhara na folha de papel se encaixavam perfeitamente sobre os poços e túneis da mina, mostrando o caminho a ser seguido. Alex tinha certeza disso. Se conseguisse encontrar a entrada para Dozmary, poderia seguir o mapa e ir até o outro lado da porta de metal.

Dez minutos mais tarde o garoto deixava a biblioteca com uma cópia da página. Ele desceu até o porto e encontrou uma dessas lojas de produtos para pesca e navegação que pareciam vender de tudo um pouco. Alex comprou uma lanterna poderosa, um casaco de lã, um rolo de corda e uma caixa de giz.

Então, subiu novamente as colinas.

De volta ao quadriciclo, Alex disparou pelo topo do penhasco, com o sol já se pondo a oeste. À sua frente, podia ver a chaminé isolada e a torre dete-

riorada que, esperava, marcavam a entrada para o Poço Kerneweck... que recebera esse nome em homenagem à antiga língua falada em Cornwall. De acordo com o mapa, era ali que devia começar. Ao menos o quadriciclo facilitara sua vida. A pé, Alex teria levado uma hora para chegar lá.

Ele estava correndo contra o tempo e sabia disso. Os primeiros Stormbreakers já deviam ter começado a sair da fábrica e, em menos de 24 horas, o primeiro-ministro ativaria os computadores. Se realmente havia sido implantado algum tipo de vírus no software, o que aconteceria? Algum tipo de humilhação para Sayle e para o governo britânico? Ou algo pior?

E como um vírus de computador se encaixava com o que Alex vira na noite anterior? Certamente o que o submarino entregara não era software de computador. As caixas prateadas eram grandes demais. E não se mata um homem por deixar cair um pen drive.

Alex parou o quadriciclo perto da torre e atravessou um portal em forma de arco. A princípio ele pensou que havia cometido algum erro. O lugar parecia mais com uma igreja abandonada do que com a entrada de uma mina. Outras pessoas haviam estado ali antes dele. Viam-se latas de cerveja amassadas no chão, junto com um saco velho de batatas fritas, e a típica pichação na parede: "JRH esteve aqui", "Nick ama Cass". Os visitantes deixavam o que tinham de pior para trás, em tinta fosforescente.

Alex pisou em alguma coisa que fez barulho e, quando viu, estava parado sobre um alçapão de metal. Havia mato e ervas daninhas ao redor, mas, quando colocou a mão contra a fresta, o garoto pôde sentir o ar que escapava lá de baixo. Aquela devia ser a entrada para o poço.

O alçapão estava trancado com um cadeado pesado de vários centímetros de espessura. Alex praguejou silenciosamente. Deixara o creme para espinhas no quarto. Com ele teria conseguido derreter o cadeado em segundos, mas não tinha tempo de fazer todo o caminho de volta até a Sayle Enterprises para pegá-lo. Ajoelhou-se e sacudiu o cadeado, frustrado. Para sua surpresa, ele se abriu. Alguém estivera ali antes dele. Ian Rider — tinha que ser. O tio provavelmente conseguira abrir a tranca e não a fechara completamente de novo para quando voltasse.

Alex tirou o cadeado e preparou-se para abrir o alçapão. Precisou de toda a força que tinha e, quando finalmente conseguiu, uma rajada de ar frio atingiu seu rosto. Com o alçapão aberto, o garoto se viu olhando para um buraco escuro que descia além do que a luz do dia alcançava. Ele acendeu a

lanterna. O facho de luz iluminava até uns 15 metros abaixo, mas o poço ia além. Alex encontrou um seixo e jogou-o para dentro. No mínimo dez segundos se passaram até que o seixo batesse em algo lá embaixo.

Uma escada enferrujada descia pela lateral do poço. Alex checou se o quadriciclo estava fora de vista, então pendurou o rolo de corda no ombro e enfiou a lanterna no cinto. Ele não gostou nada de descer para dentro do buraco. Os degraus da escada eram gelados sob suas mãos e, mal seus ombros haviam descido além do nível do solo, o sol se apagou e Alex se sentiu sugado para dentro de uma escuridão tão completa que ele não tinha mais certeza nem de ter olhos. Mas não era possível descer e segurar a lanterna ao mesmo tempo. Ele precisava tatear o caminho, primeiro colocando a mão, depois um pé, e descendo cada vez mais até que finalmente sentiu que os pés tocaram o solo. Então descobriu que havia alcançado a base do Poço Kerneweck.

Ele olhou para cima. Mal conseguia vislumbrar a entrada pela qual havia descido: era pequena, redonda e distante como a Lua. Alex respirava com dificuldade. O ar era pesado e tinha um aroma levemente metálico. Ele tentou lutar contra a sensação de claustrofobia que o ameaçava, tirou a lanterna do cinto e acendeu-a. O facho de luz iluminou o caminho adiante dele e, muito branco, se refletiu nas paredes ao redor. O garoto estava no começo de um longo túnel, de paredes irregulares e o teto sustentado por vigas de madeira. O chão já era úmido e havia um leve aroma de água salgada no ar. Fazia frio na mina. Alex imaginara que seria assim e, antes de começar a caminhar, pegou o casaco de lã que trouxera, e marcou um *X* na parede com giz. Aquela também fora uma boa ideia. Acontecesse o que acontecesse ali dentro, ele queria estar certo de que conseguiria encontrar o caminho de volta.

Finalmente estava pronto para seguir adiante. Ele deu dois passos para a frente, distanciando-se do poço vertical e entrando no túnel, e imediatamente sentiu o peso da rocha sólida, do solo e dos veios remanescentes de estanho que o oprimiam. Era horrível ali embaixo, parecia que estava sendo enterrado vivo. Precisou de toda a determinação para se obrigar a seguir em frente. Depois de cerca de 50 passos, ele chegou a um segundo túnel, que levava para a esquerda. Pegou a cópia do mapa e examinou-a. De acordo com Ian Rider, era ali que tinha que virar. O garoto girou a lanterna ao redor

e seguiu pelo túnel, que descia ainda mais, levando-o cada vez mais fundo na terra.

Não havia nenhum ruído na mina, além da respiração entrecortada dele, dos passos se arrastando no chão e do bater acelerado do seu coração. Era como se a escuridão apagasse não só a visão, mas também o som. Alex abriu a boca e gritou, apenas para ouvir alguma coisa. Mas sua voz parecia baixa e só o fez lembrar do peso enorme que havia sobre sua cabeça. Aquele túnel não estava em boas condições. Algumas vigas de sustentação haviam se quebrado e caído e, quando ele passou, sentiu cascalho caindo sobre o pescoço e ombros, o que o fez recordar que a mina Dozmary permanecia trancada por alguma razão. Era um lugar terrível. E poderia desmoronar a qualquer momento.

O caminho o levava cada vez mais para baixo. Alex podia sentir a pressão em seus ouvidos, conforme a escuridão ficava mais densa e opressiva. Ele deparou com uma massa indistinta de aço e arame — algum tipo de máquina há muito tempo queimada e esquecida. Passou por cima dela rápido demais e acabou cortando a perna em um pedaço irregular de metal. Então ficou parado por alguns segundos, tentando se acalmar. Sabia que não podia entrar em pânico. Obrigou-se a pensar: “Se você entrar em pânico, vai se perder. Pense no que está fazendo. Seja cuidadoso. Um passo de cada vez...”

— Tudo bem, Tudo bem... — Alex sussurrou as palavras para se tranquilizar, e continuou a andar.

Agora ele emergiu em algum tipo de câmara alta e circular, formada pelo encontro de seis túneis diferentes, todos se juntando na forma de uma estrela. O mais largo deles saía da esquerda e tinha restos de trilhos. Alex girou novamente a lanterna ao redor e viu dois vagões de madeira que deviam ser usados para carregar equipamento para baixo, ou estanho para a superfície. Checou o mapa e ficou tentado a acompanhar os trilhos, que pareciam ser um atalho para a rota que Ian Rider havia desenhado. Mas decidiu não a seguir. O mapa lhe dizia para ele se virar e entrar em um túnel que parecia voltar para o lugar de onde ele viera. Tinha que haver uma razão para isso. Alex fez mais duas cruzes com o giz, uma no túnel que deixara e outra no que estava entrando. E continuou.

O novo túnel rapidamente foi ficando mais baixo e mais estreito, até que Alex só conseguiu seguir adiante agachado. O chão era muito úmido ali,

com poças de água que chegavam aos tornozelos. O garoto lembrou-se do quanto estava perto do mar e isso trouxe outro pensamento desagradável. A que horas a maré subiria? E quando a água aumentasse de volume, o que aconteceria dentro da mina? Alex teve uma súbita visão de si mesmo preso naquela escuridão, com a água subindo até a altura do peito, depois do pescoço, cobrindo seu rosto. Ele parou e se obrigou a pensar em outra coisa. Ali embaixo, sozinho, muito longe da superfície, não podia permitir que a imaginação se tornasse sua inimiga.

O túnel fazia uma curva e encontrava uma segunda linha de trilhos, esses retorcidos e quebrados, em alguns pontos cobertos de cascalho que provavelmente caíra do teto. Mas os trilhos de metal tornavam mais fácil seguir adiante, acompanhando o reflexo da lanterna. Alex os seguiu por todo o caminho até se juntarem ao trilho principal. Isso levara 30 minutos e ele estava quase de volta ao ponto em que começara, mas, ao girar a lanterna ao seu redor, entendeu por que Ian Rider o mandara pelo caminho mais longo. A rota mais curta fora bloqueada pela queda de um túnel. Cerca de 30 metros adiante o trilho principal terminava abruptamente.

Alex atravessou a trilha, ainda seguindo o mapa e parou. Então olhou para o papel. Era impossível. Mas ainda assim não havia erro.

Ele chegou a um túnel pequeno e redondo que descia ainda mais. Mas, pouco depois, viu que o túnel estava bloqueado pelo que parecia ser uma folha de metal. Alex pegou uma pedra e atirou-a mais além. E ouviu que ela caiu na água. Agora entendia. O túnel estava completamente submerso na água negra como nanquim. A água subira até o teto do túnel, portanto, mesmo presumindo que ele pudesse nadar em uma temperatura enregelante, não conseguiria respirar. Depois de tanto trabalho, de tanto tempo perdido sob a terra, não havia como seguir em frente.

Alex se virou, frustrado. Estava prestes a começar o caminho de volta, quando o facho de luz da lanterna iluminou alguma coisa empilhada no chão. Quando se inclinou para ver, descobriu que era uma roupa de mergulho aparentemente nova. Ele voltou para onde a água começava e examinou o espaço com a lanterna. Dessa vez, viu alguma coisa. Uma corda fora amarrada a uma pedra. Ela se estendia na diagonal para dentro da água e desaparecia. Alex sabia o que isso significava.

Ian Rider nadara através do túnel submerso. Ele havia usado a roupa de mergulho e conseguira prender a corda para guiá-lo. Obviamente planejava

voltar. Fora por isso que deixara a roupa de mergulho ali. E por isso deixara o cadeado aberto.

Alex pegou a roupa de mergulho. Era grande demais para ele, embora provavelmente servisse para protegê-lo do pior do frio. Mas esse não era o único problema. O túnel devia seguir por uns dez metros. Como ele poderia saber se Ian não usara um tanque de oxigênio para atravessá-lo? Se Alex entrasse na água e ficasse sem ar no meio do caminho, se afogaria. Mais uma vez sua imaginação estava levando a melhor sobre ele. O garoto já podia se ver preso sob a rocha na escuridão gelada. Não podia imaginar maneira pior de morrer.

Alex ficou parado por um instante, segurando a roupa de mergulho nas mãos. De repente, tudo pareceu muito injusto. Ele nunca pedira para estar ali. Fora forçado a isso pelo MI6 e já fizera mais que o suficiente. Nada nesse mundo o obrigaria a entrar naquela água escura. Simplesmente era pedir demais.

Mas Ian Rider atravessara nadando. O tio fizera aquilo tudo sozinho e nada o detivera... não até que o assassinaram. E Alex sempre presumira que ele não fosse nada além de um gerente de banco! O garoto sentiu sua determinação dar lugar à raiva. Aquelas pessoas — Sayle, Yassen e quantos mais — haviam acabado com a vida do tio dele apenas porque era o mais conveniente para elas. Pois bem, Ian Rider não havia morrido à toa. Alex se certificaria disso.

Ele vestiu a roupa de mergulho. Estava fria, úmida e desconfortável. Alex fechou o zíper na frente. Não despira as roupas que usava e isso talvez tenha ajudado. A roupa de mergulho estava larga em alguns lugares, mas com certeza manteria a água longe do corpo.

Movendo-se rapidamente agora, com medo de que qualquer hesitação pudesse fazê-lo mudar de ideia, Alex se aproximou da beira da água. Estendeu uma mão e pegou a corda. Seria mais fácil nadar com as duas mãos, mas ele não ousava correr esse risco. Perder-se em um túnel embaixo da água seria tão ruim quanto ficar sem ar. O resultado seria exatamente o mesmo. Ele precisava se manter agarrado à corda para que ela o guiasse através do túnel. Respirou fundo várias vezes, hiperventilando e oxigenando o sangue, pois sabia que isso lhe daria mais alguns preciosos segundos de fôlego. Então mergulhou.

O frio era feroz, tão devastador que parecia quase forçar o ar para fora dos pulmões. A água batia em sua cabeça, girando ao redor do nariz e dos olhos. Os dedos de Alex ficaram dormentes no mesmo instante. Todo o seu corpo pareceu sentir o choque, mas a roupa de mergulho estava fazendo a sua parte, mantendo-o parcialmente protegido e quente. Agarrado à corda, Alex deu um impulso para a frente. Agora não tinha mais volta.

Encolher o corpo, dar impulso. Encolher o corpo, dar impulso. Alex estava embaixo da água a menos de um minuto e já sentia os pulmões arderem. O teto do túnel raspava seus ombros e o garoto tinha medo de que, além de machucar, aquilo acabasse rasgando a roupa de mergulho. Mas não ousou ir mais devagar.

Encolher o corpo, dar impulso. Encolher o corpo, dar impulso. O frio enregelante parecia sugar as forças de dentro dele. Há quanto tempo estava submerso? Noventa segundos? Cem? Alex nadava com os olhos bem fechados, mas, se os abrisse, não faria diferença alguma. Estava em uma versão negra, serpenteante e gelada do inferno. E cada vez lhe restava menos ar nos pulmões.

Ele puxava o corpo para a frente usando a corda, arranhando a palma das mãos. Já estava nadando havia quase dois minutos, mas pareciam uns dez. Ele precisava abrir a boca e respirar... mesmo se fosse água, e não ar, o que entrasse por sua garganta. Um grito silencioso explodiu dentro dele. Encolher o corpo, dar impulso. Encolher o corpo, dar impulso. Então a corda subiu acima da água. Alex sentiu os ombros livres e pôde abrir a boca e encher os pulmões de ar. Soube então que conseguira.

Mas conseguira chegar aonde?

Alex não via nada. Estava flutuando na mais completa escuridão, incapaz de ver até mesmo onde a água terminava. Ele havia deixado a lanterna do outro lado, e sabia que, mesmo se quisesse, não teria forças para voltar. Seguira a trilha deixada por um homem morto. Apenas naquele instante se deu conta de que aquilo tudo podia tê-lo levado apenas ao túmulo.

12
ATRÁS DA PORTA

ALEX NADOU bem devagar, completamente cego, com medo de, a qualquer momento, bater com a cabeça na rocha. Apesar da roupa de mergulho, há tempo vinha sentindo o frio da água e sabia que precisava encontrar um caminho até um lugar seco bem rápido. A mão dele roçou em alguma coisa, mas seus dedos estavam muito entorpecidos para que ele pudesse perceber o que era. Alex estendeu a mão e impulsionou o corpo para a frente. Seus pés tocaram o fundo. E foi então que ele percebeu que podia enxergar. Em algum lugar, a luz se infiltrava pela área além do túnel submerso.

Lentamente, a visão dele foi se ajustando. Quando acenou com a mão na frente do rosto, conseguiu enxergar os próprios dedos. Alex estava se segurando em uma viga de madeira, um suporte do teto que caíra. Ele fechou os olhos e voltou a abri-los. A escuridão recuara, e agora Alex podia ver um cruzamento cavado na rocha, o encontro de três túneis. O quarto, atrás dele, era o que estava inundado. Isso deu ao garoto um pouco mais de força, vaga como a pouca luz que tinha. Ele usou a viga como apoio temporário e subiu na rocha. Nesse momento, percebeu um som baixo e vibrante. Não sabia se estava perto ou longe, mas se lembrou do que ouvira sob o Bloco D, na frente da porta de metal, e soube que havia chegado.

Alex despiu a roupa de mergulho, que o ajudara bastante. A maior parte de seu corpo estava seca, embora a água gelada que pingava dos cabelos lhe escorresse pelo pescoço. Quando começou a andar, sentiu os pés chapinhando na água e precisou tirar os sapatos e sacudi-los antes de continuar. O mapa de Ian Rider ainda estava dobrado em seu bolso, mas Alex já não tinha mais necessidade dele. Tudo o que precisava fazer era seguir a luz.

Ele foi direto para outra interseção de túneis, então dobrou à direita. Agora a luz era tão brilhante que Alex conseguia até perceber as cores da rocha — marrom-escuro e cinza. A vibração também ficava cada vez mais alta, e Alex sentiu uma rajada de ar frio chegando até ele. O garoto continuou avançando cautelosamente, imaginando com que iria encontrar. Ele dobrou em um dos cantos e, e de repente, a rocha dos dois lados deu lugar a tijolos novos e a várias grades de ventilação de metal separadas umas das outras a intervalos regulares, logo acima do nível do chão. O poço da velha

mina havia sido adaptado e era usado como escape de algum sistema de ar-condicionado. A luz que guiara Alex saía das grades.

Ele se ajoelhou para olhar através delas e viu uma sala toda em cerâmica branca, um laboratório com equipamentos complicados de vidro e aço sobre as superfícies de trabalho. O laboratório estava vazio. Alex tentou soltar a grade, mas ela estava presa com firmeza na rocha. A segunda grade dava para o mesmo cômodo. E também estava bem aparafusada. O garoto continuou a subir pelo túnel até uma terceira grade de ventilação. Essa dava para um depósito onde se empilhavam as caixas entregues pelo submarino na noite anterior.

Segurou a grade com ambas as mãos e puxou. Ela saiu da parede com facilidade e, olhando mais de perto, Alex entendeu o motivo. Mais uma vez, Ian Rider estivera ali antes dele. E havia soltado os parafusos. Alex retirou a grade do lugar silenciosamente, satisfeito por ter tido força para seguir adiante.

Com cuidado, ele se espremeu pelo buraco retangular na parede e entrou no depósito. No último instante, quando já estava de barriga para baixo e com os pés pendurados, ele estendeu a mão para a grade e a colocou de volta no lugar. Se ninguém olhasse muito de perto, não veria nada de errado. O chão estava a uma boa distância, pelo menos duas vezes a altura de Alex, mas isso não o deteria agora. Ele soltou o corpo, e caiu, como um gato, na ponta dos pés. A vibração estava mais alta e vinha de algum lugar do lado de fora. E encobriria qualquer barulho que ele fizesse. Alex foi até a caixa prateada mais próxima e examinou-a. Descobriu duas trancas na tampa e apertou-as. A caixa fez um clique e se abriu. Ao olhar para dentro, ele viu que estava vazia. O que quer que tivesse sido entregue, já estava em uso.

Alex procurou por câmeras e, como não encontrou nenhuma, atravessou a porta. Estava destrancada. Ele a abriu, um centímetro por vez, e espiou. A porta levava a um largo corredor, com uma porta de correr automática em cada uma das pontas e um corrimão prateado em toda a extensão.

— Mil e novecentas horas. Turno vermelho para linha de montagem. Turno azul para descontaminação.

A voz saiu de um sistema de alto-falantes e não era nem feminina nem masculina, era sem emoção, não parecia humana. Alex checou o relógio. Já eram 19 horas. Tinha demorado mais do que imaginara para atravessar a mina. Esgueirou-se para a frente e encontrou não exatamente uma passagem

— era mais uma plataforma de observação. Foi até o parapeito e olhou para baixo.

Alex não imaginara o que encontraria atrás da porta de metal, mas o que via agora era muito além de qualquer coisa que pudesse ter imaginado. Era uma câmara enorme, com as paredes — metade rocha nua, metade aço escovado — cheias de equipamentos de computador, medidores eletrônicos, máquinas que piscavam e tremeluziam com vida própria. Havia uma equipe de 40 ou 50 pessoas trabalhando ali, algumas com jaleco branco, outras com macacão, todas usando braçadeiras de cores diferentes: vermelhas, amarelas, azuis ou verdes. Arcos de luz irradiavam do teto. Havia guardas armados de pé em cada porta, observando o trabalho com o rosto sem expressão.

Então era ali que os Stormbreakers eram montados. Os computadores eram movidos lentamente, em uma fila contínua, por uma esteira transportadora, passando por vários técnicos e cientistas. O estranho era que já pareciam terminados... e é claro que tinham que estar. Sayle dissera a ele. Na verdade eram despachados durante a tarde e a noite. Então que ajuste de última hora estava sendo feito ali, naquela fábrica secreta? E por que uma parte tão grande da linha de produção estava escondida? O que Alex vira quando se esgueirara pela Sayle Enterprises fora apenas a ponta do iceberg. A parte principal da fábrica estava ali, no subsolo.

Ele olhou com mais atenção. Então lembrou-se do Stormbreaker que usara e percebeu algo que não vira antes. Fora levantada uma tira de plástico na parte de cima do monitor, deixando à mostra um pequeno compartimento, cilíndrico, com cerca de dez centímetros de profundidade. Os computadores estavam passando sob uma máquina bizarra — cantiléveres, fios e braços hidráulicos. Tubos de ensaio prateados e opacos eram abastecidos em uma espécie de gaiola estreita, e logo adiantavam-se como que para saudar os computadores: um tubo de cada vez. Havia um ponto de encontro. Com absoluta precisão, os tubos eram suspensos, aproximavam-se e então caíam nos compartimentos abertos. Depois disso, os Stormbreakers seguiam rapidamente adiante. Uma segunda máquina fechava e soldava termicamente a tira de plástico aberta. Quando os computadores chegavam ao final da fila, onde eram embalados em caixas vermelhas e brancas da Sayle Enterprises, os compartimentos já eram completamente invisíveis.

Um movimento captou a atenção de Alex, e ele olhou além da linha de montagem, através de uma enorme janela, para a câmera na porta seguinte. Dois homens em roupas espaciais caminhavam juntos, com dificuldade, como se estivessem em câmera lenta. Eles pararam. Um alarme começou a soar e subitamente os homens desapareceram em uma nuvem de vapor branco. Alex se lembrou do que acabara de ouvir. Estariam sendo descontaminados? Mas, se os Stormbreakers eram baseados no processador esférico, não era possível que esses extremos fossem necessários — e, de qualquer maneira, aquilo não era parecido com nada que o garoto já tivesse visto. Se os homens *estivessem* mesmo sendo descontaminados, seria de quê?

— Agente Gregorovich, entre em contato com a zona de biocontenção. Esta é uma chamada para o agente Gregorovich.

Uma figura esguia de cabelos claros, vestida de negro, se afastou da linha de montagem e caminhou languidamente na direção da porta, que deslizou para recebê-lo. Pela segunda vez, Alex se pegou olhando para o assassino de aluguel russo, Yassen Gregorovich. O que estava acontecendo? Alex se lembrou do submarino e das caixas fechadas a vácuo. É claro. Fora Yassen quem levara os tubos de ensaio que naquele momento estavam sendo inseridos nos computadores. Os tubos de ensaio eram um tipo de arma que ele estava usando para sabotá-los. Não. Não era possível. Em Port Tallon, a bibliotecária havia dito a ele que Ian Rider perguntara a respeito de livros sobre vírus de computador...

Vírus.

Descontaminação.

A zona de biocontenção.

Naquele momento ele entendeu e, ao mesmo tempo, sentiu algo frio e sólido ser empurrado contra a sua nuca. Alex nem ouvira a porta se abrir atrás dele. Mas ergueu o corpo lentamente quando uma voz falou baixinho em seu ouvido.

— Levante-se. Mantenha as mãos ao lado do corpo. Se fizer algum movimento, levará um tiro na cabeça.

Alex olhou lentamente ao redor. Um único guarda estava parado atrás dele, com um revólver na mão. Aquele era o tipo de cena que Alex já vira milhares de vezes em filmes e na TV, mas ficou chocado ao perceber como a realidade era diferente. O revólver era uma pistola automática Browning, e bastaria um movimento do dedo do homem para que uma bala de 9 mm

atravessasse seu crânio e atingisse seu cérebro. O garoto sentiu náuseas só de pensar nisso.

Alex levantou-se. O guarda devia ter 20 e poucos anos, seu rosto era pálido e demonstrava surpresa. Alex nunca o vira antes, mas o mais importante era que ele nunca vira Alex. Simplesmente não esperara esbarrar com um garoto. Isso podia ajudar.

— Quem é você? — perguntou o homem. — O que está fazendo aqui?

— Sou hóspede do sr. Sayle — falou Alex. E olhou para o revólver. — Por que está apontando isso para mim? Não estou fazendo nada errado.

O tom dele foi comovente. O garotinho perdido. E teve o efeito desejado. O guarda hesitou e abaixou levemente o revólver. Nesse momento, Alex atacou. Ele usou outro golpe clássico de caratê, dessa vez uma girada de corpo, enquanto acertava o cotovelo na lateral da cabeça do homem, logo abaixo da orelha. O guarda nem sequer gritou. Apenas revirou os olhos e caiu estirado no chão. Alex quase com certeza o nocauteara com um simples golpe, mas, como não podia arriscar, ainda acertou o joelho na virilha da vítima. O guarda dobrou o corpo e deixou cair a pistola. Rapidamente, o garoto arrastou-o para trás.

Mas o guarda não ficaria inconsciente por muito tempo, e Alex sabia que precisava sair dali, não apenas tinha que voltar ao nível do solo, como também era hora de desaparecer da Sayle Enterprises. Entraria, sem falta, em contato com a sra. Jones. Ainda não sabia como ou por quê, mas tinha certeza de que os Stormbreakers haviam sido transformados em máquinas de matar. Faltavam menos de 24 horas para o lançamento no Museu de Ciências. Alex precisava encontrar um jeito de impedir que isso acontecesse.

Ele correu. A porta no fim da passagem deslizou para abrir, e Alex se viu em um corredor curvo, branco, com escritórios sem janelas instalados no que deveriam ser mais túneis da mina Dozmary. O garoto sabia que não poderia voltar por onde viera. Estava muito cansado e, mesmo se conseguisse encontrar o caminho pela mina, não conseguiria de jeito nenhum nadar uma segunda vez. Sua única chance era a porta que o levara até aquele lugar a primeira vez. Ela levava à escada de metal que o faria chegar ao Bloco D. Havia um telefone no quarto dele. E, se não funcionasse, podia usar o console portátil de vídeo game para transmitir a mensagem. Mas o MI6 precisava saber o que ele descobrira.

Alex chegou até a porta no fim do corredor e abaixou-se quando três guardas apareceram caminhando juntos em direção a um conjunto de portas duplas. Por sorte eles não o viram. Ninguém sabia que ele estava ali. Tudo ia dar certo.

E foi nesse momento que soaram os alarmes. Uma sirene disparou eletronicamente pelos corredores, fazendo-se ouvir em cada canto, ecoando em todos os lugares. No alto, uma luz vermelha começou a piscar. Os guardas se viraram e viram Alex. Ao contrário do homem na plataforma de observação, eles não hesitaram. Enquanto Alex se jogava de cabeça através da porta mais próxima, os guardas puxaram seus revólveres e atiraram. As balas atingiram a parede ao lado do garoto e ricochetearam pela passagem. Alex ficou deitado de bruços e chutou a porta atrás dele para fechá-la. Então se levantou, viu a tranca na porta e fechou-a. Um segundo depois, uma explosão sacudiu o outro lado quando os guardas atiraram na porta. Mas era metal sólido. Iria aguentar.

Alex estava parado em uma passarela de metal que levava a uma confusão de tubulações e cilindros, como se fosse a caldeira de um navio. O alarme soava tão alto ali quanto na câmara principal. Parecia vir de todos os lados. O garoto desceu a escada, três degraus de cada vez e parou de repente, procurando um modo de sair. Ele podia escolher entre três corredores, mas então ouviu o som de passos apressados e soube que sua escolha agora se limitava a dois. Naquele momento, Alex desejou ter ficado com a Browning automática. Estava sozinho e desarmado. Era como se fosse o único alvo em um estande de tiro ao alvo, com revólveres apontados de todos os lados e nenhum lugar para fugir. Era para isso que o MI6 o treinara? Se era, duas semanas não haviam sido o bastante. Continuou a correr, contornando a tubulação e tentando abrir todas as portas que apareciam. Uma sala com mais roupas espaciais penduradas em ganchos. Um banheiro com chuveiro. Um laboratório maior, com uma porta levando para fora e, um tanque de vidro na forma de um barril, cheio de um líquido verde. Um conjunto de canos de borracha saía do tanque e havia bandejas com tubos de ensaio por toda parte.

O tanque em forma de barril. As bandejas. Alex já vira isso antes — como pálidos esboços na tela do seu vídeo game. Ele devia estar parado do outro lado da segunda porta. Correu para lá. Estava trancada por dentro, ele-

tronicamente, com uma placa de vidro na parede. Jamais seria capaz de abri-la. Estava encurralado.

Passos se aproximavam. Alex só teve tempo de se esconder sob uma das bancadas de trabalho, antes que a porta fosse aberta com força e dois guardas entrassem correndo no laboratório. Eles deram uma olhada rápida ao redor... e não viram Alex.

— Não está aqui! — disse um deles.

— É melhor você subir!

Um dos guardas voltou por onde viera. O outro foi até a porta e apoiou a mão contra o painel de identificação de vidro. Uma luz verde acendeu e a porta se abriu com um zumbido alto. O guarda passou pela porta e desapareceu. Alex rolou para a frente quando a porta já estava quase fechada e conseguiu enfiar a mão por uma fresta. Ele esperou um instante e se levantou. Abrira a porta. E, como esperava, estava olhando para á passagem rústica onde fora surpreendido por Nadia Vole.

O guarda já não estava à vista. Alex saiu e fechou a porta, abafando o som da sirene. Ele subiu a escada de metal que o levou de volta à passarela de vidro que unia os Blocos C e D. Ficou feliz por estar de volta à superfície. Encontrou uma porta e saiu do prédio. O sol já se pusera, mas a pista de decolagem estava muito iluminada, artificialmente, pelo tipo de luz que Alex vira nos estádios de futebol. Havia cerca de uma dúzia de caminhões parados um perto do outro. Homens os carregavam com caixas vermelhas e brancas, pesadas e quadradas. O avião de carga que Alex vira quando chegara avançou pela pista de decolagem e levantou voo.

Alex sabia que estava olhando para o final da linha de montagem. As caixas vermelhas e brancas eram as mesmas da câmara no subsolo. Os Stormbreakers completos, com seu segredo mortal, estavam sendo despachados. Pela manhã estariam em todo o país.

Mantendo-se abaixado, o garoto passou correndo pela fonte e através do gramado. Ele pensou em seguir para o portão principal, mas sabia que de nada adiantaria. Os guardas já deviam ter sido alertados. Estavam esperando por ele. Nem poderia escalar a cerca, não com o arame farpado no topo. Não. O quarto em que estava hospedado parecia ser a melhor opção. Lá havia o telefone, assim como suas únicas armas, os poucos acessórios que o sr. Smithers lhe dera quatro dias antes — ou teriam sido quatro anos?

Alex entrou na casa pela cozinha, do mesmo modo que saíra na noite anterior. Eram apenas 20 horas, mas todo o lugar parecia deserto. Ele subiu as escadas correndo, entrou no corredor e foi até seu quarto no primeiro andar. Lentamente, abriu a porta. Parecia que a sorte lhe sorria. Não havia ninguém lá. Sem acender a luz, Alex entrou, foi até o telefone e ergueu o fone. A linha estava muda. Não tinha problema. Ele pegou os cartuchos do vídeo game, o ioiô e o creme para espinhas e enfiou tudo nos bolsos. Já decidira que não ficaria ali. Era perigoso demais. Encontraria algum outro lugar para se esconder. Então usaria o cartucho do Nemesis para contatar o MI6.

Alex voltou para a porta e abriu-a. E teve um choque ao ver o sr. Grin parado no corredor, horrível com seu rosto muito branco, o cabelo avermelhado e o sorriso roxo retorcido. O garoto reagiu rápido e deu um golpe com a mão direita. Mas o sr. Grin foi mais rápido. Ele se abaixou para um lado e acertou a garganta de Alex com a lateral da mão. O garoto tentou respirar, mas não conseguiu. O mordomo deixou escapar um som ininteligível e atacou uma segunda vez. Alex teve a impressão de que o homem realmente estava rindo por trás das cicatrizes lívidas, divertindo-se. Ele tentou se desviar do golpe, mas o punho do sr. Grin o acertou direto no queixo. Alex caiu para trás, para dentro do quarto.

Ele nem viu quando caiu no chão.

13

PERSEGUIDO NA ESCOLA

ELES FORAM ATÉ Alex na manhã seguinte.

O garoto passara a noite algemado a um radiador, em um quarto pequeno e escuro, com uma única janela gradeada. Antigamente, o lugar devia servir como depósito de carvão. Quando Alex abriu os olhos, a luz cinzenta do início da manhã começava a invadir o quarto. Ele voltou a fechar os olhos. Sua cabeça latejava e o lado de seu rosto que o sr. Grin acertara tinha inchado. Os braços estavam torcidos para trás e os tendões dos ombros pareciam em chamas. Mas o pior de tudo era a sensação de fracasso. Era 1º de abril, o dia em que os Stormbreakers seriam ligados. E Alex estava impotente. Desapontara o MI6, o tio... e a si mesmo.

Já eram quase 9 horas quando a porta foi aberta e dois guardas entraram com o sr. Grin atrás deles. Abriram as algemas e Alex foi obrigado a ficar de pé. Então os guardas o seguraram, um de cada lado, e eles saíram do quarto e subiram um lance de escada. Ele ainda estava na casa de Sayle. As escadas levavam ao hall com o enorme quadro do *Juízo Final.* Alex olhou para as pessoas retorcendo-se em agonia na tela. Se ele estivesse certo, aquela imagem logo se repetiria por toda a Inglaterra. E isso aconteceria em apenas três horas.

Os guardas quase o arrastaram para dentro do salão com o aquário. Havia uma cadeira de madeira de encosto alto diante dele. Alex foi forçado a se sentar e suas mãos foram novamente algemadas para trás. Os guardas saíram, e o sr. Grin ficou.

O garoto ouviu o som de passos na escada em espiral e viu os sapatos de couro descendo antes que o homem que os usava aparecesse. Então Herod Sayle apareceu, vestido em um impecável terno de seda cinza pálido. Alan Blunt e a sra. Jones haviam suspeitado do multimilionário egípcio desde o princípio. Sempre acharam que ele estava escondendo alguma coisa. Mas nem mesmo eles haviam imaginado a verdade. Herod Sayle não era um amigo da Inglaterra. Era seu pior inimigo.

— Três perguntas — falou Sayle, sem rodeios, a voz muito fria. — Quem é você? Quem o mandou aqui? Quanto você sabe?

— Não sei do que o senhor está falando — disse Alex.

Sayle suspirou. Se na primeira vez que Alex o vira o achara ligeiramente cômico, naquele momento esse traço havia desaparecido completamente. A expressão no rosto do homem era de tédio e muito profissional. Seus olhos eram feios, cheios de ameaças.

— Temos muito pouco tempo — disse. — Sr. Grin...?

O sr. Grin foi até um dos expositores e pegou uma faca com a lâmina afiada e a ponta serrilhada. Ele ergueu-a perto do próprio rosto.

— Já lhe disse que o sr. Grin costumava ser um especialista com as facas — continuou Sayle. — E ainda é. Ou você me conta o que quero saber, Alex, ou ele vai lhe causar mais dor do que você sequer consegue imaginar. E, por favor, não tente mentir para mim. Lembre-se do que acontece aos mentirosos. Principalmente do que acontece com a língua dele.

O sr. Grin se aproximou um pouco mais. A lâmina cintilou, refletindo a luz.

— Meu nome é Alex Rider.

— O filho de Rider?

— O sobrinho dele.

— Quem o mandou aqui?

— As mesmas pessoas que mandaram meu tio.

Não havia motivo para mentir. Aquilo já não tinha mais importância. As apostas haviam se tornado altas demais.

— O MI6? — Sayle riu sem achar nenhuma graça. — Eles mandaram um garoto de 14 anos para fazer o trabalho sujo? Devo dizer que não me parece uma atitude muito inglesa. Isso não se faz! O quê? — disse, adotando um sotaque inglês exagerado. Então caminhou até a escrivaninha e sentou-se atrás dela. — E quanto à minha terceira pergunta, Alex? O que descobriu.

Alex deu de ombros, tentando parecer despreocupado para esconder o medo que realmente estava sentindo.

— Sei o bastante — disse.

— Continue.

Alex respirou fundo. Atrás dele, a água-viva gigantesca deslizava como uma nuvem venenosa. O garoto conseguia vê-la pelo canto dos olhos. Ele deu um puxão nas algemas, imaginando se seria possível quebrar a cadeira. Então viu um brilho súbito e logo a faca que o sr. Grin segurava na mão estava enfiada nas costas da cadeira, a um centímetro da sua cabeça. A ponta

da faca inclusive roçara na pele do pescoço dele. Alex sentiu o fio de sangue escorrer pela gola da blusa.

— Estamos esperando — disse Herod Sayle.

— Está certo. Quando meu tio veio aqui, se interessou por vírus. Ele perguntou a respeito na biblioteca local. Pensei que se tratasse de vírus de computador, foi a suposição natural. Mas eu me enganei. Vi o que vocês faziam, na noite passada. Ouvi o que disseram pelo sistema de alto-falantes. Zonas de descontaminação e de biocontenção. Estavam falando de ataques biológicos. Você conseguiu algum tipo de vírus real. Ele chegou até aqui em tubos de ensaio, embalados em caixas prateadas, e você o colocou dentro dos Stormbreakers. Não sei o que vai acontecer agora. Suponho que, quando os computadores forem ligados, as pessoas morrerão. E, como os Stormbreakers estarão nas escolas, morrerão estudantes. O que significa que não é o santo que todos pensam que é, sr. Sayle. É um assassino em massa. Um *maldito* psicopata, como imagino que diria.

Herod Sayle bateu palmas lentamente.

— Você se saiu muito bem, Alex — disse. — Eu lhe dou os parabéns. E acho que merece uma recompensa. Por isso, vou lhe contar tudo. De certo modo, é conveniente que o MI6 tenha me mandado um verdadeiro estudante inglês. Porque, sabe... não há nada no mundo que eu odeie mais. Oh, sim... — o rosto dele se contorceu de raiva e, por um momento, Alex pôde ver a loucura viva nos olhos dele. — Seus *malditos* esnobes, com suas escolas presunçosas e sua superioridade inglesa nojenta! Vou dar a vocês o que merecem!

Ele se levantou e foi até Alex.

— Vim para este país há 40 anos — falou Sayle. — Minha família não tinha nada. E se não fosse por um estranho acidente, eu provavelmente teria vivido e morrido no Cairo. Seria melhor para vocês se as coisas tivessem sido assim! Muito melhor!

E Sayle continuou:

— Fui trazido para cá e educado por uma família inglesa. Eles eram gratos a mim porque eu havia salvado a vida deles. Oh, sim. E eu também era grato a eles. Você não pode imaginar como eu me sentia na época. Estava em Londres, o lugar que sempre acreditei ser o coração da civilização. Ver tanta riqueza e saber que eu seria parte de tudo aquilo! Eu ia me tornar um inglês! Para uma criança nascida na sarjeta do Cairo, era um sonho impossí-

vel. Mas eu logo descobri como era a realidade... — Sayle inclinou-se para a frente, arrancou a faca das costas da cadeira e jogou-a para o sr. Grin, que a agarrou e girou na mão. — Fui perseguido e ridicularizado desde o primeiro instante que pisei no colégio. Por causa do meu tamanho. Da minha pele escura. Porque eu não falava bem inglês. Porque não era um deles. Eles me davam apelidos. Herod Fedorento. Garoto-cabra. Anão. E me pregavam peças. Alfinetes na cadeira. Meus livros eram roubados e estragados. Arrancaram minha calça e a penduraram no mastro sob a bandeira inglesa — Sayle balançou a cabeça lentamente. — Eu amava aquela bandeira quando cheguei aqui — disse. — Mas em poucas semanas passei a odiá-la.

— Muitas pessoas são perseguidas no colégio... — Alex começou a falar, mas logo se deteve quando Sayle o esbofeteou cruelmente com as costas da mão.

— Eu não terminei — falou Sayle. Ele respirava pesadamente e a saliva escorria do seu lábio inferior. Alex percebeu que o homem estava revivendo o passado. E, mais uma vez, permitia que o passado o destruísse. — Havia muitos garotos maus naquela escola — continuou. — Mas um deles era o pior de todos: um garoto pequeno, insignificante, um verme ordinário, mas seus pais eram ricos e ele tinha influência sobre os outros alunos. Sabia como convencê-los a fazerem o que queria... um político já naquela época. Oh, sim. Ele podia ser encantador quando queria. Quando os professores estavam por perto. Mas, no momento que davam as costas, ele partia para cima de mim. Costumava organizar os outros. “Vamos pegar o Garoto-cabra. Vamos enfiar a cabeça dele no vaso sanitário.” Esse garoto tinha milhares de ideias para tornar a minha vida cada vez mais miserável e nunca parava de pensar em novas formas de fazer isso. Ele me provocava e me insultava o tempo todo, e não havia nada que eu pudesse fazer, porque o garoto era popular, e eu era um estrangeiro. E você sabe quem o garoto se tornou quando cresceu?

— Não, mas acho que o senhor vai me dizer — falou Alex.

— Eu *vou* lhe dizer. Sim. Ele cresceu e se tornou o *maldito* primeiro-ministro!

Sayle pegou um lenço de seda branco e secou o rosto.

— Durante toda a minha vida eu fui tratado da mesma forma — ele continuou. — Não importava quanto eu havia me tornado bem-sucedido, quanto dinheiro eu ganhava, quantas pessoas empregava. Ainda sou uma piada.

Ainda sou Herod Fedorento, o Garoto-cabra, o Vagabundo do Cairo. Bem, há 40 anos venho planejando a minha vingança. E agora, finalmente, chegou a minha hora. Sr. Grin...

O sr. Grin foi até a parede e pressionou um botão. Alex imaginou se a mesa de sinuca voltaria a ser baixada, mas, em vez disso, de todas as paredes desceram painéis, revelando TVs com telas que iam do teto ao chão e que foram ligadas no mesmo instante. Em uma das telas, Alex viu o laboratório no subsolo, em outra, a linha de montagem, em uma terceira, a pista de decolagem de onde o último caminhão partia. Havia câmeras de um circuito fechado de TV por toda parte e Sayle conseguia ver cada canto de seu reino sem deixar aquele salão. Agora era fácil perceber por que Alex fora descoberto.

— Os Stormbreakers estão armados e prontos. E, sim, você está certo, Alex. Cada um deles contém o que se poderia chamar de um vírus de computador. Mas, para quem gosta, essa é minha pequena brincadeira de Primeiro de Abril. Porque o vírus de que estamos falando é uma forma de varíola. É claro, Alex, que esse vírus foi geneticamente modificado para se propagar mais rápido e ser mais letal. Basta uma colherada desse negócio para destruir uma cidade. E meus Stormbreakers guardam uma quantidade muito maior do que essa. Neste momento, o vírus está isolado, completamente seguro. Mas, à tarde, vai haver uma festinha no Museu de Ciências. Todas as escolas da Inglaterra vão se juntar a nós e todos os alunos estarão reunidos ao redor de seus belos computadores. E ao meio-dia, ao soar das 12 badaladas, meu velho amigo, o primeiro-ministro, depois de fazer um de seus discursos arrogantes e em proveito próprio, vai apertar um botão. Ele vai pensar que está ativando os computadores, o que, de certa forma, é correto. Ao pressionar o botão, o primeiro-ministro vai liberar o vírus e, à meia-noite de hoje, não haverá mais estudantes ingleses, e ele irá chorar ao se lembrar do dia em que zombou de Herod Sayle.

— O senhor é louco! — exclamou Alex. — À meia-noite o senhor estará na cadeia.

Sayle afastou a possibilidade com um aceno.

— Acho que não. Quando todos perceberem o que aconteceu, já terei partido. Não estou sozinho nisso, Alex. Tenho amigos poderosos que vêm me apoiando...

— Yassen Gregorovich.

— Você fez bem seu dever! — ele pareceu surpreso com o fato de Alex conhecer esse nome. — Yassen está trabalhando para pessoas que vêm me ajudando. Não vamos mencionar nomes nem nacionalidades. Você ficaria surpreso de saber a quantidade de países no mundo que odeiam a Inglaterra. A maior parte da Europa, só para começar. Mas, de qualquer modo... — Sayle bateu palmas e voltou para a escrivaninha. — Agora você sabe a verdade. Fico feliz por ter podido lhe contar, Alex. Você não tem ideia de como o odeio. Já quando jogamos aquele jogo de sinuca idiota, eu pensava no imenso prazer que me daria matá-lo. Você é exatamente como os garotos que estudaram comigo. Nada mudou.

— O senhor não mudou — disse Alex. Seu rosto ainda ardia no lugar em que Sayle o esbofeteara. Mas já ouvira o bastante. — Sinto muito que o senhor tenha sido perseguido e ridicularizado na escola. Mas acontece o mesmo com muitos estudantes e eles não se tornam loucos. É uma pessoa triste, sr. Sayle. E seu plano não vai funcionar. Eu já contei ao MI6 tudo o que sei. Eles vão esperar pelo senhor no Museu de Ciências. Assim como os homens de branco do hospício.

— Lamento, mas não acredito em você — ele falou, a expressão subitamente dura. — E talvez você tenha se esquecido do que lhe disse a respeito de mentir para mim.

O sr. Grin adiantou-se, a faca descansando na palma de sua mão.

— Eu gostaria de vê-lo morrer — falou Sayle. — Infelizmente, tenho um encontro urgente em Londres — ele se voltou para o sr. Grin. — Você pode ir comigo até o helicóptero. Então volte e mate o garoto. Faça isso bem devagar. De forma dolorosa. Ainda devemos ter um pouco de varíola para ele, mas tenho certeza de que pensará em uma alternativa mais criativa.

Herod Sayle se encaminhou para a porta, então parou e voltou-se para Alex.

— Adeus, Alex. Não foi um prazer conhecê-lo. Mas desfrute de sua morte. E lembre-se de que será apenas o primeiro...

A porta se fechou, e Alex foi deixado só, algemado à cadeira, com a água-viva gigantesca flutuando silenciosamente atrás dele.

14
ÁGUA PROFUNDA

ALEX desistiu de tentar se soltar da cadeira. Seus pulsos já estavam machucados, sangrando, no lugar onde o metal o cortara, mas as algemas continuavam muito apertadas. Depois de meia hora, como o sr. Grin ainda não tinha voltado, Alex tentou alcançar o creme para espinhas que Smithers lhe dera. Sabia que o creme derreteria o metal das algemas em segundos. E o mais terrível era que ele conseguia encostar no tubo que estava guardado no bolso externo das calças militares. Mas, embora seus dedos estivessem a poucos centímetros de distância, por mais que ele tentasse, era impossível alcançar o creme. E isso era o bastante para quase enlouquecê-lo.

Alex ouvira o barulho do helicóptero levantando voo e soube que Herod Sayle já devia estar a caminho de Londres. Ainda se sentia chocado com o que ouvira. O multimilionário era completamente louco. O que tinha planejado era inacreditável, um assassinato em massa que destruiria a Inglaterra por gerações. Alex tentou imaginar o que estava prestes a acontecer. Dezenas de milhares de alunos de escolas britânicas sentados nas salas de aula, reunidos ao redor de seus novos Stormbreakers, esperando pelo momento — exatamente ao meio-dia — em que o primeiro-ministro pressionaria o botão e colocaria os computadores on-line. Mas, em vez disso, haveria um silvo, e uma pequena nuvem de vapor mortal de varíola seria liberada na sala lotada. E, minutos depois, em todo o país, começariam as mortes. Alex precisou afastar a imagem da mente. Era horrível demais. Ainda assim, iria acontecer dali a apenas duas horas. E ele, a única pessoa que poderia impedir a catástrofe, estava preso, incapaz de se mover.

A porta se abriu. Alex se virou, esperando ver o sr. Grin, mas era Nadia Vole quem atravessava apressada, fechando a porta depois de passar. Seu rosto redondo e pálido agora parecia ruborizado, e os olhos, por trás das lentes dos óculos, mostravam medo. Ela foi até ele.

— Alex...

— O que você quer? — Alex encolheu-se quando ela se inclinou sobre ele. Então ele ouviu um clique e, para seu espanto, suas mãos estavam livres. Nadia havia aberto as algemas! O garoto se levantou, imaginando o que estaria acontecendo.

— Escute o que vou dizer — disse Vole. As palavras saíram atropeladas, enquanto ela falava baixo e rápido através dos lábios pintados de amarelo. — Não temos muito tempo. Estou aqui para ajudá-lo. Trabalhei com seu tio, *Herr* Rider — Alex a encarou, surpreso. — Sim, estou do mesmo lado que você.

— Mas ninguém me disse...

— Era melhor para você não saber.

— Mas... — Alex estava confuso. — Eu a vi com o submarino. Você sabia o que Sayle estava fazendo...

— Não havia nada que eu pudesse fazer. Não naquele momento. É muito difícil explicar e não temos tempo para discutir. Você quer detê-lo, ou não?

— Preciso achar um telefone.

— Todos os telefones da casa estão bloqueados. Você não pode usá-los. Mas tenho um celular no meu escritório.

— Então vamos.

Alex ainda estava desconfiado. Se Nadia Vole sabia tanto, então por que não tentara deter Sayle antes? Por outro lado, ela o soltara... e o sr. Grin estaria de volta a qualquer minuto. Ele não tinha escolha, senão confiar na mulher. Acompanhou a mulher para fora da sala, eles viraram no corredor e subiram um lance de escadas até um patamar onde havia a estátua de uma mulher nua, alguma deusa grega, em um canto. Vole parou por um instante e apoiou a mão no braço da estátua.

— O que foi? — perguntou Alex.

— Estou me sentindo tonta. Vá em frente. É na primeira porta à esquerda.

Alex passou por ela e seguiu pelo patamar. Pelo canto do olho viu quando a mulher apertou o braço da estátua. O braço moveu... uma alavanca. Quando ele percebeu que havia caído em uma armadilha, já era tarde demais. Alex gritou quando o chão se abriu sob seus pés, graças a alguma engrenagem oculta. Ele tentou evitar a queda, mas não havia o que pudesse fazer. Acabou caindo de costas e se viu escorregando para dentro de um túnel de plástico negro, que girava como um saca-rolha sob seu corpo. Enquanto caia, Alex ouviu a gargalhada triunfante de Nadia Vole, e então lá se foi ele, tentando desesperadamente se agarrar aos lados do túnel, perguntando-se o que o aguardaria no fim da queda.

Cinco segundos mais tarde, Alex descobriu. O saca-rolha o cuspiu para fora e ele voou brevemente até cair na água fria. Por um momento, o garoto ficou cego, lutando por ar. Então, subiu à superfície e se descobriu em um tanque de vidro enorme, com água e pedras. Foi quando percebeu, horrorizado, exatamente onde estava.

Vole o havia jogado no tanque da água-viva gigante: a caravela-portuguesa de Herod Sayle. E era um milagre que ele não tivesse caído exatamente em cima dela. Podia vê-la, no outro canto do tanque, seus tentáculos letais com as centenas de células urticantes, ondulando e espiralando na água. Não havia nada entre ele e o bicho. Alex tentou controlar o pânico e se forçou a ficar muito quieto. Ele percebeu que movimentar a água só criaria a corrente que traria a criatura para cima dele. A água-viva não tinha olhos. Não sabia que ele estava ali. Não iria... não conseguiria atacar.

Mas em algum momento ela o alcançaria. O tanque era grande, tinha pelo menos quatro metros de profundidade, e oito ou nove de comprimento. O vidro se erguia acima do nível da água, muito fora de alcance. Não havia como escalá-lo. Ao olhar para baixo e para a frente, através da água, Alex conseguiu ver luz. Ele percebeu que estava olhando para o salão de onde acabara de sair, o escritório particular de Herod Sayle. Houve um movimento — tudo parecia vago e distorcido através da água ondulante — e a porta se abriu. Duas pessoas entraram. Alex mal conseguia vê-las, mas sabia quem eram. *Fràulein* Vole e o sr. Grin. Eles ficaram parados juntos, diante do tanque. Vole estava segurando o que parecia ser um celular.

— Espero que possa me ouvir, Alex — a voz da alemã soou no alto-falante sobre a cabeça dele. — Estou certa de que já percebeu que não há como sair do tanque. Você pode boiar. Por uma hora, talvez duas... outros conseguiram por mais tempo. Qual é o recorde, sr. Grin?

— Ire naaargh aah!

— Cinco horas e meia. Sim. Mas você logo vai ficar cansado, Alex. E vai se afogar. Ou talvez tudo termine mais rápido e você seja arrastado para o abraço da nossa amiga. Você a vê... certo? Não é um abraço a ser desejado... vai matá-lo. A dor, eu acho, será além do que um garoto pode imaginar. É uma pena, Alex Rider, que o MI6 o tenha mandado para cá. Eles não vão voltar a vê-lo.

O alto-falante foi desligado. Alex batia os pés na água, mantendo a cabeça acima da superfície e os olhos fixos na água-viva. Houve outro movi-

mento indistinto do outro lado do vidro. O sr. Grin deixara a sala. Mas Vole ficara para trás. Ela queria vê-lo morrer.

Alex levantou os olhos. O tanque era iluminado na parte de cima por várias faixas de neon, mas estavam altas demais para serem alcançadas. O garoto ouviu um clique e um som semelhante a um zumbido abaixo dele. E quase no mesmo instante se deu conta de que alguma coisa mudara. A água-viva estava se movendo na direção dele! Ele podia ver o cone translúcido com o topo roxo-escuro vindo em sua direção. E embaixo da criatura, os tentáculos dançavam lentamente.

Ele engoliu água e só então percebeu que tinha aberto a boca para gritar. Vole provavelmente ligara algum tipo de corrente artificial. Era isso o que estava fazendo a água-viva se mover. Alex deu impulso com os pés, desesperado, afastando-se do bicho e agitando a água atrás dele. Um dos tentáculos se ergueu e abaixou sobre o pé dele. Se não estivesse usando tênis, seu pé teria sido queimado. Aquelas células urticantes conseguiriam penetrar nas roupas? Quase com certeza. Os tênis eram a única proteção que ele tinha.

Alex alcançou o canto de trás do aquário e parou ali, apoiando uma mão no vidro. Ele já sabia que o que Vole dissera era verdade. Se a água-viva não acabasse com ele, o cansaço faria o serviço. Precisava lutar a cada segundo para manter a cabeça acima da água, e o mais absoluto terror estava minando as suas forças. O vidro. Ele o empurrou, imaginando se conseguiria quebrá-lo. Talvez houvesse um modo... Avaliou a distância entre ele e a água-viva, respirou fundo e mergulhou até o fundo do tanque. Podia ver Nadia Vole observando. Embora ela fosse apenas um borrão, sabia que a mulher o via nitidamente. Nadia não se moveu e Alex percebeu, desesperado, que era exatamente isso o que ela esperava que ele fizesse.

O garoto nadou até as pedras e procurou alguma que fosse pequena o bastante para que ele conseguisse levá-la até a superfície. Mas as pedras eram pesadas demais. Encontrou uma do tamanho de sua própria cabeça, mas não conseguiu movê-la. Vole não tentava detê-lo porque sabia que as pedras estavam presas no concreto. Alex estava ficando sem ar. Girou e nadou para a superfície, mas, no último segundo, viu que a água-viva se movia para cima dele. O garoto gritou, mas só saíram bolhas de sua boca. Os tentáculos estavam bem acima da sua cabeça. Alex retorceu o corpo e conseguiu ficar embaixo, enquanto batia as pernas loucamente para se deslocar

para o lado. Seu ombro bateu em uma pedra e ele sentiu o corpo estremecer de dor. Segurou o braço com a mão, recuou para outro canto e subiu, ofegando quando conseguiu erguer a cabeça acima da água.

Ele não conseguiria quebrar o vidro nem escalá-lo. Não conseguiria evitar para sempre o toque da água-viva. Embora estivesse com todas as engenhocas que Smithers lhe dera, nenhuma delas podia ajudá-lo.

Foi quando ele se lembrou do creme para espinhas. Estendeu o braço e correu o dedo pela lateral do aquário. O tanque era uma maravilha da engenharia. O garoto não tinha ideia de quanta pressão a água exercia sobre as enormes placas de vidro, mas elas eram unidas por uma moldura de vigas de ferro que se encaixavam nos cantos, dentro e fora do vidro. O metal era unido por uma série de rebites.

Ainda boiando, Alex abriu o zíper do bolso e pegou o tubo. “Limpa-Espinhas — para uma pele mais saudável”. Se Nadia Vole estivesse vendo o que ele fazia, poderia achar que ele enlouquecera. A água-viva deslizava em direção ao fundo do aquário. Alex esperou alguns momentos, então nadou para a frente e mergulhou uma segunda vez.

Não havia mais muito creme, considerando-se a grossura das vigas e o tamanho do tanque, mas Alex se lembrou da demonstração que Smithers fizera e da pouca quantidade de creme que o homem usara. O produto funcionaria até mesmo embaixo da água? Não adiantava se preocupar com isso naquele momento, ele precisava tentar. Segurou o tubo contra os cantos de metal na frente do tanque e fez o melhor que pôde para espremer uma longa linha de creme por toda a extensão da viga, enquanto usava a outra mão para esfregá-lo nos rebites.

Ele bateu os pés, impulsionando o corpo para o outro lado. Não sabia quanto tempo teria até o creme fazer efeito... e, de qualquer modo, Nadia Vole já percebera que alguma coisa estava errada. Alex viu que ela se levantara novamente e estava falando no telefone, talvez pedindo ajuda.

Ele tinha usado metade do tubo em um dos lados do tanque e agora usava a segunda metade no outro lado. A água-viva estava pairando sobre ele, os tentáculos se estendendo como se fossem agarrá-lo e detê-lo. Quanto tempo ele tinha ficado na água? Seu coração batia com força. E o que aconteceria quando o metal se partisse?

Ele só teve tempo de respirar fundo uma vez antes de descobrir.

Mesmo na água, o creme corroeu os rebites do lado de dentro do tanque. O vidro se separou das vigas e, sem nada para sustentá-lo, a enorme pressão da água o abriu como se fosse o vento abrindo uma porta. Alex não viu o que aconteceu a seguir. E não teve tempo para pensar. O mundo girou e ele foi arremessado para a frente, tão impotente quanto uma rolha arrastada por uma cachoeira. Os segundos seguintes foram um pesadelo: um turbilhão de água correndo e de vidro explodindo. Alex não ousou abrir os olhos. Ele se sentiu sendo arrastado para diante, bateu em alguma coisa e foi novamente para trás. Estava certo de que havia quebrado todos os ossos do corpo. Agora estava embaixo da água e lutava por ar. Sua cabeça finalmente alcançou a superfície, mas, mesmo quando abriu a boca, ficou surpreso por conseguir respirar.

A frente do tanque se estilhaçara e milhares de litros de água haviam jorrado no escritório de Herod Sayle. A água tinha atingido a mobília e arrebentado os vidros das janelas. E ainda se derramava em torrentes através dos vãos das janelas, enquanto o resto escorria pelo chão. Alex se levantou, dolorido e zonzo, com a água ondulando na altura dos tornozelos.

Onde estava a gigantesca água-viva?

Ele tivera sorte por não acabar abraçado a ela naquela súbita erupção de água. Mas o bicho devia estar próximo. E ainda havia água o bastante no escritório de Herod para permitir que ela alcançasse Alex. O garoto recuou para um canto do salão, o corpo todo tenso. Então a viu.

Nadia Vole tivera menos sorte que ele. Estava parada em frente ao vidro quando os rebites haviam se partido e não conseguira sair do caminho a tempo. Ela flutuava de barriga para cima, as pernas frouxas, quebradas. A caravela-portuguesa estava em cima dela. Uma parte do bicho pousava sobre o rosto de Nadia, que parecia olhar para ele através da massa tremulante e gelatinosa. Os lábios amarelos estavam abertos em um grito eterno. Os tentáculos da água-viva circundavam o corpo da mulher, centenas e centenas de células urticantes coladas aos braços e pernas de Nadia Vole. Sentindo-se nauseado, Alex recuou até a porta e saiu cambaleando para o corredor.

Um alarme fora acionado. Só agora ele o ouviu, quando recuperou a visão e a audição. O barulho da sirene o arrancou do estado de confusão em que estava. Que horas eram? Quase 11 horas. Ao menos seu relógio ainda funcionava. Mas ele estava em Cornwall, a pelo menos cinco horas de carro

de Londres e, com os alarmes soando, os guardas armados e a cerca de arame farpado, jamais conseguiria sair do complexo de Sayle. Encontrar um telefone? Não. Vole provavelmente dissera a verdade, os telefones deviam ser bloqueados. E, de qualquer modo, como conseguiria entrar em contato com Alan Blunt ou com a sra. Jones a essa altura? Eles já deviam estar no Museu de Ciências.

Faltava apenas uma hora.

Do lado de fora, mais alto que os alarmes, Alex ouviu outro som. O barulho de um motor. O garoto foi até a janela mais próxima e olhou para fora. Como imaginara, o avião de carga que estava lá quando ele chegara se preparava para decolar.

Alex estava encharcado, com o corpo dolorido e exausto. Mas sabia o que precisava fazer.

Ele se virou e começou a correr.

15
ONZE HORAS

ALEX SAIU EM disparada da casa e parou do lado de fora, para avaliar os arredores. Ele estava consciente dos alarmes tocando, dos guardas correndo em sua direção e de dois carros, ainda a certa distância, subindo o caminho de entrada, em direção à casa. Só esperava que, embora fosse óbvio que algo estava errado, ninguém ainda tivesse se dado conta do quê. Eles não deviam estar procurando por ele — pelo menos, não ainda. Isso provavelmente lhe daria uma vantagem.

Mas ao que parecia era tarde demais. O helicóptero particular de Sayle já se fora. Só restara o avião de carga. E, se Alex quisesse chegar ao Museu de Ciências nos 50 minutos que lhe restavam, precisaria subir a bordo. Mas o avião de carga já estava em movimento, afastando-se lentamente dos calços que o escoravam. Em um minuto ou dois começaria a se preparar para voar. Então decolaria.

Alex olhou ao redor e viu um jipe do exército sem capota estacionado perto da porta da frente. Havia um guarda parado perto do veículo, com um cigarro entre os dedos e olhando para ver o que se passava — mas estava olhando para o lado errado. Perfeito. O garoto disparou pelo chão de cascalho. Trouxera uma arma da casa, um dos arpões que haviam flutuado na direção dele quando saía do escritório. Pegara a arma, determinado a ter ao menos alguma coisa com que se defender. Seria bem fácil atirar no guarda naquele instante. Um arpão nas costas, e o jipe seria de Alex. Mas o garoto sabia que não conseguiria fazer isso. Não importava no que Alan Blunt e o MI6 queriam transformá-lo, ele ainda não estava pronto para atirar a sangue frio. Não por seu país. Nem mesmo para salvar sua própria vida.

O guarda levantou os olhos quando ele se aproximou e estendeu a mão para a pistola que carregava em um coldre na cintura. Mas nunca chegou a pegá-la. Com a coronha do arpão, Alex acertou o homem com força sob o queixo. O guarda dobrou o corpo ao meio, a pistola caiu de sua mão. O garoto agarrou a arma e pulou para dentro do jipe, grato ao ver as chaves na ignição. Bastou girá-las e o motor foi ligado. Alex sabia dirigir. Essa foi mais uma das coisas que Ian Rider havia feito questão de que aprendesse... desde que suas pernas tinham ficado compridas o bastante para alcançar os pedais. Os outros carros estavam se aproximando. Provavelmente haviam

visto quando ele atacara o guarda. Enquanto isso, o avião fizera a curva e já estava taxiando, preparando-se para levantar voo.

Alex não iria conseguir alcançá-lo a tempo.

Talvez o perigo se aproximando por todos os lados tenha aguçado seus sentidos. Talvez tenha sido por que escapara de tantos perigos antes. Mas o fato é Alex nem pensou. Sabia exatamente o que fazer, como se já tivesse passado por isso dezenas de vezes. Talvez o treinamento que recebera fosse mais eficiente do que imaginara.

Enfiou a mão no bolso e pegou o ioiô que Smithers lhe dera. Havia um botão de metal no seu cinto, e Alex encaixou o ioiô nele. Então, agindo com a maior rapidez possível, ele prendeu a ponta do fio de náilon ao redor do arpão. Finalmente, enfiou a pistola que pegara do guarda na parte de trás da calça. Estava pronto.

O avião se posicionava na pista. O motor funcionando a toda velocidade.

Alex engrenou o carro, soltou o freio de mão, e o jipe deu um salto para a frente, disparando pelo caminho de entrada e pela relva, na direção da pista de decolagem. Ao mesmo tempo, o garoto ouviu tiros de metralhadora. Abaixou-se ao volante e afastou o rosto quando o espelho lateral explodiu e mais balas atingiram a janela e a porta do carro. Os dois carros que vinham subindo pela entrada principal haviam manobrado e agora estavam atrás dele. Em cada um deles, um guarda no banco de trás, com o corpo para fora da janela, atirava em Alex. E estavam chegando cada vez mais perto.

Alex tentou acelerar, mas já era tarde demais. Os dois carros o haviam alcançado e, por um terrível segundo, o garoto se pegou imprensado entre eles. Estava a apenas alguns centímetros dos guardas. Olhou para a direita e para a esquerda e viu os canos das metralhadoras. Só havia uma coisa a fazer. Enfiou o pé no freio e se abaixou ao mesmo tempo. O jipe parou de repente e os dois carros passaram disparados por ele. As duas metralhadoras abriram fogo. Alex levantou os olhos.

Os dois guardas haviam apertado o gatilho ao mesmo tempo. Os dois miravam Alex, mas, com o jipe subitamente fora do caminho, eles acabaram atirando um no outro. Alex ouviu um grito. Um dos carros perdeu o controle e bateu em uma árvore, o metal se retorcendo contra a madeira. O outro carro freou, deu ré e virou na direção dele.

Alex voltou a engrenar o carro e disparou novamente. Onde estava o avião? O garoto gemeu ao ver que a aeronave já começara descer a pista de de-

colagem. Ainda se movia devagar, mas não demoraria a pegar velocidade. Alex alcançou a pista e seguiu adiante.

Ele pisava no acelerador até o fim. O jipe corria muito, mas ainda não era o bastante. E, bem na frente dele, o caminho estava bloqueado. Mais dois carros haviam aparecido na pista de decolagem. Mais guardas empunhando metralhadoras se equilibravam, com metade do corpo para fora da janela. Eles tinham a mira perfeita. Não havia nada para impedi-los de acertar Alex. A menos que...

Ele girou o volante e gritou quando o jipe rodou na pista, atrás do avião. Agora o avião ficara entre o jipe e os carros que se aproximavam. Ele estava seguro. Mas apenas por mais algum segundos. O avião já ia decolar. Alex viu a roda dianteira se erguer da pista. Ele relanceou os olhos para o espelho. O carro que o perseguia desde a casa estava bem na sua cola. Não tinha mais para onde ir.

Um carro na frente dele. Dois adiante. O avião agora subia no ar e as rodas traseiras já se afastavam do chão. Os guardas apontaram as armas. Tudo isso a mais de cem quilômetros por hora.

Alex soltou o volante, pegou o arpão e atirou, disparando para o ar. O ioiô preso ao seu cinto girou, soltando 30 metros da corda de náilon especial. A ponta do arpão se enterrou na barriga do avião. Alex sentiu seu corpo ser quase rasgado ao meio quando foi arrancado do jipe, preso ao final da corda. Em segundos, ele estava a 40, 50 metros acima da pista de decolagem, pendurado sob o avião. O jipe que usara se desgovernou. Os dois carros que vinham na direção dele ainda tentaram evitá-lo, mas não conseguiram. Os três veículos bateram de frente. Houve uma explosão, uma bola de fogo e uma espiral de fumaça negra seguiu Alex para o alto, como se estivesse tentando agarrá-lo. Um instante depois, outra explosão. O terceiro carro vinha rápido demais. Ele avançou por sobre os destroços em chamas, capotou e continuou, deslizando com o teto para baixo antes de também explodir em chamas.

Alex viu pouco de tudo isso. Ele estava suspenso embaixo do avião, girando e girando, enquanto subia cada vez mais. O vento o atingia com força, batendo em seu rosto e ensurdecendo-o. Ele não conseguia nem ouvir o barulho dos motores, bem acima de sua cabeça. O cinto estava cortando sua cintura. Ele mal conseguia respirar. Desesperado, tateou o ioiô e encontrou o controle que queria. Um único botão. Ele o pressionou, e o motor peque-

no e poderoso dentro do ioiô começou a funcionar. O ioiô girava no cinto, puxando a corda. Muito lentamente, um centímetro de cada vez, Alex foi erguido na direção do avião.

Ele mirara bem o arpão. Havia uma porta na parte de trás do avião e, quando ele desligou o mecanismo do ioiô, estava próximo o bastante para alcançar a maçaneta. Alex imaginou quem estaria voando no avião e para onde ia. O piloto deve ter visto a destruição na pista de decolagem, mas não tinha como ter ouvido o arpão.

Ele não sabia que estava levando um passageiro extra.

Abrir a porta foi mais difícil do que Alex pensara. Ele ainda estava pendurado embaixo do avião e, cada vez que se aproximava da maçaneta, o vento o jogava para trás. Esse mesmo vento fazia seus olhos lacrimejarem e Alex mal podia enxergar. Por duas vezes conseguiu alcançar o metal da maçaneta e em ambas ele foi puxado para trás antes de conseguir movê-la. Na terceira vez, ele a agarrou melhor, mas ainda precisou de todas as forças para abaixar a tranca.

A porta finalmente se abriu com força e Alex ergueu-se e impulsionou o corpo para dentro. Ele deu uma última olhada para baixo. A pista de decolagem já estava centenas de quilômetros abaixo. Havia duas imensas fogueiras, mas daquela distância elas pareciam meras cabeças de fósforo. Alex soltou o ioiô, libertando-se. Então ele enfiou a mão no cós da calça e pegou o revólver.

O avião estava vazio, a não ser por duas espécies de pacotes que Alex achou vagamente familiares. Havia um só piloto no comando, e algum alerta nos controles dele deve tê-lo avisado de que a porta fora aberta, porque ele se voltou subitamente. Alex se viu, então, cara a cara com o sr. Grin.

— Warg? — murmurou o mordomo.

Alex ergueu o revólver. Ele se perguntou se teria coragem de usá-lo. Mas não deixaria o sr. Grin perceber sua dúvida.

— Muito bem, sr. Grin — gritou o garoto acima do ronco dos motores e dos uivos do vento. — Você pode não ser capaz de falar, mas é melhor que me ouça. Quero que leve o avião para Londres. Nós vamos para o Museu de Ciências, em South Kensington e vamos conseguir chegar lá em menos de uma hora. E, se pensar em tentar me enganar, eu atiro. Você entendeu?

O sr. Grin não disse nada.

O garoto atirou. A bala acertou o chão, bem ao lado do pé do sr. Grin. O homem encarou Alex e assentiu lentamente.

Ele virou o manche. O avião mergulhou e seguiu para o norte.

16
MEIO-DIA

LONDRES DESPONTOU NO HORIZONTE.

De repente as nuvens ficaram para trás e o sol da manhã já adiantada cintilou, exibindo toda a cidade. Lá estava a central elétrica de Battersea, erguendo-se orgulhosa com suas quatro chaminés ainda intactas, embora a maior parte do telhado já não existisse de longa data. Atrás da central elétrica, surgia o parque de Battersea como um quadrado de arbustos e árvores de um verde intenso, um espaço de resistência na luta contra o crescimento urbano. A distância, a Roda do Milênio apoiava-se no chão, como uma espantosa moeda de prata, equilibrando-se sem esforço sobre seu aro. E, ao redor dela, Londres parecia encolher, gasômetros, prédios de apartamentos, filas intermináveis de lojas e casas, estradas, rodovias e pontes se espalhavam pela paisagem cortada por uma faixa azul cintilante que era o rio Tâmisa.

Alex viu tudo isso com o coração apertado, através da porta aberta da aeronave. Ele tivera 50 minutos para pensar no que precisava fazer. Cinquenta minutos enquanto o avião sobrevoou Cornwall e Devon, depois Somerset e as planícies de Salisbury, antes de alcançar as montanhas de North Downs e se dirigir para Windsor e a seguir para Londres.

Quando conseguira entrar no avião, Alex pretendia usar o rádio para chamar a polícia ou qualquer outra pessoa que pudesse ouvir. Mas, ao deparar com o sr. Grin no comando, seus planos precisaram ser alterados. Ele se lembrava muito bem de como o homem fora rápido quando o encontrara do lado de fora do quarto, na casa de Sayle. Alex sabia que estava seguro o bastante no compartimento de carga, com o sr. Grin afivelado ao assento na frente do avião. Mas não ousava se aproximar mais. Mesmo com o revólver, isso poderia ser muito perigoso.

Ele havia pensado em obrigar o sr. Grin a aterrissar em Heathrow. O rádio começara a guinchar no momento em que haviam entrado no espaço aéreo de Londres e só parou quando o piloto o desligou. Mas a ideia de Alex jamais funcionaria. Até o avião alcançar o aeroporto, tocar o solo e parar, já seria tarde demais.

Então, enquanto estava sentado com as costas arqueadas no compartimento de carga do avião, Alex reconheceu os dois pacotes que estavam per-

to dele, no chão. E aqueles pacotes lhe disseram exatamente o que fazer.

— Eeerg! — disse o sr. Grin. Ele se virou no assento e, pela última vez, Alex viu o sorriso horrendo que a faca do circo havia aberto naquele rosto.

— Obrigado pela carona — falou Alex. E pulou pela porta aberta.

Os pacotes que vira ao entrar eram paraquedas. Alex os examinara e os prendera nas costas quando ainda sobrevoavam Reading. Ele estava feliz por ter passado um dia treinando salto de paraquedas com o Serviço Aéreo Especial, embora esse voo estivesse sendo bem pior do que aquele outro, que ele acompanhara, sobre os vales do País de Gales. Dessa vez não havia a linha estática, conectando o paraquedas ao avião e fazendo com que ele se abrisse automaticamente. Também não havia ninguém para garantir que o paraquedas fora dobrado corretamente. Se Alex tivesse qualquer outro modo de alcançar o Museu de Ciências nos sete minutos que lhe restavam, ele o teria preferido. Mas não havia, e ele sabia disso. Portanto, pulou.

Depois do salto, as coisas não foram assim tão ruins. Houve um instante de vertigem quando o vento o atingiu novamente. Alex fechou os olhos e se forçou a contar até três. Se puxasse a corda para abrir o paraquedas cedo demais, poderia ser pego pela cauda do avião. Mesmo assim, a mão dele segurava a corda com força e ele mal chegara ao três e já a puxava com toda força. O paraquedas abriu sobre ele e Alex foi puxado para o alto, as correias lhe cortando as axilas e a lateral do corpo.

O avião estava a três mil metros de altura. Quando Alex abriu os olhos, ficou surpreso com a própria calma. Balançava no ar, sob uma cobertura suave de seda branca. Tinha a sensação de não estar se movendo. Agora que deixara o avião, a cidade parecia ainda mais distante e irreal. Eram apenas ele, o céu e Londres. Ele estava quase satisfeito consigo mesmo.

Foi quando ouviu o avião voltando.

Ainda estava a uns dois quilômetros de distância, mas Alex podia ver a lateral inclinando-se para a direita, fazendo uma curva fechada. O barulho dos motores aumentou, o avião estabilizou e voou na direção dele. O sr. Grin não o deixaria partir assim tão fácil. Conforme o avião se aproximava mais e mais, o garoto conseguia imaginar o sorriso eterno do homem por trás da janela da cabine de comando. O sr. Grin planejava jogar o avião direto em cima dele, para cortá-lo em pedaços em pleno ar.

Mas Alex já esperava por isso.

Ele pegou o console de vídeo game no bolso traseiro da calça. Dessa vez não havia nenhum cartucho dentro dele, mas Alex já tirara bem antes o Bomber Boy de dentro do aparelho e o deixara no chão do compartimento de carga vazio do avião. E era lá que ele estava agora. Bem atrás do assento do sr. Grin. Uma bomba de fumaça. Controlada por controle remoto.

Alex pressionou três vezes o botão para iniciar.

Dentro do avião, o cartucho explodiu, soltando uma nuvem ácida de fumaça amarela. A fumaça encheu o compartimento de carga, espalhou-se até as janelas, escapando pela porta aberta. O sr. Grin desapareceu, completamente cercado por fumaça. O avião se desestabilizou, e logo começou a cair.

Alex observou a aeronave mergulhar no céu. Ele podia imaginar o sr. Grin cego pela fumaça, lutando para recuperar o controle. O avião começou a girar no ar, lentamente a princípio e então cada vez mais rápido. Os motores guinchavam. Agora ele ia reto na direção do solo, uivando pelo céu. A fumaça amarela ia ficando para trás. No último minuto, o sr. Grin conseguiu erguer o nariz do avião. Mas era tarde demais. A aeronave se espatifou no solo, no que parecia ser uma área deserta de uma doca, perto do rio Tâmisa, e desapareceu em uma bola de fogo.

Alex consultou o relógio. Faltavam três minutos para o meio-dia. Ele ainda estava a centenas de metros no ar, e, a menos que aterrissasse bem na porta do Museu de Ciências, não ia conseguir. Agarrou as cordas e usou-as para guiar o paraquedas, tentando descer o mais rápido possível.

Dentro do Salão Leste do Museu de Ciências, Herod Sayle estava perto do fim do seu discurso. Toda a área fora transformada para o grande momento em que os Stormbreakers seriam ligados.

A decoração do salão era uma mistura entre o antigo e o novo: colunatas de pedra e pisos de aço inoxidável, o que havia de mais moderno em tecnologia e antigas curiosidades da Revolução Industrial.

Em um pódio instalado no centro, estavam Sayle, o primeiro-ministro, seu secretário de imprensa e o ministro da Educação. Na frente deles havia 12 fileiras de cadeiras, para jornalistas, professores e convidados. Alan Blunt estava na primeira fila, com a expressão indiferente de sempre. A sra. Jones, vestida de negro, com um grande broche na lapela, sentava-se ao lado dele. Nos dois lados do salão haviam sido montadas torres de TV, com as câmeras voltadas para Sayle discursando. O evento era transmitido ao vivo

para escolas de todo o país e também seria mostrado nos telejornais da noite. O pódio ainda era visto pelas 200 ou 300 pessoas, que enchiam as galerias do primeiro e do segundo andar acima do salão. Enquanto Sayle falava, gravadores permaneciam ligados e flashes estouravam. Nunca antes um indivíduo fizera uma doação tão generosa à nação. Era um grande acontecimento. A História acontecendo.

— ... e é o primeiro-ministro, e apenas ele, o responsável pelo que está prestes a acontecer — Sayle estava dizendo. — E espero que esta noite, quando os reflexos do que aconteceu hoje estiverem por toda parte deste país, ele se lembre dos nossos tempos de escola e de tudo o que ele fez naquela época. Acho que esta noite o país conhecerá o primeiro-ministro pelo homem que ele é. De uma coisa estou certo. Este é um dia que jamais esquecerão.

Ele fez uma reverência. Os aplausos foram ensurdecedores. O primeiro-ministro relanceou o olhar para o secretário de imprensa, confuso. O secretário de imprensa deu de ombros com uma mal disfarçada impaciência. O primeiro-ministro assumiu seu lugar diante do microfone.

— Não estou muito certo de como responder a isso — ele brincou, e todos os jornalistas riram. O partido do Governo tinha uma maioria tão esmagadora que os jornalistas sabiam que era melhor rir das piadas do primeiro-ministro. — Estou feliz em saber que o sr. Sayle tem lembranças tão agradáveis de nossos dias de escola e também fico muito satisfeito com o fato de nós dois, juntos, hoje, podermos fazer uma diferença tão vital para as escolas de nossa nação.

Herod Sayle gesticulou levemente para uma mesa, do outro lado do pódio. Sobre a mesa estava um computador Stormbreaker e, perto dele, um mouse.

— Esse é o controle principal — falou Herod. — Clique com o mouse, e todos os computadores estarão on-line.

— Está certo — o primeiro-ministro levantou o dedo e ajustou sua posição para que as câmeras pudessem pegar seu melhor lado. Em algum lugar, do lado de fora do museu, um relógio bateu o meio-dia.

Alex ouviu o relógio soar quando estava a cerca de 150 metros do solo, o telhado do Museu de Ciências se aproximando rapidamente.

Alex avistara o prédio logo depois que o avião caiu. Não fora fácil encontrá-lo, com a cidade se espalhando por baixo dele como um mapa tridi-

mensional. Por outro lado, ele vivera toda a sua vida no oeste de Londres e visitara o museu com bastante frequência. Primeiro viu aquele amontoado vitoriano que era o Albert Hall. Bem ao sul, estava uma torre branca, alta, encimada por uma cúpula verde, o Colégio Imperial. Conforme descia, Alex parecia estar se movimentando mais rápido. Toda a cidade se tornou um fantástico quebra-cabeça e ele sabia que tinha apenas alguns segundos para juntar as peças. Um prédio amplo, extravagante, com torres que pareciam campanários de igreja e janelas. Tinha que ser o Museu de História Natural, que ficava na Cromwell Road. Como ir de lá para o Museu de Ciências? É claro, virando à direita em direção à Exhibition Road.

E lá estava. Alex puxou a corda do paraquedas, dirigindo-se em direção ao museu. Parecia pequeno se comparado a outros pontos de referência, um prédio retangular, sobressaindo-se na via principal com o teto reto cinza e, próximo a ele, uma série de arcos, o tipo de coisa que é comum em uma estação de trem ou talvez em uma estufa imensa. Eles eram de um laranja desbotado e curvavam-se um diante do outro. Pareciam feitos de vidro. Alex poderia aterrissar no telhado reto. Então tudo o que teria a fazer seria olhar através da parte curva. Ele ainda estava com o revólver do guarda. Poderia usá-lo para alertar o primeiro-ministro. E, se precisasse, pensou, poderia usá-lo para atirar em Herod Sayle.

Alex conseguiu dar um jeito de manobrar e ficar em cima do museu. Mas foi apenas quando descia os últimos 50 metros e ouviu o relógio bater meio-dia, que percebeu duas coisas. Estava caindo rápido demais. E não ia acertar o telhado reto.

Na verdade, o Museu de Ciências tinha dois telhados. O original era georgiano e feito de vidro aramado. Mas rachara recentemente e, acima dele, fora construído um segundo telhado com telas de plástico. Fora esse telhado laranja que Alex vira.

Ele caiu sobre esse telhado com os dois pés, a cerca de 50 quilômetros por hora. A cobertura se estilhaçou. Alex continuou a cair, atravessando uma câmara interna, desviando por pouco de um conjunto de vigas de aço e escadas de manutenção. Ele mal teve tempo de registrar o que parecia um carpete marrom, estendido sobre uma superfície curva abaixo. Então o atingiu e atravessou-o também. Não era nada além de uma cobertura fina, projetada para manter a luz e a poeira distantes do vidro que cobria. Com um

grito, Alex entrou pelo vidro. Finalmente o paraquedas ficou preso. O garoto parou, pendurado em pleno ar, dentro do Salão Leste.

E ele viu a seguinte cena.

Bem abaixo e ao redor dele, centenas de pessoas estavam paradas, encarando-o chocadas. Havia mais pessoas sentadas em cadeiras diretamente abaixo dele e algumas haviam sido atingidas. Alex viu sangue e cacos de vidro. Uma ponte de vidro verde atravessava o salão. Havia uma mesa de informação futurística e, na frente dela, bem no centro de tudo, um palco provisório. Ele viu primeiro o Stormbreaker. Então, com uma sensação de incredulidade, reconheceu o primeiro-ministro, de pé, falando sem parar, perto de Herod Sayle.

Alex estava pendurado no ar, ainda preso ao paraquedas. Quando os últimos pedaços de vidro se estilhaçaram no chão de terracota, o som e o movimento voltaram a se fazer ouvir no Salão Leste, em uma onda cada vez maior.

Os homens da segurança foram os primeiros a reagir. Anônimos e invisíveis quando necessário, eles subitamente estavam por toda parte, aparecendo por trás das colunatas, debaixo das torres de TV, atravessando a ponte verde, carregando revólveres nas mãos que um segundo antes estavam vazias. Alex também empunhara seu revólver, retirando-o do cós da calça. Talvez ele conseguisse explicar por que estava ali antes que Sayle ou o primeiro-ministro ativassem o Stormbreaker, mas duvidava disso. “Atire primeiro e pergunte depois” parecia o texto de um filme ruim, mas até mesmo os filmes ruins às vezes estavam certos.

Alex descarregou o revólver.

As balas ecoaram pelo salão, o som surpreendentemente alto. Agora as pessoas estavam gritando, os jornalistas se empurravam procurando abrigo. A primeira bala atingiu a mesa de informações. A segunda acertou a mão do primeiro-ministro, seu dedo a menos de um centímetro de distância do mouse. A terceira acertou o mouse e o despedaçou. A quarta atingiu um fio, desintegrando a tomada e provocando um curto-circuito. Sayle se jogara para a frente, determinado a apertar ele mesmo o mouse. A quinta e a sexta balas o atingiram.

Assim que Alex esvaziou o revólver, deixou-o cair no chão e levantou as mãos, com as palmas para fora. Ele se sentia ridículo, ali, pendurado no teto, com os braços para cima. Mas já havia uma dezena de armas apontadas

em sua direção, e ele precisava mostrar aos seguranças que não estava mais armado, que eles não precisavam atirar. Mesmo assim, se preparou, esperando que os homens da segurança abrissem fogo. Ele quase podia imaginar a saraivada de balas atingindo-o. Até onde eles sabiam, Alex seria algum tipo de terrorista louco que acabara de cair de paraquedas dentro do Museu de Ciências e atirara no primeiro-ministro. Era o trabalho deles matá-lo. Para isso haviam sido treinados.

Mas não houve tiros. Todos os homens da segurança estavam equipados com radiotransmissores e, na primeira fileira, a sra. Jones assumira o controle. No momento em que reconhecera Alex, ela começara a falar rapidamente no broche que trazia na lapela.

— Não atirem! Repito, não atirem! Aguardem o meu comando!

Sobre o pódio, uma espiral de fumaça cinza erguia-se da lateral do Stormbreaker quebrado e inutilizado. Dois homens da segurança haviam corrido até o primeiro-ministro, que agarrava o pulso, o sangue escorrendo pela mão. Fotógrafos e jornalistas começaram a gritar perguntas. Os flashes de suas câmeras espocavam e as câmeras de TV estavam voltadas para a figura pendurada no teto. Mais homens da segurança se encaminhavam para as saídas, para trancá-las, seguindo ordens da sra. Jones, enquanto Alan Blunt, ao menos uma vez na vida, parecia estupefato.

Mas não havia sinal de Herod Sayle. O dono da Sayle Enterprises levara dois tiros, mas conseguira dar um jeito de desaparecer.

17
YASSEN

— VOCÊ COMPROMETEU UM POUCO o resultado ao atirar no primeiro-ministro — falou Alan Blunt. — Mas, de um modo geral, está de parabéns, Alex. Não apenas satisfez nossas expectativas, como as superou.

Era o fim da tarde do dia seguinte, e Alex estava sentado no escritório de Blunt, no prédio do Royal & General, na Liverpool Street, imaginando por que, depois de tudo o que ele fizera por eles, o presidente do MI6 soava tão parecido com um diretor de escola particular de segunda categoria dando uma boa nota. A sra. Jones estava sentada perto dele. Alex recusara a bala de hortelã oferecida por ela, embora estivesse começando a perceber que aquela seria a única recompensa que teria.

A sra. Jones falou pela primeira vez desde que Alex entrara na sala.

— Você deve querer saber sobre a operação de limpeza.

— Claro...

Ela relanceou os olhos para Blunt, que assentiu.

— Antes de tudo, não espere ler a verdade sobre nada disso nos jornais — ela começou. — Despachamos uma nota oficial a respeito, o que significa que ninguém tem autorização para publicar nada. É claro que a cerimônia no Museu de Ciências estava sendo televisionada ao vivo, mas, por sorte, fomos capazes de interromper as transmissões antes que as câmeras focalizassem você. Na verdade, ninguém sabe que foi um garoto de 14 anos que provocou todo aquele caos.

— E temos a intenção de manter as coisas desse jeito — resmungou Blunt.

— Por quê? — Alex não estava gostando do tom da conversa.

A sra. Jones não fez caso da pergunta.

— É claro que os jornais precisavam publicar alguma coisa — ela continuou. — A história que divulgamos é de que Sayle foi atacado por uma organização terrorista até agora desconhecida e que ele está se escondendo.

— Onde está Sayle? — perguntou Alex.

— Não sabemos. Mas vamos encontrá-lo. Não há lugar neste mundo em que ele possa se esconder de nós.

— Está certo... — Alex não parecia muito convencido.

— Quanto aos Stormbreakers, nós já anunciamos que, por causa de um defeito de fabricação, são perigosos e, se alguém tentar ligá-los, poderá ser eletrocutado. É embaraçoso para o Governo, é claro, mas já foram todos recolhidos e estão sendo trazidos de volta. Por sorte, Sayle era tão fanático que programou as máquinas de modo que o vírus da varíola só pudesse ser liberado pelo primeiro-ministro, no Museu de Ciências. Você conseguiu destruir o detonador, por isso mesmo as poucas escolas que tentaram ligar os computadores não foram afetadas.

— Mas foi por pouco — disse Blunt. — Analisamos algumas amostras. É letal. Pior até mesmo do que aquele negócio que o Iraque estava tramando para a Guerra do Golfo.

— Você sabe quem o abasteceu com o vírus? — perguntou Alex.

Blunt pigarreou.

— Não.

— E quanto ao submarino que eu vi?

— Esqueça o submarino — era óbvio que Blunt não queria falar a respeito. — Você só precisa ficar certo de que faremos todas as investigações necessárias...

— E quanto a Yassen Gregorovich? — perguntou o garoto.

A sra. Jones assumiu a palavra.

— Nós fechamos a fábrica em Port Tallon — ela falou. — E já prendemos a maioria das pessoas de lá. Mas infelizmente não conseguimos falar com Nadia Vole, nem com o homem que você conheceu como sr. Grin.

— Ele nunca foi de falar muito, mesmo — disse Alex.

— Foi sorte o avião dele ter caído sobre o terreno vazio — continuou a sra. Jones. — Ninguém mais morreu. Quanto a Yassen, imagino que ele vá desaparecer. Pelo que você nos disse, fica claro que ele não estava trabalhando realmente para Sayle. Estava trabalhando para as pessoas que colaboravam com Sayle... e duvido que essas pessoas tenham ficado muito satisfeitas com ele. É provável que Yassen já esteja do outro lado do mundo a uma hora dessas. Mas talvez um dia nós o encontremos. Nunca vamos parar de procurar.

Houve um longo silêncio. Parecia que os dois chefes de espionagem já haviam dito tudo o que queriam. Mas havia uma pergunta que ninguém respondera.

— O que vai acontecer comigo? — perguntou Alex.

— Você vai voltar para a escola — respondeu Blunt.

A sra. Jones pegou um envelope e estendeu-o a Alex.

— É um cheque? — Alex quis saber.

— É um atestado médico, explicando que você esteve ausente por três semanas por causa de uma gripe muito forte. E, se alguém perguntar, ele é um médico de verdade. Você não deve ter nenhum problema.

— Você continuará a viver na casa do seu tio — falou Blunt. — Quanto àquela sua governanta, Jack sei lá o quê, vamos conseguir a renovação do visto dela e ela continuará a tomar conta de você. Dessa forma saberemos onde está, se precisarmos de você novamente.

"Precisarmos de você novamente." As palavras apavoraram Alex mais do que qualquer coisa que acontecera nas últimas três semanas.

— Você deve estar brincando — disse.

— Não — Blunt o encarou com um olhar frio. — Não tenho o hábito de fazer piadas.

— Você se saiu muito bem, Alex — falou a sra. Jones, tentando parecer mais conciliadora. — O próprio primeiro-ministro nos pediu que agradecêssemos a você em nome dele. E a verdade é que poderia ser incrivelmente útil ter alguém tão jovem como você...

— E tão talentoso quanto você... — cortou Blunt.

— ... disponível para nos ajudar de tempos em tempos — a sra. Jones ergueu a mão para afastar qualquer argumento e continuou: — Não vamos falar sobre isso agora, mas, se aparecer outra situação, talvez então possamos conversar a respeito.

— Sim, claro — Alex olhou para um e para o outro. Aquelas não eram pessoas que aceitariam um não como resposta. À maneira deles, ambos eram tão encantadores quanto o sr. Grin. — Posso ir? — perguntou.

— É claro que pode — falou a sra. Jones. — Gostaria que alguém o levasse de carro para casa?

— Não, obrigado — Alex se levantou. — Sei o caminho.

Ele deveria estar se sentindo melhor. Enquanto descia de elevador para o térreo, Alex pensava que salvara a vida de milhares de alunos, derrotara Herod Sayle, e não fora morto ou sequer seriamente ferido. Então, por que estava se sentindo infeliz? A resposta era simples. Blunt o forçara a fazer tudo o que fizera. No fim, a grande diferença entre ele e James Bond não era uma questão de idade. Era uma questão de lealdade. Antigamente, os espi-

ões faziam o que faziam porque amavam seu país, porque amavam o que estavam fazendo. Mas ele, Alex, não tivera escolha. Atualmente, espiões não eram contratados. Eram usados.

Ele saiu do prédio com a intenção de andar até a estação do metrô, mas naquele exato momento passou um táxi e Alex fez sinal para que parasse. Estava cansado demais para usar transporte público. Ele olhou rapidamente para o motorista, que se debruçava sobre o volante, usando um cardigã artesanal muito mal tricotado, e arriou no banco de trás.

— Cheyne Walk, em Chelsea — falou Alex.

O motorista se virou para trás. E segurava um revólver. Seu rosto estava mais pálido do que da última vez em que Alex o vira, e a dor por causa dos dois tiros que levara era evidente, mas, por incrível que pudesse parecer, era Herod Sayle.

— Se você se mexer, *maldito* garoto, eu atirarei — falou Sayle. Sua voz destilava o mais puro ódio. — Se tentar alguma coisa, eu atiro. Fique sentado, quieto. Você vem comigo.

As portas foram trancadas automaticamente. Herod Sayle manobrou e continuou a dirigir, descendo a Liverpool Street, em direção ao centro da cidade.

Alex não sabia o que fazer. Tinha certeza de que Sayle planejava atirar nele de qualquer modo. Por que mais ele se arriscaria tanto a ponto de dirigir até a porta do quartel-general da MI6 em Londres? O garoto pensou em tentar abrir a janela e talvez chamar a atenção de outro carro no trânsito. Mas não funcionaria. Sayle se viraria para trás e o mataria. O homem não tinha nada a perder

Eles continuaram por mais dez minutos. Era sábado, e os escritórios do centro da cidade estavam fechados. Havia pouco trânsito. Sayle estacionou diante de um arranha-céu moderno, com a fachada de vidro e uma escultura abstrata — duas nozes de bronze, gigantescas, sobre uma placa de concreto — do lado de fora da porta da frente.

— Você vai sair do carro comigo — ordenou Sayle. — Eu e você vamos entrar no prédio. Se pensar em correr, lembre-se de que este revólver está apontado para as suas costas.

Sayle saiu primeiro do carro. Seus olhos permaneceram fixos em Alex o tempo todo. O garoto presumiu que as duas balas deviam ter acertado o homem no braço esquerdo e no ombro. A mão esquerda pendia frouxa. Mas

ele segurava o revólver com a mão direita, que estava muito firme, mirando as costas de Alex.

— Entre...

As portas do prédio estavam abertas. Alex se viu em uma entrada revestida de mármore, com sofás de couro e uma mesa de recepção curva. Não havia ninguém ali. Sayle gesticulou com o revólver e caminhou até os elevadores. Um deles esperava no térreo. Ele entrou.

— Vamos para o 29° andar — disse Sayle.

Alex apertou o botão.

— Estamos subindo para ver a vista? — perguntou.

Sayle assentiu.

— Você pode fazer todas as *malditas* piadas que quiser — falou. — Mas sou eu quem vai rir por último.

Eles ficaram em silêncio. Alex sentiu a pressão nos ouvidos conforme o elevador subia cada vez mais alto. Sayle o encarava, seu braço ferido pendurado de um lado, apoiando-se contra uma das paredes do elevador. Alex pensou em atacá-lo. Se ao menos conseguisse pegar o homem de surpresa, mas não... eles estavam próximos demais um do outro. E Sayle estava tenso como uma mola.

O elevador parou e as portas se abriram. Sayle acenou com o revólver.

— Vire à esquerda. Vai dar em uma porta. Abra-a.

Alex fez o que ele disse. Na porta havia uma placa onde se lia "Heliporto". Um lance de degraus de concreto levava para cima. Alex olhou de relance para Sayle. O homem assentiu.

— Abra.

Eles subiram os degraus e chegaram a outra porta com uma barra que a abria. Alex empurrou a barra e passou pela porta. Ele estava do lado de fora novamente, 30 andares acima, sobre um telhado plano, com uma antena de rádio e uma cerca de metal alta dando a volta em todo o perímetro. Alex e Sayle estavam parados sobre uma das pontas de uma enorme cruz pintada com tinta vermelha no chão. Ao olhar ao redor, o garoto viu toda a cidade até o Canary Wharf e mais além. Aquele parecera um dia tranquilo de primavera quando Alex deixara os escritórios do Royal & General. Mas ali em cima o vento era forte e as nuvens se agitavam no céu.

— Você arruinou tudo! — gritou Sayle. — Como fez isso? Como conseguiu me enganar? Eu o espancaria, se já fosse um homem! Mas eles manda-

ram um garoto! Um *maldito* estudante! Bem, ainda não terminou! Estou deixando a Inglaterra. Foi por isso que o trouxe aqui. Queria que você visse!

Sayle acenou com a cabeça e Alex virou-se e viu que havia um helicóptero pairando no ar, atrás dele. De onde viera? Era um helicóptero leve, com um único motor, pintado de vermelho e amarelo, e uma pessoa de óculos escuros e capacete diante dos controles. Um Colibri EC120B, um dos mais silenciosos do mundo. E girava ao redor de Alex, as hélices fazendo o ar vibrar.

— Essa é a minha passagem para fora daqui! — continuou Sayle. — Eles nunca vão me encontrar! E um dia eu voltarei. Na próxima vez, nada vai dar errado. E você não estará aqui para me deter. Este é seu fim! É aqui que você vai morrer!

Não havia nada que Alex pudesse fazer. Sayle ergueu o revólver e mirou, os olhos arregalados, as pupilas mais escuras do que jamais haviam sido, apenas pequenos pontos no branco saliente.

Ouviu-se o barulho de dois estampidos.

Alex olhou para baixo, esperando ver sangue. Não havia nada. Ele não sentia nada diferente. Então Sayle cambaleou e caiu de costas. Ele tinha dois buracos de bala no peito.

O helicóptero aterrissou no centro da cruz. O piloto desceu.

Ainda segurando o revólver que matara Herod Sayle, o homem foi até o corpo e examinou-o, empurrando-o com o pé. Satisfeito, sacudiu a cabeça e guardou o revólver. Ele desligara o motor do helicóptero e, no centro da cruz, as hélices foram diminuindo de velocidade até parar. Alex deu um passo adiante. O homem pareceu notá-lo pela primeira vez.

— Você é Yassen Gregorovich — falou Alex.

O russo assentiu. Era impossível adivinhar o que pensava. Seus olhos azul-claro não denunciavam nada.

— Por que você o matou? — perguntou Alex.

— Foram essas as minhas instruções — não havia sotaque algum na voz dele. Gregorovich falava baixo, com tranquilidade. — Ele se tornara um constrangimento. Foi melhor assim.

— Não para ele.

Yassen deu de ombros.

— E quanto a mim? — perguntou Alex.

O russo correu os olhos por Alex, como se o avaliasse.

— Não recebi instruções quanto a você — disse.

— Não vai atirar em mim, também?

— Eu teria algum motivo para isso?

Houve uma pausa. Os dois se encaravam por cima do corpo de Herod Sayle.

— Você matou Ian Rider — falou Alex. — Ele era meu tio.

Yassen deu de ombros.

— Eu mato muitas pessoas.

— Um dia eu vou matar você.

— Muitas pessoas já tentaram — Yassen sorriu. — Acredite em mim — disse —, seria melhor que não nos encontrássemos de novo. Volte para a escola. Volte para a sua vida. E na próxima vez que for chamado, diga não. Matar é para adultos, e você ainda é um garoto.

Ele deu as costas para Alex e subiu na cabine do helicóptero. As hélices voltaram a girar e, poucos segundos depois, o helicóptero erguia-se no ar. Por um momento ele ainda pairou ao lado do prédio. Por trás do vidro, Yassen levantou a mão. Um gesto de amizade? Uma despedida? O garoto também acenou. O helicóptero se afastou.

Alex ficou parado onde estava, observando-o, até que ele desapareceu na luz fraca do fim de tarde.